

SPEND IN

Autumn issue 2025 PORTO



A ESSÊNCIA DO ESSENCIAL

Aix-en-Provence • Algarve • Alicante • Andorra • Aragón • Asturias • Avignon • Barcelona • Biarritz • Bilbao • Bordeaux
Cannes • Cantabria • Castilla y León • Comporta • Galicia • Girona • Gran Canaria • Ibiza • La Rioja • Lisboa • Madrid • Málaga
Mallorca • Marbella • Marseille • Melides • Montpellier • Navarra • Nice • Paris • Porto • Punta Cana • Reus • San Sebastián
Santiago • Santo Domingo • São Paulo • Sevilla • Saint-Tropez • Tarragona • Tenerife • Toulouse • Valencia



ROLEX
PERPETUAL DATE

28

SUBMARINER
1000ft = 300m
SUPERLATIVE CHRONOMETER
OFFICIALLY CERTIFIED

SWISS MADE



REACH FOR THE CROWN

O SUBMARINER DATE

DAVID ROSAS
time experts

Porto • Avenida dos Aliados, 237
Algarve • Quinta Shopping, Loja 20
Funchal • Avenida Arriaga, 32
Tel. 226 061 060 • www.davidrosas.com



ROLEX



BENTLEY

O poder da distinção. O Novo Continental GT.

Um ícone renovado que combina potência e elegância numa harmonia perfeita.
Cada linha, cada detalhe foi desenhado para criar uma presença que não passa despercebida.
O futuro do grand touring começa aqui. Faça Scan para descobrir mais.

Continental GT (hybrid) ciclo de condução WLTP: Consumo de combustível, mpg (l/100 km) – Combinado com bateria descarregada 10,3. Consumo elétrico combinado – 28,1 (kWh/100 km). Emissões combinadas de CO₂ – 29 g/km. Classe de CO₂ ponderada combinada – B. Classe de CO₂ com bateria descarregada – G.

O nome Bentley e o emblema B são marcas registadas. © 2025 Bentley Motors Limited. Modelo apresentado: Continental GT.



BENTLEY PORTO



Minotti
P O R T O

BY **SMOKESIGNALS**

AVENIDA DA BOAVISTA, 1783 - 4100-132 PORTO

T. +351 911 160 582 - INFO@MINOTTIPORTO.PT



COUPÉ DESIGN GIAMPIERO TAGLIAFERRI
MINOTTI.COM

Minotti

Descubra Cap Cana

Desfrute de praias espetaculares e do campo de golfe Punta Espada, reconhecido como o número 1 das Caraíbas e do México. Navegue desde a marina para uma experiência de pesca inesquecível ou junte-se à aventura dos parques temáticos Scape Park e El Dorado Water Park. Delicie-se com a gastronomia requintada de mais de 50 restaurantes e com a hospitalidade oferecida no Eden Roc Cap Cana, Secrets Cap Cana, Sanctuary Cap Cana, Dreams Cap Cana, Hyatt Ziva e Hyatt Zilara, Sports Illustrated Resort e St. Regis Cap Cana Resorts & Residences.



+1 (809) 669-6837 | capcanarealestate.com |    



CAPCANA
Ciudad Destino



A FORÇA TRANSFORMADORA DA ARTE

Quando se percorre as salas do Centro Botín em Santander, do qual a SPEND-IN é uma entidade colaboradora, é inevitável questionar-nos sobre a sua essência, a magia inexplicável que faz com que a arte, em todas as suas manifestações, ligue seres humanos de diferentes épocas, culturas e latitudes. É uma linguagem universal, escrita com emoções e geometria, proporções por vezes imprecisas, e aquela paixão que define o ser humano. Não importa o suporte: tela, barro, madeira ou a silhueta vigorosa do edifício de Renzo Piano sobre o mar calmo de uma tarde qualquer em Santander. A arte foi, é e será um dos pilares que inspiram cada uma das nossas edições, porque sabemos que por detrás de cada empresa, de cada conquista e de cada projeto há sempre uma dimensão artística que inspira, orienta e motiva. A arte e a cultura são forças transformadoras essenciais para a sociedade. Um motor de mudança que não pode ser parado. Hoje, graças a iniciativas de todo o tipo, como a Fundação Botín, a arte é acessível a todos, e acredito que é um dos grandes avanços daquilo a que chamamos o mundo contemporâneo.

Não consigo descrever a sinfonia de emoções e estímulos que a exposição de Maruja Mallo me suscitou. Uma mulher que foi um símbolo de vanguarda numa época nada fácil. É difícil pôr em palavras a turbulência emocional que a sua pintura provoca, embora, acima de tudo, tenha ficado com a ideia de que a arte não é apenas prazer estético, mas também um espelho que nos permite refletir sobre a nossa

realidade, esperanças e contradições enquanto indivíduos e enquanto sociedade. É impossível não ver o cenário atual de uma forma diferente depois de contemplar a obra de artistas como ela, porque desafia as convenções e evoca as vozes dos dissidentes e dos despossuídos. Afasta-nos da nossa zona de conforto e estimula uma empatia direta que pouco tem a ver com a interação vazia que, frequentemente, as redes sociais cultivam. Arte é criação, imaginação e inspiração. Um universo que se vive, que não se explica pelos muitos livros que foram escritos ou lidos. Não há nada como mergulhar numa exposição, conhecer artistas que, através das suas obras, abrem uma janela para a sua alma, as suas inquietações e a sua experiência de vida.

Espero que as nossas reportagens e artigos reflitam fielmente essa energia, essa “fome de viver”. Queremos partilhar convosco esta dimensão artística que, desde tempos imemoriais, une a criação artística e o desenvolvimento humano com laços de ouro. O nosso objetivo é que as nossas páginas sejam um arauto que reflita o poder transformador da arte, que, para além da estética, seja uma ferramenta que forje sociedades mais críticas, livres e justas, mais cultas e educadas, mais criativas e prósperas, mais humanas e otimistas.

Incentivo-os a viver o percurso que começa com o coração e a mente cheios deste espírito. Feliz outono!

RICARDO GIMENO
Editor Executivo



Maruja Mallo, Máscaras. Diagonal II, cerca de 1949-1950. Óleo sobre tela. 33,5 x 30,5 cm. Coleção particular. Fonte: Centro Botín, Santander.

Edição: GLOBAL LUXURY COMMUNICATIONS.

Gerente: Ignacio López. **Editor Executivo:** Ricardo Gimeno. **Adjunta da Direção:** Alicia Gil. **Redação:** Karla Alcántara, Gabriel Álvarez, Antonio Álvarez-Cienfuegos, M. Aragüés, Lorenza Aranda, Belén Arce, Julie Arquero, Mario Azagra, Jean-Baptiste Fouyer, Pierre Cassini, João Castelo, Zoila Checa, Nicolás Balaguer, Kathleen Bendelack, Martín del Castillo, María Ignacia Culell, François-Xavier Duplá, Henri Eskenazi, Ignacio Estarán, Francisco G. Ávila, Josefina Grosso, Glenys González, María González, A. Guillén, Mamen Hazañas, Paz Hazañas, Carlota Lainez, Seishi Macdonald, Enrique Marco, Zee Marie, Anabel Moutinho, Alicia Navarro, Marina Oliveira, Laurence Ostolaza, Yareli Parra, Marcos Pereda, Amparo Peña, Isabel Pilar de Figueiredo, Paul Pilcher, Hugo Pinha, Andrés Puch, Charo Ramos, Débora Rodrigues Lopes, Ricardo Roder, Martina Rossi, Karina Sánchez, Daniela Schwanke, Joan Sebastian, Alicia Senabre, Anthony Seynees, Maikel Tapia, Ángela Valero de Palma, Kino Verdú y Michael Wall. **Diretor de Arte, Layout e Design:** Alberto Ladrón. **Layout e Design:** David Gaya. **Tradução** supervisionada por Rachael West. **Fotografia:** Roberto Arnaiz, Erika Barahona, María Calafat, Jaume Capellá, Sofia Cases, Tomeu Coll, Igor Díez, Daniel Duarte, Adolfo Enríquez, Sergio Ferreira, Frameyou (Pedro Corrêa da Silva, Manuel Antunes e Filipe Faleiro Cruz), Román García Aguilera, Tony García, Rodrigo Gimeno, Alba Giné, Marta Goro, María Guerra, Jaime Machado, Angelina Magne, Mela, Pedro Melo, Carlitos Miranda, Adolfo Moreno, Anna Moshi, Andrea Nájera, María Natali, Pär Olssen, Fernanda Padilla, Anna Panic, Mayte Piera, Juan Quesada, Cristina Sarmentero, Alfonso Suárez, Javier Tomás, Cristina Tovar, Catherine Uribechevarría Massion, Bart van de Voort, Adrián Vázquez, Jaime Verd y Mark Zlick.

GLOBAL LUXURY COMMUNICATIONS S.L. não se identifica necessariamente com o conteúdo dos artigos ou com as opiniões dos seus colaboradores.

A reprodução total ou parcial é proibida sem a autorização expressa do editor. D.L.M.-38.073-2003 // ISSN 1696-8158.

SPEND IN

AUTUMN ISSUE



Pág. 80. Sara Puig



Imagem de capa: Fundació Joan Miró, Barcelona.
© Fundació Joan Miró. Fotografia: Pep Herrero



Pág. 106. Javier Zubiria



Pág. 92. Irmãos Campana



Pág. 36. Rosewood



Pág. 66.
Louis
Vuitton



Pág. 88. Mestres tecelões e conservadores



Pág. 104. Alessandro Minotti

034.... QUANDO O DETALHE É TUDO. *Advice*

036.... ROSEWOOD. *Fun*

038.... LUIS ALFARO IMAZ. *Entrevista*

040.... PENHA LONGA RESORT. *Fun*

044.... CHRISTOFLE. *Advice*

046.... PACO RONCERO RESTAURANTE. *Gourmet*

048.... JADER ALMEIDA. *Advice*

050.... BELCANTO. *Gourmet*

052.... BRUNELLO CUCINELLI. *Advice*

054.... STYLE IN PROGRESS. *Style*

056.... SPRING SUMMER COLLECTION 2026. *Style*

058.... GIACOMETA BY CARLA PLESSI. *Style*

060.... MARITZA ACEVEDO. *Style*

062.... PATTY YUNÉN LATOUR. *Essential*

066.... LOUIS VUITTON. *Advice*

068.... DANIEL FERNÁNDEZ. *Essential*

070.... TALENTYA. *Essential*

074.... ANA MAGALHÃES. *Entrevista*

076.... VERA CÍNTIA ÁLVAREZ. *Arte & Cultura*

080.... SARA PUIG. *Arte & Cultura*

086.... THE BUGATTI OF HYDRA. *Arte & Cultura*

088.... MESTRES TECELÕES E CONSERVADORES. *Arte & Cultura*

092.... IRMÃOS CAMPANA. *Advice*

094.... NICK KNIGHT. *Arte & Cultura*

098.... CATHARINA MARTINS MIGUEL HELITO. *Arte & Cultura*

102.... V-ZUG. *Know-How*

104.... ALESSANDRO MINOTTI. *Know-How*

106.... JAVIER ZUBIRIA. *Architecture*

110.... ÓSCAR TORREJÓN. *Architecture*

FRITZ HANSEN



ONELINE™ PENDANT
KASPER KJELDGAARD

ONELINE™

Uniquely minimalist, Oneline™ pendant draws on Nordic simplicity to illuminate spaces with ambient light and reflective details.



DISPONÍVEL EM:

Loja Lisboa
Av. Conselheiro
Fernando de Sousa 27 A
1070-072 Lisboa
Tel: (+351) 213 825 350

Loja Lisboa
Santos
Av. D. Carlos 109
1200-648 Lisboa
Tel: (+351) 210 519 866

Loja Porto
Ed. Real Vinícola
Av. Menéres 456, Loja 2
4450-189 Matosinhos
Tel: (+351) 226 008 716

Loja Caminha
Rua Conselheiro Miguel
Dantas 52 R/C D
4910-131 Caminha
Tel: (+351) 258 728 141

Loja Caldas da Rainha
R. da Nazaré 2
2500-163
Caldas da Rainha
Tel: (+351) 262 243 727

Ignacio Mateos

Este jovem empreendedor conseguiu aquilo que muitos tentam mas poucos conseguem: transformar as suas duas paixões, a arte e a meditação, num estilo de vida. Fundador da Artpath e especialista em contemplação artística, convida-nos a olhar com outros olhos – e, sobretudo, a parar para ver além do que nos rodeia.

Ignacio Mateos não se define como artista nem como mestre zen, embora possa muito bem ser ambos. Apresenta-se como “escritor e divulgador que acredita firmemente no poder da meditação contemplativa através da arte”, e basta ouvi-lo falar para perceber que não se trata de uma pose: é uma filosofia de vida tecida entre a pintura de Monet, as gravuras japonesas de Hokusai e os silêncios do templo budista de Nova Iorque, onde aprendeu a respirar. Nascido em Saragoça, Ignacio cresceu rodeado de livros, discos e uma curiosidade insaciável que o levou às artes. Licenciado em Belas Artes e mestre ‘cum laude’ pelo Sotheby’s Institute of Art de Nova Iorque graças a uma bolsa de estudos, começou a sua carreira no mercado internacional de arte trabalhando em galerias, leiloeiras e feiras. Mas foi durante uma visita ao MoMA, diante de uma das versões de ‘Os nenúfares’ de Monet, que algo fez clique: “Experimentei uma calma muito semelhante à de uma sessão de meditação. Foi aí que compreendi que a arte também pode ser um caminho para o bem-estar interior”. Dessa revelação nasceu Artpath, o seu projeto mais pessoal: uma organização que promove a meditação através da contemplação artística. O que começou como uma inquietação transformou-se num método adotado por alguns dos museus mais prestigiados do mundo. A sua proposta é simples, mas profunda: parar, observar, sentir e deixar que a beleza nos invada sem pressa. “Vivemos numa sociedade saturada de estímulos visuais. A contemplação é uma forma de voltar a olhar com intenção, de despertar a criatividade, reduzir o stress e conectar-se com o que realmente importa”, explica. Além de Artpath, Ignacio colabora com meios de comunicação como o El Confidencial, onde escreve sobre artes plásticas e acaba de publicar Mediarte, uma obra literária que introduz os leitores na meditação através da arte. Viveu em São Paulo, Nova Iorque, Madrid e, claro, Saragoça,



Ignacio Mateos lembra-nos que a arte e a meditação não só podem conviver, como também potenciar-se mutuamente. Através de Artpath, o seu projeto vital, este saragoçano com alma nova-iorquina propõe-nos uma forma de olhar com calma, conectar com o essencial e reconquistar aquele silêncio interior que tantas vezes esquecemos – através da beleza. Um convite a viver com mais consciência, sensibilidade e presença.

que define como “uma infância feliz e uma família maravilhosa”. Quando fala do seu pai, médico e historiador, e do seu tio-avô jesuíta, recorda com emoção os valores que sempre o guiaram: humildade, perseverança e reflexão. Defende também que as atividades criativas, longe de serem um luxo, são uma necessidade. “A nossa capacidade criativa é uma das forças mais poderosas da natureza. Através dela, não só curamos, como também construímos, resolvemos e transformamos”,

sublinha. No quotidiano, Ignacio aplica o seu método também fora dos museus. A contemplação pode ser encontrada num passeio pela natureza, numa obra de arte... ou até diante de uma chávena de café. “O essencial é integrar a meditação na vida real. Não se trata de se desconectar do mundo, mas de estar presente nele, porém com outro olhar”, observa. E esse olhar, o seu, convida-nos a parar. A respirar. E a lembrar que, no meio de tanto ruído, ainda existe um espaço para a calma.



Erica design Antonio Citterio
bebitalia.com

FORMICASA

Av. João Paulo II, n. 630. 4470-519. Maia
T. +351 22 948 27 60 - www.formicasa.com - formicasa@formicasa.com

B&B
ITALIA **OUTDOOR**

Manuel de Novaes Cabral

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES
Fotografia por @LEONEL CASTRO

Manuel de Novaes Cabral é presidente da Fundação Museu Nacional Ferroviário, um cargo onde se cruzam os trilhos da cultura, da história e da gestão. Um percurso de décadas ao serviço da administração pública culmina agora num desafio que celebra o património e a memória coletiva.

Um gestor humanista, que tem a cultura como guião. É assim que Manuel de Novaes Cabral se define. E basta observar o seu percurso para entender que essa não é uma frase feita é um espelho fiel de quem sempre viu o serviço público como uma oportunidade de criar pontes entre pessoas, territórios e ideias. Com formação em Direito e Economia, iniciou o seu percurso na CCDRN, passando pela Câmara Municipal do Porto, o Ministério das Obras Públicas, Transportes e Habitação, e o Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto. Uma vida profissional multifacetada, sempre guiada por um sentido profundo de responsabilidade cultural e cívica.

A presidência da Fundação Museu Nacional Ferroviário surge em 2020, depois de um regresso à Infraestruturas de Portugal. “Aceitei de imediato”, recorda, “pois essa entidade e função permitem-me cruzar um conjunto de valências que fui acumulando: a gestão, a história, o património, a cultura, o território, as artes, a tecnologia...” Tudo isso, claro, com a equipa certa ao lado. “Trabalhar com uma equipa muito profissional e dedicada faz a diferença.” A verdade é que o Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento, é hoje um dos mais relevantes do seu género em todo o mundo. Com 4,5 hectares e uma coleção absolutamente singular, graças, em parte, à história política de Portugal, que escapou aos efeitos destrutivos de guerras como a civil espanhola, o museu oferece muito mais do que uma viagem ao passado. “Contamos quase duzentos anos da História de Portugal, desde o liberalismo aos nossos dias”, afirma. Entre simuladores, mini-comboios, visitas aos bairros ferroviários e peças únicas como o Comboio Real – o único completo na Europa- ou o Comboio Presidencial, ainda ativo, o museu transformase num espaço de emoção e descoberta. Mas para o presidente, o essencial está nas pessoas. “Os nossos funcionários são uns privilegiados: sabem muitas histórias e contam-nas bem; e todos os dias ouvem novas, pois os visitantes trazem-lhes um enorme manancial.” Há emoção



Para Manuel de Novaes Cabral, cada visita ao Museu Nacional Ferroviário é uma viagem sensorial: pelas memórias de infância, pelo valor do património, pela emoção dos encontros. Um legado com alma, entre a razão, a beleza e o movimento contínuo.

nas visitas. Há lágrimas. Há recordações. “Eu próprio lembro viagens passadas, com tias e avós, algumas ainda do tempo do carvão...”. Nascido no coração do Porto e registado em Felgueiras, Manuel cresceu numa família tradicional, mas aberta ao mundo. Herdou dos pais valores de honradez, solidariedade e sentido de comunidade. “Transmitiram-me a importância da palavra e do bem comum”, partilha. A sua ligação à ferrovia é emocional, tal como a que viveu no setor do vinho, outra das suas paixões, onde descobriu uma ponte curiosa: “Uma das aproximações da ferrovia ao vinho são exatamente as emoções.”

Com a celebração dos 10 anos do museu, o desafio é projetar o futuro sem perder o norte da memória. “O comboio sempre significou progresso, desenvolvimento, aproximação entre povos.” E talvez por isso, acredita que a ferrovia é mais do que um meio de transporte: “Podemos fazer da ferrovia uma emulação das nossas vidas e da nossa existência.” Quando lhe pedem que defina a essência do essencial, hesita. Passa pela amizade, pelo amor, pela beleza. Mas chega à razão. “É através da razão que chegamos aos outros conceitos, aos outros valores. Sim, talvez a essência do essencial seja a razão.”



JACOB COHEN

Patricia Guillaumet e Paloma Díez-Hochleitner

Estas duas mulheres empreendedoras lideram a COLOMBA REAL ESTATE, uma boutique imobiliária de referência. Graças à sua visão personalizada e estratégica, redefiniram o conceito de consultoria imobiliária de alto nível e experiência premium para o cliente.

Texto por BELÉN ARCE • Fotografia por FERNANDA PADILLA

Com a temperança que outorga a experiência e a sensibilidade próprias de quem entende o luxo como sinónimo de qualidade humana, Paloma Díez-Hochleitner e Patricia Guillaumet dirigem há mais de vinte anos a Colomba Real Estate, uma boutique imobiliária que se converteu em sinónimo de discrição, exclusividade e excelência em Madrid. O que começou como uma aliança profissional entre duas mulheres com percursos diferentes e complementares – uma com formação em Gestão de Empresas e experiência em taxaço e gestão de património; a outra com estudos em La Sorbonne, bagagem no mundo das artes e uma vocação marcada pelo trato pessoal – é hoje um projeto sólido e reconhecido que vai muito além da simples intermediação imobiliária. “Atuamos como ‘personal shoppers’. Não vendemos casas, ajudamos a encontrar um lar”, explicam com convicção. A chave do seu êxito reside no foco personalizado: cada cliente é tratado com o mesmo cuidado com que se seleciona uma joia. E assim, como quem descobre um diamante em bruto, a Colomba oferece acesso a propriedades que não se encontram no mercado público, graças a uma rede de contactos construída ao longo dos anos. Essa capacidade de movimento ‘off-market’, unida à sua ética de trabalho, converte a empresa numa referência para quem procura comprar ou investir com garantias e tranquilidade. Contudo, o que mais valorizam os seus clientes – e transmitem-no em cada encontro – é essa mistura de profissionalismo, empatia e compromisso que define tanto a Patricia como a Paloma. “Colocamos a alma no que fazemos”, afirmam. “Ouvimos, acompanhamos e protegemos os interesses de quem confia em nós”, acrescentam. A essa excelência profissional acresce uma dimensão humana que estrutura todo o seu trabalho. Patricia, nascida em São Paulo e marcada por uma infância de constantes mudanças, encontrou no setor imobiliário uma forma de dar



No tão saturado mundo do ‘real estate’, a Colomba Boutique Inmobiliaria soube diferenciar-se graças à liderança de Paloma Díez-Hochleitner e Patricia Guillaumet, duas mulheres que fizeram da consultoria personalizada, da discrição e da ética os seus pilares. O seu foco, enquanto ‘personal shoppers’ imobiliárias, fez delas uma empresa de referência para quem procura algo mais do que uma propriedade: uma experiência de confiança, qualidade e trato humano que faz a diferença em cada operação e permanece na memória de quem nelas confia.

sentido a esse ir e vir de lugares. Paloma, a sexta de sete irmãos, foi criada num ambiente de respeito, multiculturalidade e empatia que hoje se transfere para a sua maneira de assessorar. Para ambas, o essencial na vida é as pessoas, a família, os vínculos duradouros. E essa filosofia nota-se em cada canto da Colomba. O seu âmbito de atuação centra-se em vivendas de médio e alto ‘standing’ nas melhores zonas de Madrid, sempre com um foco ‘boutique’

que foge do impessoal. Aqui não há automatismos nem pressas, mas tempo, detalhe e dedicação em cada passo do processo. Como empresárias, como mulheres, como pessoas, Paloma e Patricia representam uma forma distinta, mais humana, mais consciente de entender o setor imobiliário. E, talvez por isso, o seu trabalho não só deixa marca nas casas que vendem, mas também em quem as habita e confia nelas.

bulthaup



bulthaup Lisboa
Desenhabitado
Rua das Amoreiras nº 70 b
1250-024 Lisboa

+351 21 468 080 8
bulthaup@desenhabitado.pt
lisboa.bulthaup.com



CORINNE BENSACHEL,

from Baobab Collection with love

Texto por ISABEL PILAR DE FIGUEIREDO

Criativa com espiritualidade." É assim que Corinne Bensachel, mestrada em Economia, e atualmente diretora criativa e vice-presidente executiva da BAOBAB COLLECTION, se descreve numa única frase. Esta síntese revela muito do seu percurso e da alma que imprime a tudo o que faz. Corinne, na primeira pessoa.



Corinne Bensachel, creative director Baobab Collection

A sua formação académica, um mestrado em Economia, foi uma escolha influenciada pela mãe. "Querida entrar nas Belas-Artes, mas naquela época a arte não era um verdadeiro trabalho", recorda. "Para os meus pais, ambos intelectuais, era essencial ter uma base sólida." Mas, como nos diz, "no fim, não se escapa àquilo que se é". Toda a sua vida profissional girou em torno do marketing, da escrita e da criação, quer como consultora, quer integrada em empresas, como é hoje o caso da Baobab Collection.

O encontro com a marca deu-se em 2012. Entretanto, conhece Alain Lahy, já acionista da Baobab e, em 2015, passa a fazer parte do projeto e assume a responsabilidade de fazer crescer a marca, focando-se no desenvolvimento de produto e na estratégia de marketing. "O meu trabalho consistia em avaliar o valor intangível das marcas, o seu potencial. Os investidores querem perceber o futuro de uma marca, onde pode chegar em termos de posicionamento e produto."

Não é fácil para Corinne definir a Baobab Collection de forma linear. "Somos uma mar-

ca de fragrâncias para a casa, mas também somos uma marca de decoração. Isso torna-nos muito especiais." A criação de uma nova vela ou difusor começa sempre com uma ideia, muitas vezes inspirada por uma viagem, uma cultura ou uma direção espiritual. "Criar é também um exercício de psicologia. É preciso observar o mundo, ser sensível, cultivar o olhar, ler, ir a museus, a galerias de arte, ver filmes. Estar um passo à frente da tendência." Depois da ideia, vem o design do vidro e só depois a criação do perfume. "É assim que funciona comigo, quase sempre."

A autenticidade e a qualidade são princípios inegociáveis. Corinne destaca a relação próxima com os artesãos – os sopradores de vidro na Polónia, os ceramistas em Portugal, e todos os que, nas fábricas, finalizam as velas e os difusores. De todas as coleções, há uma que tem um significado particularmente pessoal: a vela Women. "O perfume expressa o amor que sentia pela minha mãe, que morreu de cancro da mama. O design é muito gráfico, inspirado no estilo do decorador David Hicks."

Quando se refere a "essência do essencial", Corinne responde com o coração: "É o amor. Nada se conquista sem amor, e eu coloco amor em tudo o que crio"



LIVINGDIVANI.IT +39 031 630954

EXTRASOFT
PIERO LISSONI

hb
design•brands

Agente para Portugal
HB DESIGN BRANDS | Hugo Barreto
hb@hbdesignbrands.com
+351 917 427 956

LIVING
DIVANI



CASA DE CHÁ DA BOA NOVA

Leça da Palmeira

Av. Liberdade 1681
www.casadechadaboanova.pt

Entre rochedos e marés, ergue-se a Casa de Chá da Boa Nova, onde a cozinha de Rui Paula se entrelaça com a poesia de Camões e o som do Atlântico. Um lugar raro, onde o tempo desacelera e a memória ganha sabor, elevando a experiência à altura da paisagem. Uma ode à alma portuguesa, com certeza.

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES

A poucos metros do mar bravo de Leça da Palmeira, a Casa de Chá da Boa Nova não é apenas um restaurante. É um lugar com alma, onde a arquitetura, a natureza e a gastronomia se encontram num diálogo silencioso, mas arrebatador. Desenhada por Álvaro Siza Vieira nos anos 60, a casa parece crescer das rochas, numa cumplicidade com o mar que nos deixa suspensos entre o céu e o sal. Sob a batuta criativa de Rui Paula, este é também um palco sensorial, onde cada prato conta uma história e cada ingrediente é tratado com a delicadeza de um poema. “Por mares nunca dantes navegados” é o nome do menu, inspirado na obra de Luís de Camões e no espírito dos descobrimentos que marcam identidade lusitana. Aqui, navega-se entre o passado e o futuro, com a memória como bússola e o mar como inspiração. É uma viagem que se pode escolher viver em diferentes rotas, com mais ou menos etapas, sempre com o mesmo desfecho: um assombro sereno, daqueles que nos fazem agradecer por termos vindo. Sente-se isso em cada gesto, em cada prato servido com a precisão de quem respeita a tradição, mas não teme reinventá-la. As texturas, os contrastes e a limpidez dos sabores revelam

um trabalho de maturação, tanto técnica como emocional, que faz da cozinha o que ela deve ser: uma linguagem de afetos. Cada elemento parece convocado e nenhum está ali por acaso. O mar está omnipresente: no prato, na vista, no som. Não apenas como tema, mas como matéria-prima: literal e simbólica. Os peixes e mariscos são tratados com uma reverência quase cerimonial. Mas há também espaço para surpreender, com ingredientes da terra que se revelam em harmonias improváveis, como se fossem notas de uma guitarra portuguesa tocada de olhos fechados, com a mestria de quem conhece a sua arte como ninguém. Na cozinha, a chef executiva Catarina Correia imprime uma

Com mais de 450 referências, a carta do sommelier Carlos Monteiro é uma viagem paralela, feita de harmonias, precisão e puro prazer



Rui Paula



Entre o som das ondas e a luz atlântica, a Casa de Chá da Boa Nova é um lugar onde tudo acontece em silêncio. A cozinha de Rui Paula, conduzida pela chef Catarina Correia, é tradição, modernidade e emoção. A paisagem entra pela sala, o vinho segue o prato, e a experiência é total: sensorial, cultural, consciente. Aqui, come-se com a alma, ouve-se o mar e sente-se o mundo.



Inspirado em Camões e na epopeia da descoberta, o menu “Por mares nunca dantes navegados” é o astrolábio que nos guia os sentidos e celebra o passado com visão de futuro



sensibilidade muito própria, é ela quem conduz esta orquestra de sabores, com uma precisão elegante que já lhe valeu duas estrelas Michelin. O serviço acompanha esta delicadeza com discrição e perícia. A sala é luminosa, aberta sobre o mar, e conduz-nos naturalmente à contemplação. Cada momento é coreografado com uma elegância que nunca pesa, uma sofisticação que se deixa esquecer, para que o essencial possa emergir: o sabor, a emoção, o silêncio interior que só lugares muito especiais nos sabem dar. Na carta de vinhos, cuidadosamente desenhada para dialogar com a gastronomia. A curadoria é do sommelier Carlos Monteiro, uma referência na arte de harmonizar com inteligência e emoção. Cada copo é um gesto de continuidade, que amplia e eleva a viagem do

prato. Há também uma consciência silenciosa que atravessa esta casa: a sustentabilidade não é bandeira, é prática diária. Valorizam-se os produtos locais, respeitam-se os ciclos da terra e do mar, privilegia-se a longevidade dos recursos, das relações e do próprio planeta. A beleza aqui não se constrói à custa de nada, apenas com o que a natureza dá, no seu tempo, com respeito e gratidão. Na Casa de Chá da Boa Nova não se janta apenas: assiste-se a um espetáculo de mar e de memória, onde cada detalhe está afinado para deixar uma marca. E a paisagem oferece uma moldura viva a esta experiência que nos faz sair mais leves, mais inteiros. Esta casa é património e destino, é a prova que a gastronomia, quando é verdadeira, mais do que arte, é uma forma de estar no mundo.

MANTA 'CONTESSA' EM LÃ DE MERINO

by
TROSSEAU



Ao longo de mais de três décadas, a Trousseau construiu um legado onde tradição, inovação e elegância se entrelaçam com suavidade. Ícone do bem viver, a marca tornou-se referência em qualidade e estética atemporal, reafirmando esse compromisso em cada detalhe das suas peças.

Exemplo disso é a manta Contessa, feita em 100% lã virgem de merino, uma fibra nobre obtida na primeira tosquia da ovelha. Extremamente leve, durável e naturalmente macia, oferece conforto em todas as estações, com um toque acolhedor e suave

— uma elegância discreta de quem conhece o valor dos detalhes. O acabamento, com barra larga em cor coordenada e verso liso na mesma tonalidade, compõe um jogo sutil de texturas e tons. Mais do que uma manta, é uma peça de atmosfera. Uma forma de vestir a casa com personalidade e de transformar o gesto do aconchego num ritual de bem-estar sensorial e diário.

Disponível numa ampla paleta de cores, Contessa reflete o espírito da marca: qualidade, estilo e um cuidado que se sente na pele — essencial em tudo, excepcional em cada detalhe, pensado para durar, viver e sentir.

Texto por DANIELA SCHWANKE



Sónia Sendim, floral designer é o rosto da COPPA



COPPA FLORES & EVENTOS

Porto

**Rua do Crasto, 41. Foz do Douro
www.coppaflores.com**

Da harmonia das flores à arte de celebrar: a COPPA transforma eventos em experiências com alma, onde o design floral, o conceito visual e cada pequeno detalhe são pensados com intenção, beleza e um profundo sentido estético.

Texto por **DANIELA SCHWANKE**

Apaixonada pela beleza das flores e pela arte de bem receber, Sonia Sendim fundou a COPPA há 15 anos, com uma sólida experiência na área. O projeto nasceu das flores, mas floresceu no universo dos eventos, tornando-se uma referência de bom gosto, criatividade e personalização em Portugal.

“Adoro misturar texturas e tons, procurar a harmonia perfeita. Não é fácil, mas, quando conseguimos, é mesmo surpreendente”, explica Sonia. Nenhum evento é igual a outro, e é precisamente isso que move a equipa da COPPA. Hoje, a marca é muito mais do que flores: é um atelier criativo de eventos 360°, que desenha e executa casamentos, festas e celebrações com curadoria estética e dedicação total. Do conceito ao styling, do bouquet à cenografia — tudo é pensado com intenção e rigor.

Este novo momento ganha ainda mais força com a chegada de Francisca Sendim Botelho, filha de Sonia e formada em marketing, que imprime à marca uma visão contemporânea, mantendo a sua essência e trazendo-lhe uma nova energia.

A grande novidade de 2025? A nova loja na Foz, no Porto: um espaço elegante e sensorial, que nasce para ser mais do que um ponto de venda — é um lugar de encontro, de inspiração e de partilha.



“Cada detalhe é pensado com intenção, rigor estético e dedicação”, diz Sonia Sendim, da COPPA

MUSEU DE SERRALVES

R. Dom João de Castro 210. Porto
Tel: +351 226 156 500
www.serralves.pt
@fundacao_serralves

De 18 de julho de 2025 a 4 de janeiro de 2026, o Museu de Serralves recebe AALTO, uma exposição que mergulha no universo do mestre finlandês Alvar Aalto e das suas cúmplices criativas, Aino e Elissa, uma constelação criativa que moldou a arquitetura com alma, luz e propósito. Uma viagem pela arquitetura que abraça o ser humano, entre matéria, luz e silêncio.



Entre o traço preciso e a curva orgânica, o mundo de Alvar Aalto instala-se no Museu de Serralves com a serenidade das coisas que resistem ao tempo. A exposição AALTO, organizada em parceria com a Fundação Alvar Aalto, revisita um percurso profundamente humanista onde a arquitetura é menos gesto autoral do que prolongamento da vida. Ao lado de Aino e Elissa, Aalto desenhou escolas, bibliotecas, hospitais e casas. Mas prolongou ainda mais a humanidade material da sua obra com o desenho também de objetos do quotidiano como candeeiros, cadeiras, talheres. Sem desmerecer nunca, nenhuma das suas obras, fez todas com o mesmo compromisso. Tudo foi criado com a mesma atenção ao corpo, à luz, ao ar. Entre arquivos, maquetes, filmes e peças de design, esta mostra é um

Uma viagem sensorial ao coração do modernismo nórdico, onde a forma se curva à medida da vida. Um manifesto de beleza essencial

retrato íntimo de uma obra que soube fazer do modernismo uma linguagem com alma.

Do Sanatório de Paimio à Villa Mairea, da Biblioteca de Viipuri à Maison Carré, o percurso revela a dimensão do trabalho dos Aaltos, onde forma e função caminham em harmonia e a natureza nunca é só paisagem, mas presença ativa, funcional e envolvente. A obra veste-se da natureza e a natureza ficaria mais pobre sem a obra.

Mais do que celebrar um arquiteto, esta exposição propõe uma pausa. Um olhar atento sobre a arquitetura que cuida, que não impõe, que se oferece ao deleite de quem a olha. Em tempos de ruído e excesso, AALTO lembra-nos que a beleza pode ser uma forma de gentileza. E que o essencial e o simples continuam a ter lugar.

DESCUBRA ZOE TOP: PERSONALIZÁVEL, REFINADO E COM GEOMETRIA CIRCULAR.
É UM DESTAQUE NA CASA DE BANHO.

silestone®



COSENTINO®

Meaningful Design to Inspire People's Lives

CITY LISBOA Av. da Liberdade 180. Tivoli Forum. citylisboa@cosentino.com | CITY PORTO Rua do Bonjardim 290-296. Porto. cityporto@cosentino.com
Inspire-se em [cosentino.com](https://www.cosentino.com)



O TEMPO É UMA ARTE

Texto por KINO VERDÚ

PATEK PHILIPPE apresentou a sua nova coleção 'Rare Handcrafts 2025', uma encantadora viagem através da mestria técnica e criatividade dos artesãos da manufatura genebrina. Uma esplêndida galeria de maravilhas, constelada por setenta e oito peças que refletem saberes ancestrais, como a pintura em miniatura, a gravura manual ou a micromarçhetaria em madeira.

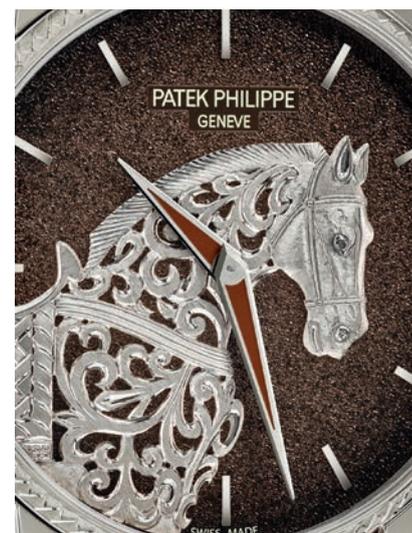


5086R-001 (Jules Verne, 'Five Weeks in a Balloon')

Uma visão precisa, de águia. Um pulso firme. Mãos delicadas. E um sentimento e sentido artísticos maravilhosos e deslumbrantes. A determinação e o esforço da Patek Philippe por manter vivas (e aperfeiçoar) técnicas ancestrais no mundo da alta relojoaria é sublime, um verdadeiro tributo à perfeição artesanal, e a coleção 'Rare Handcrafts 2025' demonstra isso mesmo, porque o artesanato é arte (nem maior nem menor). Arte, com maiúsculas. Apresentada em abril passado na sua icônica e histórica sede na Rue du Rhône, em Genebra, a série inclui setenta e oito exemplares no total, distribuídos por vinte e três relógios e minirrelógios de mesa 'Dôme', um relógio de mesa, dez de bolso e quarenta e quatro de pulso 'Calatrava' e 'Golden Elipse'. Estes exibem a destreza dos seus mestres artesãos nesta frágil paisagem de esmalte — onde o menor erro na flutuação da elevada temperatura pode arruinar todo o trabalho — com técnicas como o 'Grand Feu cloisonné', pintura em miniatura, 'grisaille', 'flinqué', 'paillonné', esmaltes de 'Fauré', gravura manual, guilhoché manual e engaste. Patek Philippe

também prestou homenagem a técnicas inovadoras e contemporâneas, como os esmaltes sobre faiança de 'Longwy' e a micromarçhetaria em madeira, que surgem pela primeira vez este ano num relógio de mesa 'Dôme'. A esta sucessão de joias artesanais juntam-se peças realizadas com a chamada técnica mista, combinando esmalte 'cloisonné' com o 'paillonné', ou a pintura em miniatura sobre esmalte com gravura à mão, entre outras combinações. Para o lançamento da coleção 'Rare Handcrafts 2025', a Patek Philippe criou um cenário dividido em três ecossistemas. Um espaço aninhado sob a influência dos signos do zodíaco e dos quatro elementos: com doze relógios de pulso Calatrava, biséis 'guillochés Clous de Paris' e mostradores em esmalte 'grisaille' branco de Limoges, esmalte Grand Feu cloisonné e esmalte 'paillonné', onde surgem as constelações dos signos do zodíaco. Um segundo 'leitmotiv,' um hino às belezas naturais, no qual a fauna, a flora e as paisagens se movem, com especial paixão pelas aves. E um terceiro 'momento' expressa uma ode aos grandes momentos da aventura humana.

A nova coleção 'Rare Handcrafts 2025' da Patek Philippe reflete o seu amor pelas técnicas ancestrais e realça a alma da alta relojoaria



5278/500G-001 (Horse)

AUSCULTADORES EM PELE PIPPA

by
HERMÈS



A maison Hermès é sinónimo de excelência. Do cruzamento entre alta tecnologia e tradição artesanal surgem estes auscultadores. Concebidos com materiais nobres e duradouros: pele natural de vaca para a diadema e de cordeiro para as almofadilhas, que proporcionam um ajuste ergonómico. O aro de alumínio confere leveza e a insígnia gravada, distinção. Quanto ao som, oferece uma reprodução de alta fidelidade com um equilíbrio perfeito entre graves profundos e agudos

nítidos. Graças à transmissão do som para o ouvido externo, reduz-se a fadiga auditiva sem sacrificar a qualidade. A tecnologia incorporada apresenta funcionalidades de última geração: cancelamento ativo de ruído para isolamento do ambiente, ligação sem fios ou por cabo, microfone integrado e controlos táteis intuitivos. Com um design requintado e linhas depuradas, estes auscultadores encarnam o espírito empreendedor da prestigiada marca francesa.

Texto por **ALICIA SENABRE**

SAND



Maison de parfums d'intérieur
eu.baobabcollection.com



B a o b a b
COLLECTION

EXPLORADORES DO ANO

Rolex National Geographic

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES

PABLO GARCÍA BORBOROGLU e BERTIE GREGORY são os Rolex National Geographic Explorers of the Year 2025. Um cientista e um cineasta que, juntos, transformaram pinguins em protagonistas de uma narrativa maior: sobre ciência, emoção e urgência ambiental. Uma dupla improvável com uma missão clara: proteger o planeta e contá-lo com beleza.



Num tempo em que o planeta exige atenção redobrada, a Rolex e a National Geographic voltam a distinguir aqueles que lhe dão voz, corpo e imagem: exploradores que transformam ciência em narrativa, e observação em ação. Pablo García Borboroglu e Bertie Gregory foram eleitos Explorers of the Year 2025. A distinção reconhece a sua colaboração recente, mas também o impacto individual de cada um: Borboroglu, conservacionista e cientista argentino, e Gregory, realizador britânico, dão corpo a

uma nova linguagem de urgência ambiental, onde ciência e storytelling se entrelaçam na perfeição. Borboroglu, fundador da Global Penguin Society e vencedor do Rolex Award for Enterprise em 2019, trabalha há mais de três décadas para proteger pinguins e os seus habitats. A sua ação direta já salvaguardou mais de 12 milhões de hectares de oceano e litoral, com impacto sobre milhões de aves marinhas. Mas talvez o mais notável do seu percurso seja a componente humana: através de programas educativos, levou mais de 13



Bertie Gregory



Pablo García Borboroglu



Borboroglu e Gregory unem ciência e imagem para mostrar o que está em risco e o que ainda pode ser protegido: o planeta terra

mil crianças a conhecer colônias de pinguins pela primeira vez. Não é apenas ciência. É reconexão. Gregory, por sua vez, tem vindo a conquistar o mundo natural com uma câmara e uma missão. Desde os 18 anos que filma o que muitos não conseguem sequer ver, colaborando com a National Geographic em projetos que nos levam ao limite do que é possível captar. *Leopards at the Door*, *Resurrection Island* ou *The Big Freeze* são mais do que documentários, são cartas de amor ao nosso planeta (em risco). Juntos, lançam agora “*Secrets of the Penguins*”, uma série documental produzida por James Cameron, que leva os espectadores numa viagem sem precedentes às paisagens inóspitas onde estas aves resistem, prosperam e surpreendem. A série explora comportamentos pouco conhecidos dos pinguins, revelando uma nova dimensão destes fantásticos animais, muitas vezes subestimados. A parceria entre a Rolex e a National Geographic já dura mais de 70 anos. O prémio



está integrado na Perpetual Planet Initiative, o compromisso contínuo da marca suíça com o futuro do planeta. Mais do que um patrocínio, é uma aliança com os que ousam ver mais longe e agir em prol deste planeta que continuamos a chamar de nosso, mas que cada vez mais estamos a perder. Para a Rolex, não basta contar o tempo é preciso mostrar que cada segundo é precioso e essencial na luta pela preservação de espécies e ecossistemas. Para a National Geographic não é suficiente mostrar o planeta, a sua

gransiosidade e beleza em cada dimensão. Duas das marcas mais conceituadas do mundo, unidas com um propósito: protegê-lo. Borboroglu e Gregory não podiam ser melhores exemplos dessa missão. Cientista e contador de histórias, académico e aventureiro, unem esforços num momento em que a preservação das espécies depende tanto da ciência como da nossa capacidade de escuta. Através deles, os pinguins voltam a ser símbolos de algo maior: a fragilidade do que é belo e a força de quem não desiste.

LÁPIS DE PINTAR DIAS CINZENTOS:

Obras da Coleção de Arte Fundação EDP

Texto por ISABEL PILAR DE FIGUEIREDO

MAAT
MUSEU DE ARTE,
ARQUITETURA
E TECNOLOGIA

Av. Brasília, Belém. 1300-598 Lisboa
Tel: +351 210 028 130
www.maat.pt
@maatmuseum

O MAAT (Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia), em Lisboa, recebe até 19 de janeiro de 2026 a exposição "Lápis de pintar dias cinzentos" – Obras da Coleção de Arte Fundação EDP e reúne obras de 21 artistas portugueses. O título tem por mote uma obra de Carlos Nogueira (1973). A curadoria é de Margarida Almeida Chantre.



Rodrigo Oliveira, Façade suprema, 2009. Foto: nuno Moreira Inácio, cortesia do artista

A exposição percorre seis salas do museu instalado à beira-rio, sendo quatro destes espaços dedicados em exclusivo a obras de Carlos Nogueira, Maria José Oliveira, Tomás Colaço e Luísa Correia Pereira. Nas demais salas, podemos encontrar trabalhos de Ana Pérez-Quiruga, Ângelo de Sousa, Eduardo Batarda, Eduardo Gageiro, Helena Almeida, Jorge Martins, Jorge Pinheiro, José Loureiro, Luísa Cunha, Manuela Marques, Maria Beatriz, Maria Pia Oliveira, Pedro Gomes, René Bertholo, Rita Magalhães, Rodrigo Oliveira

e Tiago Batista. Em comum, as obras selecionadas representam uma ideia de generosidade, “capaz de transformar momentos e, às vezes, até dias”, segundo a curadora da mostra, Margarida Almeida Chantre.

A Coleção de Arte Fundação EDP, iniciada no ano 2000, propõe-se abranger várias gerações de artistas portugueses contemporâneos, assim como distintas áreas e disciplinas da criação artística. Esta coleção engloba hoje cerca de 2540 obras, assinadas por mais de 345 artistas. O seu ponto de partida cronológico foi definido na

década de 1960, período de profundas ruturas artísticas e simbólico, por coincidir com a criação da Companhia Portuguesa de Eletricidade, antecessora do grupo EDP.

A iniciativa pretende celebrar “a generosidade dos artistas: do que veem, do que constroem, tempo que dedicam, do que transmutam. A generosidade da sua partilha”, segundo a sua curadora, Margarida Chantre. “Procurámos na coleção obras que revelassem esta generosidade capaz de transformar momentos e, às vezes, até dias”.

TRIBÙ



FLAGSHIP SHOWROOMS
Belgium - Oude Heidestraat 72, Bilzen
Italy - Via Felice Cavallotti 13, Milano
US - 8935 Beverly Boulevard, Los Angeles

ELIO modular sofa & DUNES low tables
by Yabu Pushelberg

[TRIBU.COM](https://www.tribu.com)

QUANDO O DETALHE É TUDO

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES

Entre o calor de uma vela perfumada e a intemporalidade de um porta-retratos em bambu prateado, a RALPH LAUREN HOME celebra a arte de viver com requinte e memória. Oferece-nos um regresso ao essencial: o prazer de viver rodeado por tudo aquilo que realmente importa.



No universo da Ralph Lauren Home, o luxo revela-se nas pequenas escolhas e este conjunto de propostas é prova disso. As velas Polo surgem em quarteto aromático, evocando geografias e atmosferas com sofisticação olfativa. Do calor envolvente do sândalo à frescura de um jardim estival, do exotismo do deserto ao mistério de um bosque de pinheiros, cada vela transporta-nos numa viagem sensorial. Apresentadas em suportes de vidro com o emblemático logótipo da marca, são uma ode à identidade discreta, mas firme da casa americana. Já o marco Bryce, inspirado no bambu, combina o brilho do bronze prateado com uma silhueta exótica e depurada. É uma peça que não se limita a enquadrar memórias: valoriza-as. Com verso em sarga e

acabamento cuidado, é o tipo de objeto que, mesmo silencioso, conta histórias. Os produtos são apresentados em elegantes caixas de oferta com o selo Ralph Lauren gravado num gesto que prolonga o prazer da descoberta. Porque há detalhes que elevam o quotidiano a um território de beleza duradoura. Mais do que objetos, estas criações são extensões de uma visão, a de Ralph Lauren, que desde 1983 traduz o sonho americano em formas, aromas e texturas para o lar. Com uma aposta indiscutível na utilização da beleza dos materiais nobres, ao rigor dos acabamentos, cada peça conta uma história de bom gosto e permanência. A tradição abraça a contemporaneidade. Porque estilo não é ostentar, é saber escolher.

DURMA MELHOR VIVA MELHOR



Acordar numa cama Hästens é uma descoberta sobre o verdadeiro valor do sono. É construída com a melhor combinação de materiais naturais - em conjunto com incansável trabalho manual. Não consegue ver. Mas consegue sentir. 24Horas por dia. Fique acordado pela primeira vez na vida.

BE AWAKE FOR THE FIRST TIME IN YOUR LIFE® | [HASTENS.COM](https://www.hastens.com)

Hästens 
since 1852

HÄSTENS STORE LISBOA | Rua de São Bernardo 43 | + 351 213 975 106
HÄSTENS STORE PORTO | Avenida da Boavista, 3315 | +351 226 103 070



ROSEWOOD

São Paulo

R. Itapeva, 435 - Bela Vista
www.rosewoodhotels.com

Instalado na histórica Cidade Matarazzo, o hotel é um refúgio urbano onde memória, design e natureza coexistem em harmonia. Entre árvores centenárias e arte, abriga um Brasil reinventado. Não é hospedagem. É um mergulho na beleza do inesperado e um compromisso profundo com o agora.

Texto por **ANABEL MOUTINHO**

São raros os lugares que conseguem contar tantas histórias ao mesmo tempo. O Rosewood São Paulo é um deles. Situado na revitalizada Cidade Matarazzo, o hotel nasce da união entre passado e futuro: uma antiga maternidade do início do século XX e uma torre-jardim de cem metros de altura que se eleva, envolta por árvores — um gesto arquitetônico ousado de francês Jean Nouvel. O interior, assinado por Philippe Starck, mistura madeiras brasileiras, mármore locais e arte por todos os lados: são

450 obras de 57 artistas nacionais. O resultado é mais que estética: é identidade. A proposta do hotel é clara desde a chegada. As paredes contam histórias, os jardins sussurram memórias e a arte — viva, pulsante — provoca o olhar. Cada corredor é um convite ao Brasil profundo, com peças de artistas indígenas, contemporâneos e urbanos. No coração dessa composição está a Capela Santa Luzia que abriga um vitral contemporâneo criado pelo artista Vik Muniz. É uma releitura de um projeto original para a capela pensado para trazer um diálogo entre o antigo e o novo. O espaço de fé está aberto à cidade com missas, concertos e celebrações. Para quem pensa em passar a noite na Cidade Matarazzo, nos quartos, o conforto se encon-

O hotel convida ao prazer de estar presente. Um destino para quem busca mais do que hospedagem — procura encantamento





Com alma vibrante e arquitetura deslumbrante, cada detalhe conta uma história — e cada hóspede é convidado a fazer parte dela. As piscinas — com borda infinita ou envolta por verde — convidam a pausas sem pressa, onde o horizonte se abre entre torres históricas e copas de árvores.



Com alma tropical e espírito cosmopolita, o hotel resgata memórias, desperta sentidos e celebra o que o Brasil tem de mais autêntico

tra com a beleza natural. Painéis de madeira, tecidos orgânicos e vistas para a Mata Atlântica desenharam o descanso. No topo da torre, a cobertura abriga a nova Penthouse: um refúgio suspenso com piscina infinita e um jardim secreto, onde é possível admirar o céu de São Paulo. É o único hotel seis estrelas do país. A gastronomia é outro capítulo à parte. No restaurante Blaise, a brasserie francesa se rende ao terroir brasileiro em pratos sazonais, sustentáveis e cheios de afeto — agora premiados com três estrelas da certificação Food Made Good. No Taraz, o chef Felipe Bronze propõe uma cozinha de partilha com alma sul-americana. Já o Le Jardin, aberto 24h, oferece refeições leves, café especial e um jardim interno banhado de luz. Para momentos mais íntimos, o jazz bar Rabo di Galo recria uma atmosfera intimista europeia da década de 30

com coquetéis autorais e música ao vivo. No bem-estar, o Asaya Spa by Guerlain oferece jornadas transformadoras: tratamentos exclusivos com ingredientes nativos, meditações guiadas, massagens com cristais e um ambiente pensado para restaurar corpo e espírito. Tudo ancorado em práticas sustentáveis — da energia 100% renovável aos produtos locais e ao compromisso com o zero resíduo. Com tantos atrativos em um mesmo local, o Rosewood São Paulo é um manifesto sensorial, onde o tempo desacelera e a beleza se revela em silêncio. Um destino em que o Brasil é protagonista — plural, criativo, exuberante. Pula no coração de São Paulo.





Luis Alfaro Imaz

Texto por ALICIA SENABRE • Fotografia por ANIMATOX

Há pessoas que, apenas com a sua forma de caminhar, de olhar o mundo, deixam uma marca profunda naqueles que as rodeiam. Este empreendedor é uma dessas almas. Não é apenas um profissional de marketing, cinema, turismo ou jornalismo. É, acima de tudo, um contador de histórias. Um viajante de espírito que soube ouvir a corrente da sua existência e segui-la, mesmo quando o caminho parecia incerto. Assim, lembra-nos que seguir o instinto não é um ato de loucura, mas de profunda coerência conosco próprios.

Luis Alfaro Imaz formou-se como arquiteto técnico e terminou os seus estudos na Dinamarca, precisamente quando Espanha sofria o estouro da bolha imobiliária. E aí, onde muitos teriam visto um obstáculo, ele viu uma possibilidade: a de mudar de rumo. Regressou a Espanha e assumiu as rédeas do negócio familiar de alpargatas, aquelas que os seus bisavós começaram a fabricar com esmero artesanal. E enquanto geria essa tradição centenária, não deixou morrer a sua paixão pelas palavras. Todos os fins de semana trabalhava como cronista desportivo para o Heraldo de Aragón, saciando a sua fome de comunicar, de narrar, de observar. No entanto, algo dentro dele continuava inquieto. Precisava de sair, explorar; idealizou a forma mais romântica que conseguiu imaginar: embarcar num veleiro e cruzar o Atlântico. No final, chegou à República Dominicana de avião, com a ideia de ficar apenas algumas semanas... já se passaram quase oito anos. Porque há lugares que, sem esperar, te abraçam por dentro. “O dominicano tem uma centelha que cativa e hipnotiza”, confessa. Nesta ilha, começou a trabalhar na indústria cinematográfica, coordenando castings, recursos humanos e logística para grandes produções internacionais: Disney, Netflix, Amazon, Paramount... Ao mesmo tempo, tornou-se guia turístico. Mas não um guia qualquer. Luis leva os seus viajantes além do catálogo e dos postais. Mostra-lhes os bairros, os contrastes, as realidades profundas, conta-lhes histórias, convida-os a ver com outros olhos. E nesse processo torna-se mais do que um guia: torna-se um amigo.

Nasceu em Aragão e, embora a vida o tenha levado muito longe, mais de seis mil quilómetros — e ainda assim, o seu amor pela sua terra natal permanece intacto. “Sou de Aragão!”, responde com orgulho inabalável quando lhe perguntam de onde é. Luis não escolheu os

caminhos mais fáceis. E é por isso que a sua história inspira. Porque é preciso ter coragem para deixar o conhecido, ouvir aquela voz interior que sussurra “isto não pode ser tudo”. É preciso ter fé para ousar sequer imaginar-se a bordo de um barco e atravessar o oceano sem certezas, guiado apenas pela intuição de que a vida verdadeira está além do horizonte. Poderia ter sido muitas coisas: arquiteto técnico, jornalista desportivo, empresário artesanal, cineasta, guia turístico, diretor de marketing... e, em parte, foi tudo isso; mas também foi audaz, curioso, generoso. Soube reinventar-se sem perder a sua essência. Fez da sua vida uma viagem sem mapa, mas com bússola: a do

seu instinto, a dos seus valores. Como ele mesmo diz, “a essência do essencial é ser honesto com os seus sonhos e ambições”. A sua história é um lembrete de que é possível viver de forma autêntica. Que se pode mudar de rumo quantas vezes forem necessárias, desde que não se perca o norte interior. “Sou Luis Alfaro e vou tentar percorrer este caminho fazendo as coisas bem”, diz com humildade. E nessa frase tão simples esconde-se todo um manifesto de vida. Nem todos vamos sonhar em atraves-

essar o Atlântico de veleiro. Nem todos vamos viver oito anos numa ilha das Caraíbas. Mas todos, em algum momento, sentiremos esse chamamento interior: o de sair do piloto automático e procurar algo mais. Quando isso acontecer, talvez a história de Luis nos sirva de farol para lembrar que, como ele, também nós podemos seguir o nosso instinto. E tentar, simplesmente, fazer as coisas bem. Porque, no final, a vida se parece muito com essas rotas que ele traça para os seus viajantes: se nos deixarmos guiar por alguém que ama o que faz, o caminho torna-se inesquecível.

Convida-nos a viver com sentido, com ritmo próprio, com verdade. A não temer as reviravoltas do guião, a abraçar o inesperado e a manter o foco





PENHA LONGA RESORT

Texto por ISABEL PILAR DE FIGUEIREDO

O Penha Longa Resort, um dos mais emblemáticos destinos de luxo em Portugal, celebra 30 anos de história com uma transformação profunda e cuidadosa. Após duas décadas desde a última grande atualização, o resort, situado na bonita Reserva Natural do Parque de Sintra-Cascais, propõe agora 187 quartos e corredores completamente renovados.

A renovação faseada, que decorreu ao longo de oito meses, sugere aos hóspedes uma experiência modernizada, sem prejuízo da elegância e do conforto tão característicos do conhecido resort abraçado pela serra de Sintra, respeitando, simultaneamente, o espírito e o património da região.

A renovação reflete o compromisso do Penha Longa em responder às exigências do viajante contemporâneo, adaptando a sua oferta a perfis muito diversos, que vão desde turistas de luxo e famílias, até hóspedes corporativos e casais em ocasiões especiais. A atualização incluiu quatro categorias de alojamento: Deluxe, Deluxe com vista para o parque natural, Suíte

Júnior e Suíte Executiva, todas com design e funcionalidade alinhados às necessidades dos tempos atuais. Com esta atualização, o Penha Longa Resort reforça a sua posição enquanto um dos destinos premium de Portugal, que alia sofisticação, conforto e versatilidade, enquadrado por um dos cenários naturais mais emblemáticos do país.

“Estamos confiantes de que a nova estética e as melhorias significativas que efetuámos nos componentes mais funcionais do nosso produto de quarto serão muito bem recebidas e reforçarão consideravelmente o nosso posicionamento como um dos resorts mais proeminentes do Sul da Europa”, referiu, a propósito, Oliver Key, Diretor-Geral do Penha Longa Resort.



Vinte anos decorridos das últimas grandes renovações das áreas públicas e dos quartos, e como forma de assinalar os seus 30 anos, o Penha Longa Resort, resort de luxo português, exhibe uma nova imagem. Os seus atuais 187 quartos e corredores totalmente renovados, estão hoje ainda mais elegantes, em harmonia com o ambiente exterior e de acordo com o espírito da época. Este projeto de renovação foi levado a cabo de forma faseada, por um período que se estendeu ao longo de oito meses.



***Os 187 quartos —
Deluxe, Deluxe vista
parque natural, Suíte
Júnior e Suíte Executiva
—, e os corredores
exibem novo visual.
O encanto é o mesmo***



A aposta não foi apenas estética, mas também funcional, capacitando o resort com quartos espaçosos, secretárias amplas e internet de alta velocidade, investimentos fundamentais para todos os que combinam lazer e trabalho.

Para esta renovação, o Penha Longa convidou pela primeira vez a equipa londrina da Goddart Littlefair, especialista em design de interiores para hotelaria e residências de luxo. O projeto de redesign consistiu em criar um ambiente que respeitasse o contexto histórico e cultural do hotel, situado numa área de património classificado, e ao mesmo tempo transmitisse frescura, contemporaneidade e conforto. A paisagem de verde luxuriante e o ambiente de misticismo que caracteriza Sin-

tra serviram de inspiração para a nova decoração. Os designers explicam que o objetivo foi “criar um santuário para os hóspedes”, onde o diálogo entre o interior e o exterior fosse fluido, sem barreiras e harmonioso. As cores escolhidas refletem essa ligação com a envolvente: tons suaves e calmantes de verde e bege predominam, com acentos em azul que remetem para a identidade da marca Ritz-Carlton. Esta paleta delicada e natural permite que os interiores se integrem na beleza da paisagem envolvente, valorizando-a, sem nunca competir. A fluidez e sutileza destacam, ainda mais, a singularidade do lugar.

O mobiliário, totalmente produzido em Portugal pela empresa Época, contribui com o ne-



cessário conforto e elegância, evocando a sensação de estar numa casa sofisticada e acolhedora. As madeiras quentes e a iluminação cuidadosamente pensada contribuem para um ambiente relaxante, ajustado a diferentes tipos de momentos. As soluções de design de interiores são ponderadas, o estilo é suave, atual e descomplicado, reforçando a ideia de refúgio tranquilo.

Além do design, os equipamentos dos quartos e casas de banho foram atualizados com tecnologia de ponta e materiais de alta qualidade. As casas de banho contam agora com duchas mais espaçosas e luminosas, espelhos amplos e uma sensação geral de mais espaço e

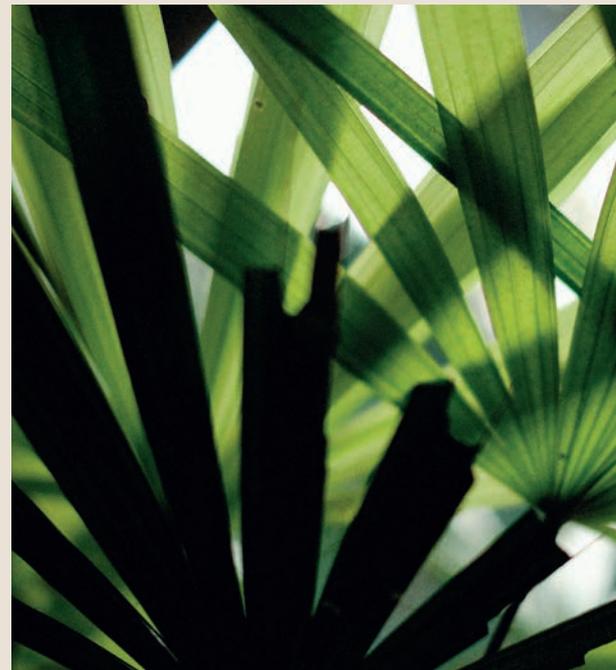
acolhimento. A renovação tecnológica inclui ainda a substituição das televisões.

A renovação do Penha Longa representa mais do que uma atualização física: é uma reafirmação do seu compromisso com a excelência e com a experiência de luxo em sintonia com a natureza e a história local. Com quartos entre 50 e 115 metros quadrados e a possibilidade de ligar algumas tipologias para acomodar grupos grandes, o resort adapta-se às expectativas de um público diversificado e exigente.



Localizado na Estrada da Lagoa Azul, o Penha Longa Resort prossegue a sua história de prestígio, oferecendo um espaço onde o passado e o presente dialogam em harmonia

Luisa Rosas



TRIBE JOURNEY
EMBRACING YOUR GROWTH*

DAVID ROSAS

LISBOA Av. Liberdade, 69A · El Corte Inglés | PORTO Av. Boavista, 1471 · Av. Aliados, 237 · NorteShopping
ALGARVE Quinta Shopping | FUNCHAL Av. Arriaga, 32 | www.davidrosas.com

*Abraça o seu crescimento

SILVER-PLATED COFFEE CUP

by
CHRISTOFLE



Transformar o cotidiano num gesto de elegância: essa é, desde o século XIX, a missão da Christofle. Em 2022, a icônica casa francesa volta a surpreender ao reinterpretar um objeto banal, o copo de café descartável, através da sua mestria em ourivesaria. A nova Christofle Plated Coffee Cup alia funcionalidade a uma estética refinada, com o brasão da marca gravado no corpo e na tampa, onde se destacam as abelhas, as estrelas e as iniciais OC, de "Orfèvrerie Christofle". Concebida para acompanhar bebidas quentes ou frias, permite a

utilização com palhinha (vendida separadamente) e torna-se assim numa peça de desejo para os amantes do luxo silencioso. Mais do que um acessório, é um statement: o requinte também pode viver nos pequenos instantes do dia. Fundada em 1830 por Charles Christofle, a maison parisiense revolucionou a ourivesaria ao aplicar técnicas inovadoras de prateamento e douramento eletrolítico. Democratizou o luxo com peças do cotidiano e, até hoje, continua a celebrar a elegância dos gestos simples, com peças como esta.

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES



raúl sencio
PANETTONES

Panetones imaginados e elaborados de forma totalmente artesanal na nossa padaria em Aspe, Alicante.





PACO RONCERO RESTAURANTE

Madrid

Calle Alcalá, 15. centro
www.pacoronceroestaurante.com

O edifício onde se encontra o seu excelente restaurante, premiado com duas estrelas Michelin e três sóis do Guia Repsol, é um verdadeiro monumento: o Casino de Madrid onstruído em 1910 por José López Sallabery, a poucos metros da Puerta del Sol.

Texto por **MAIKEL TAPIA**

No final da década de 1990, abriu as suas portas com o nome de La Terraza del Casino. Localizado no último andar do emblemático NH Collection Real Casino da capital de Espanha, é dirigido por Paco Roncero desde 2000. A mudança de nome ocorreu em 2019, seguindo a evolução natural da relação entre o chef e diretor gastronómico madrilenho e a empresa Minor Hotels Europe & Americas. Esta é, há mais de trinta anos, a sua casa, o seu refúgio e o seu lugar de reflexão e criação. É um restaurante moderno e cosmopolita com uma proposta gastronómica vanguardista, com um design de interiores cuidado, obra do designer Jaime Hayón, no interior, e de Julio Guixeres, no terraço exterior. Agora, num momento de plenitude a nível pessoal e profissional, apresenta um menu que, através de vinte e quatro pratos, reflete na perfeição a sua maturidade e solidez gastronómica. Uma iniciativa estimulante em que a técnica mais atual e contemporânea convive em harmonia com territórios próprios da gastronomia tradicional e, em alguns casos, primitiva e ancestral. A sua

Cozinha vanguardista, criativa e de qualidade através de dois menus de degustação. Boa técnica e uma apresentação surpreendente

abordagem é composta por dois menus de degustação: Afirmación, disponível todos os dias e em todos os serviços, representa o passado, o presente e o futuro da cozinha de Paco Roncero; e Esencia, um menu mais curto que capta a essência da cozinha do chef, disponível apenas ao almoço, de terça a sexta-feira. A carta de vinhos foi concebida pela sommelier María José Huertas. Nas suas próprias palavras, “este menu é o resultado de brincar e experimentar com tudo aquilo que fez parte da minha personalidade e trajetória gastronómica. É também o fruto de olhar

A interação com o comensal é o prato forte da casa, transformando a experiência no restaurante uma verdadeira performance gastronômica onde a sala e a cozinha se fundem para oferecer um espetáculo que se saboreia com os cinco sentidos. Garrafeira de grande altura e serviço de alta qualidade.



Paco Roncero



para o passado e para o futuro a partir de uma posição privilegiada e confortável, que me permite criar através da paixão e com o único objetivo de emocionar e fazer desfrutar o comensal”.

Um espaço de destaque neste templo da alta gastronomia é o Paco Roncero Taller, onde se procura provocar novas sensações nos comensais e comunicar através da linguagem universal da emoção. Projetado e construído sob os parâmetros da economia circular e da sustentabilidade, com materiais reciclados e um design de máximo conforto, trata-se de um ambiente imersivo no qual

são criadas experiências multissensoriais em almoços e jantares privados para poucos comensais. Este recanto também pode ser reservado para organizar um almoço ou jantar especial. Paco Roncero, Prémio Nacional de Gastronomia 2006, faz parte do prestigiado guia internacional ‘The World’s 50 Best Restaurants’. Não é por acaso que é um dos noventa e sete cozinheiros do mundo com três facas, de acordo com a lista internacional ‘The Best Chef Awards’.



O estabelecimento está localizado num palacete do século XIX e insere-se num dos terraços mais atrativos e glamorosos da cidade

CADEIRA OLIVE MADEIRA

by
JADER ALMEIDA



A sua presença revela-se na harmonia entre leveza e estrutura, no gesto silencioso de uma linha bem traçada com cuidado e rigor. Com encosto em madeira maciça, natural ou tingida, e assento revestido em couro ou tecido, a cadeira inscreve-se no tempo sem lhe obedecer. É muito mais do que as suas proporções: é equilíbrio, é precisão, é desenho que acolhe com linhas curvas que convidam ao toque. É exemplo de um design que não se explica: sente-se. Como tudo o que é essencial, a Olive vive

do detalhe e da contenção, da fluidez subtil de quem conhece a matéria e o gesto. Esta cadeira conjuga engenharia e poesia. Cada interseção revela um detalhe construtivo pensado ao milímetro, numa linguagem estética que privilegia a intemporalidade e recusa o efêmero. Delicada e sólida, a cadeira Olive é uma ode ao requinte. Há nela uma subtileza tátil e visual que traduz o espírito do designer brasileiro: “crio peças não para protagonizar um espaço, mas para serem coadjuvantes”.

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES



STEP INTO THE FUTURE WITH A TIMELESS STYLE



Montecore

BEYOND TIME

BELCANTO

Lisboa

Rua Serpa Pinto, 10A
www.belcanto.pt

No coração do Chiado, o Belcanto convida a descobrir os sabores da paisagem portuguesa. Sob a visão poética de José Avillez, cada prato é um fragmento de memória, território e emoção. Uma viagem sensorial que eleva a gastronomia à condição de arte.

Texto por **MARINA OLIVEIRA**
Fotografia por **GRUPO JOSÉ AVILLEZ**



No nº 10A da Rua Serpa Pinto, junto ao Teatro de São Carlos, em Lisboa, ergue-se um dos templos da alta gastronomia europeia: o Belcanto. Mais do que um restaurante, este é um território de experiências desenhadas com precisão, poesia e uma paixão muito portuguesa por José Avillez, o primeiro chef nacional distinguido com duas estrelas Michelin em Portugal.

Aberto originalmente em 1958, o Belcanto foi durante décadas um espaço de encontro das elites lisboetas. Mas foi em 2012, após uma profunda renovação, que renasceu sob a direção de Avillez. Desde então, construiu um percurso notável e conquistou reconhecimento internacional, entrando para o restrito clube dos melhores restaurantes do mundo — ocupa hoje o 42.º lugar na prestigiada lista “The World’s 50 Best Restaurants”.

Para José Avillez, cada refeição é um cruzamento de paisagens: a da alma, feita de memórias, afetos, emoções e intuições; a física, expressa nos ingredientes que chegam do mar, da serra ou do campo; e a cultural, moldada por séculos de história, arte, arquitectura, sabores e influências. Essa visão holística revela-se em pratos onde o campo encontra o mar e a tradição se reinventa com audácia.

No Belcanto, tudo é pensado ao milímetro. A sala, sóbria e elegante, cria um ambiente de contemplação onde o foco recai sobre o prato e no que ele nos quer dizer. A cozinha é vista como um laboratório emocional, onde a memória e a identidade se fundem numa linguagem própria. Para Avillez, cozinhar é escrever. E cada prato, um texto.

A experiência gastronómica divide-se entre o ser-





Chef José Avillez



Mais do que fine dining, o Belcanto é um manifesto poético onde cada prato revela a alma, o território e a memória de Portugal

viço ‘à la carte’ — com propostas como Robalo, dashi de legumes, algas e bivalves ou Leitão, pezinhos de coentrada, puré de casca de laranja e coração de alface — e o Menu de Degustação Belcanto: uma narrativa em vários capítulos que conta a história do restaurante e da sua evolução criativa. Entre as propostas recentes, destacam-se Beterraba em diferentes texturas, Pregado com arroz carolino à Bulhão Pato e o Pudim Abade de Priscos, pinhoada e sorbet de yuzu. A harmonização vínica, exímia e criteriosa, valoriza os vinhos históricos portuque-

ses e eleva ainda mais a experiência. Mais do que uma refeição, o Belcanto oferece um rito íntimo e sensorial. Da contenção estética da decoração ao serviço atento mas invisível, tudo converge para um momento de contemplação e deleite. Cada prato é uma história. E cada história, uma viagem que começa sempre no mesmo lugar: na cozinha, onde José Avillez transforma o alimento em linguagem.



MALA 'HOBO BC DUO' EM CAMURÇA

by

BRUNELLO CUCINELLI



Inspirada num estilo retro e essencial, a nova 'Hobo BC Duo' Pequena da Brunello Cucinelli apresenta-se como um tributo à elegância discreta. Confeccionado em camurça autêntica de toque aveludado e textura ligeiramente irregular, este modelo compacto em tom cru acompanha linhas minimalistas e proporções equilibradas. A alça curta permite usá-lo confortavelmente na mão, enquanto o fecho de correr e o interior forrado a pele revelam o cuidado artesanal da marca.

No interior, uma ranhura prática acomoda cartões pessoais e de visita. Com cerca de 30 x 12 x 17 cm, este acessório fabricado em Itália, na vila de Solomeo, reflete a harmonia entre tradição, refinamento e responsabilidade — pilares do universo Brunello Cucinelli. Ideal para complementar um look urbano sofisticado, é a escolha certa para quem privilegia peças de carácter intemporal e qualidade excepcional.

Texto por **MARINA OLIVEIRA**

NUTXES

g o u r m e t

TORRÕES, CHOCOLATES E ESPECIALIDADES DE DOCES DE LUXO



Telf.: 34+ 965 611 114

info@nutxes.com ■ www.nutxes.com

OBRADOR DE APOYO EN PASTELERIA & TURRONES S.L.

Ctra. CV-780 Jijona-Torremanzanas, Km.1 ■ 03100 JIJONA (ALICANTE) ESPAÑA





STYLE IN PROGRESS

Texto por ALICIA NAVARRO • Fotografia por BART VAN DE VOORT

O estilo é algo em contínuo progresso e evolução. Adotamos peças que testamos em diferentes ambientes e situações e, após avaliar as emoções que suscitam em nós, incluímo-las no nosso look book pessoal. Foi exatamente isso que sucedeu com o casaco 'Teba' entre os jovens na casa dos vinte. Descobriram-no no guarda-roupa dos seus avôs ou bisavôs no típico evento familiar de "vem ver a roupa do teu avô e o que não quiseres eu dou". Ao analisar camisas de alfaiataria e calças de corte desusado surge este casaco, do qual se diz que o próprio rei Afonso XIII, grande aficionado da caça, presenteou o conde Teba com um. O conde colocou o casaco na moda pelo seu conforto formal mas não espartilhado. O

casaco acaba por dar um salto geracional de um armário para outro (porque os clássicos voltam sempre). O jovem de vinte e cinco anos que decidiu dar-lhe uma oportunidade analisa como se sente e como lhe assenta. Sente-se bem, cómodo e confortável, de um modo que apenas os bons cortes fazem sentir. Sente também o orgulho familiar de ter herdado algo assim, partilha enquanto cruza as pernas com um sorriso mais seguro. Também lhe assenta bem, é um casaco mais formal, sim, algo de que precisava para esta passagem para a idade adulta, mas não chega a ser tão formal que lhe oculte a vitalidade, paixão e olhar juvenis. Assim, podemos concluir que o casaco 'Teba' voltou, e veio para ficar.



SPRING SUMMER COLLECTION 2026

Com uma proposta que reúne sofisticação, artesanato e espírito contemporâneo, JACOB COHËN apresenta a sua coleção 'Spring Summer 2026', uma homenagem ao denim e ao seu legado de quarenta anos, com Carla Bruni como musa convidada.

Texto por ROSARIO MIGUEL

A nova linha de roupa da marca italiana transporta-nos para um universo onde a vida quotidiana se transforma em arte. Uma povoação imaginária habitada por personagens carismáticas (o mecânico, a lavadeira, o apicultor...) converte-se em cenário de uma celebração têxtil que integra um bar, um casino e a essência da sua comunidade. Esta narrativa, concebida por Fabio Cherstich e desenhada por Jennifer Tommasi Bardelle, diretora artística da própria marca e agora também designer das coleções, ganha vida com a música de Carla Bruni, convidada de honra e encarnação perfeita do estilo Jacob Cohën neste aniversário tão especial.

A linha masculina, tecida sobre a obsessão com a qualidade e o detalhe, combina a elegância contemporânea com a tradição italiana do luxo. As peças, suaves e requintadas, evocam o porte educado e distinto do



Uma original e imersiva homenagem ao denim e à elegância com caráter no quadragésimo aniversário de Jacob Cohën



mid-century. Blusões trucker de camurça ultraleve em rosa pálido, sobrecamisas de cor tabaco com piscadelas ao denim e calças curtas de praia em lã impermeável redefinem a noção do luxo casual. O algodão 'Sea Island' dá forma a peças essenciais de corte impecável, enquanto o ponto com cachemira tingem polos em tons rosa, bege, gelo e azuis infinitos. Para ela, a coleção é um manifesto de independência e elegância atemporal com caráter. Gabardinas, vestidos sem mangas, macacões carrot-fit ou shorts desportivos conjugam-se com cintos e peças sobrepostas. A feminidade expressa-se em camisas de seda com costas descobertas, colarinhos estilo lenço e plissados subtis. E o couro ganha forma em shorts azul marinho e trajas com saias abertas, sem esquecer os conjuntos de casaco cruzado vestidos com desenfadado. Inserções de seda e uma aposta nos vestidos de ponto longuette fecham esta coleção que equilibra com mestria a sensualidade, a elegância e a força feminina.



GIACOMETTA BY Carla Plessi

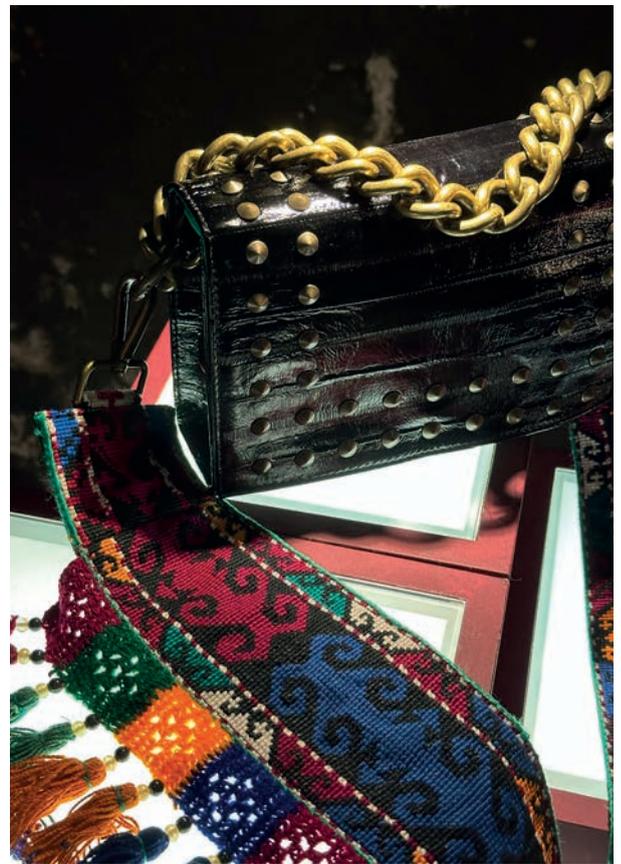
Texto por CONSUELO SÁNCHEZ



Carla Plessi. Foto: © Max Zambelli

A designer italiana deixa-se seduzir pela beleza desde que tem memória. Formada em literatura, mas artista por natureza, converteu a criação de bolsas numa extensão da sua identidade, combinando lembranças, paixão pela arte e a tradição artesanal veneziana em peças que não são acessórios, mas armaduras pessoais e teatrais.

A elegância de uma gôndola deslizando silenciosa na penumbra de um entardecer, entre os palácios que a observam imponentes. Um brilho dourado capta a nossa atenção, e o matiz vibrante do veludo acaricia-nos desde o assento. Uma bolsa de Carla Plessi com intensos tecidos cheios de história e criatividade espera-nos paciente no seu lugar. Sabe que não a esquecerão, é o refúgio das nossas necessidades, das nossas inseguranças, quase uma prótese da nossa personalidade. Uma mão de mulher recolhe-a e, num instante, sabemos algo mais da sua dona, algo da sua atitude perante a vida, do seu amor pelo exclusivo. Veneza não só é o pano de fundo das suas criações, mas uma fonte constante de inspiração. “Veneza acolheu-me há muitos anos, arrastando-me num turbilhão de beleza. E ainda hoje me surpreende, presenteando-me com um detalhe desconhe-



Cada bolsa da sua coleção é uma peça única, nascida da memória, da arte e da beleza veneziana, concebida como armadura, não como adorno

cido, uma escultura nunca vista, uma pintura escondida”, aponta. Até o cotidiano pode ser revelador: “Um passeio em gôndola com amigas foi suficiente para que nascesse uma ideia”. Assim surgiu ‘Giacometta’, uma coleção de bolsas decoradas com manisoni, os elementos ornamentais da gôndola, que ela transformou num símbolo de proteção. “A gôndola converte-se numa entidade jamais vista: os seus ferros de significado oculto, os manisoni... pareceram-me companheiros perfeitos para as minhas bolsas”, sublinha.

A cor, a textura e a teatralidade são uma constante na sua obra. Como ela mesma diz, “gosto de dar uma conotação muito forte, até muito teatral às minhas bolsas”. E não se trata apenas de uma questão estética: há uma filosofia por detrás. “A bolsa é um elemento fundamental no vestuário feminino. Não

é um acessório, mas o recipiente das nossas necessidades, das nossas inseguranças e, por isso, é uma armadura”, afirma. A sua história pessoal também está cosida a cada criação. Recorda com carinho e admiração a sua avó Noemí, uma mulher “extremamente elegante e refinada” que a deixava brincar com as suas bolsas, chapéus e vestidos “sem nunca me impor qualquer limite”. E também a sua mãe, uma “bordadora incrível”, com quem partilhava longas tardes a desenhar e a coser vestidos. Para definir a pessoa em que se converteu, Carla evita as etiquetas fechadas. “Desde sempre, por necessidade, por dever ou por prazer, deixei-me seduzir por muitas atividades que confluem numa só: a criativa”, explica. A sua vida tem estado intimamente ligada à arte desde a infância. “Gosto de tudo o que rodeia o mundo da arte desde que era



menina”, reconhece. Contudo, o verdadeiro ponto de inflexão chegou quando partilhou a sua vida com um grande artista: “Partilhar a vida com o Fabrizio moldou-me a alma, a mente e, sem dúvida, o gosto. Fez com que me tornasse extremamente criativa”. E agora, através das suas criações, podemos desfrutar dessa criatividade.



Maritza Acevedo

Texto por ALICIA NAVARRO

Esta designer dominicana traduz na sua nova coleção de lenços a sua própria história entre dois mundos, prestando homenagem à origem da cultura dominicana através dos monumentos da Zona Colonial de Santo Domingo. Com a sua marca GIFINAS, cria peças que não são simples acessórios, mas símbolos de identidade cultural.



Sou uma pessoa muito autêntica, que nunca deixa de sonhar, que abraça as suas raízes com orgulho e que cria com a alma, colocando em cada passo a força da minha história e o amor por quem sou”. Assim se define Maritza Acevedo, que canalizou o seu amor pela história e cultura dominicana através de uma proposta estética com muito significado. A sua formação começou com uma licenciatura em Marketing pela Universidade APEC na República Dominicana, à qual se somou um MBA em Marketing Digital pela EAE Business School, além de uma formação técnica em estampagem digital,

tecnologia têxtil e Adobe Photoshop. A sua trajetória tem sido diversificada: começou no mundo da aviação para depois fundar o seu primeiro empreendimento familiar de eventos na República Dominicana. Mais tarde, já estabelecida em Maiorca, tomou um novo rumo que a levaria a criar a sua marca: GIFINAS. “Os meus lenços surgiram como resultado de um sonho há muito acalentado”, confessa Maritza. “O desejo profundo de homenagear as minhas raízes, reconectar com a minha história e partilhá-la com o mundo através de uma linguagem universal como através da arte que se transforma em moda”. Assim nasceu GIFI-

NAS em 2018, com o primeiro lenço do mundo a homenagear as emblemáticas bonecas sem rosto da República Dominicana, criadas pela escultora Liliana Mera Limé. Estas bonecas, que não têm traços definidos, simbolizam a diversidade cultural do país. A sua falta de fisionomia é também um convite à inclusão, representando todas as mulheres na sua pluralidade. “Os meus lenços não são simples acessórios, são símbolos de identidade cultural”, afirma. Maiorca foi o local onde este projeto vital floresceu. Chegou à ilha por amor em 1999 e casou-se em 2000. Desde então, tem sido o seu lar. “Aqui formei a minha



família, cresci como pessoa, como mãe e como designer. Digo sempre que o meu coração está dividido entre duas ilhas”, explica. E é a partir dessa dualidade de pertencimentos que construiu a sua nova coleção de lenços, inspirada na Zona Colonial de Santo Domingo. “Com esta coleção, quero contar uma história que pertence a todos nós: a do Novo Mundo”, refere Maritza. Evoca assim o peso histórico e simbólico desse lugar que guarda os primeiros passos do continente americano. “Santo Domingo, com a sua Zona Colonial, foi a primeira cidade fundada pelos europeus na América, o primeiro epicentro de cultura, poder e arquitetura no continente. Aí foi construída a primeira catedral, o primeiro hospital, a primeira universidade, a primeira fortaleza. Foi aqui que tudo teve início”. Um lugar de encontro e união de culturas, que quis refletir na sua coleção incluindo flores tropicais, cerâmicas coloniais e tons de azul e branco, combinados com estampados como pied-de-poule, Vichy e polka, criando assim um diálogo visual entre o Velho Mundo e o Novo Mundo, que, como nos faz notar, “torna os nossos designs atraentes para mulheres de qualquer parte do mundo”.

Cada um dos lenços representa fragmentos concretos da história e arquitetura colonial: a Catedral Primada da América, o Palácio Consistorial, o Museu das Casas Reais ou o Panteão da Pátria, entre muitos outros. São peças que carregam cultura e alma e, devido ao seu significado especial, não quis fazer grandes produções. Esta coleção cápsula é produzida em quantidades limitadas, limitada a um ou dois modelos por monumento. “Apostamos na exclusividade e na criação de peças que sejam verdadeiramente únicas, quase como uma obra de arte que se usa”,

Mais do que um acessório, cada lenço é uma experiência sensorial, uma narrativa visual e um gesto de memória cultural

A Zona Colonial é um espaço vivo onde o passado e o presente convivem, onde cada recanto conta uma parte de quem somos

sublinha. E acrescenta que se trata de uma coleção intemporal, sem reedições, pensada para durar e ser apreciada ao longo dos anos. O processo criativo foi meticuloso e respeitoso com o património cultural, procurando refletir no tecido a riqueza visual e emocional da Zona Colonial. “Somos a primeira marca que desenhou lenços inspirados na Zona Colonial de Santo Domingo, incorporando a icónica boneca sem rosto num mesmo design”, afirma com orgulho.

Nascida em Monte Plata, mas criada em Santo Domingo, Maritza guarda com carinho as memórias da sua infância: visitas à casa da avó, brincadeiras, risadas e uma criatividade constante. “Desde criança fui curiosa, inquieta e engenhosa. Encontrava sempre uma forma de transformar o que tinha à mão em algo próprio”. Embora tenha descoberto o design na idade adulta, esse impulso criativo esteve sempre presente. Maiorca, por outro lado, foi o lugar onde encontrou a calma, a inspiração e uma nova forma de pertença. “Viver aqui é sinónimo de bem-estar”, diz. O mar continua a ser a sua bússola emocional, encontrando uma ligação entre as duas ilhas que marcaram a sua vida, entre as Caraíbas e o Mediterrâneo, dualidade que não vê como uma contradição, mas como uma felicidade. E a partir desse ponto de equilíbrio, reflete: “Viver em Maiorca permitiu-me entender que as raízes não são um lugar fixo, mas um sentimento que carregamos connosco. E é daqui, deste pequeno-grande mundo no meio do Mediterrâneo, continuo conectada às Caraíbas, transformando a nostalgia em arte, em design, em história que se pode vestir”.





Patty Yunén Latour

Texto por YARELI PARRA • Fotografia por RODRIGO GIMENO

Enérgica, apaixonada, divertida e criativa no sentido mais amplo da palavra, esta mulher multifacetada observa o mundo como quem conecta pontos com naturalidade. Desde o seu papel como vice-presidente comercial da Growth Digital, representante da GOOGLE MEDIA na América Latina, até ao microfone do programado programa 'Pesos Pesados', a sua voz traça com clareza a complexidade do crescimento na América Latina. Faz isso com um olhar fresco, preciso e, sobretudo, humano.

“**C**riativa’, diz Patty Yunen Latour, sem hesitar, para se descrever. Mas não no sentido estético, e sim no mais essencial, como quem deteta soluções onde outros apenas veem dificuldades. A sua vida é, em muitos sentidos, um testemunho de que tudo acontece por uma razão, mesmo quando, no momento, não se consegue compreender completamente. Engenheira industrial de formação e publicitária e profissional de marketing por paixão, Patty percorreu um caminho pouco convencional, criado passo a passo com intuição, coragem e propósito. “A publicidade sempre me atraiu, embora no início dos anos 2000 os meus pais tivessem uma visão mais tradicional”, lembra. Vinda de uma família de médicos, com avós, pais e tios dedicados à medicina, as suas inquietações criativas não pareciam uma opção viável, razão pela qual optou pela engenharia industrial, impulsionada por uma estrutura mental que potenciava a sua visão estratégica. Embora os seus primeiros passos na engenharia tenham sido pouco satisfatórios, cedo encontrou um caminho para desenvolver a sua verdadeira vocação. No início, quando o universo digital e as redes sociais eram ainda um território inexplorado, a sua coragem, engenho e humor abriram-lhe as portas da Ogilvy Dominicana, onde fez parte de uma equipa de marketing pequena, mas decisiva. Essa experiência revelou-lhe a necessidade de aprofundar os seus conhecimentos académicos, o que a levou a fazer um mestrado em Marketing Integral, com especialização em desenvolvimento de marcas, na Universidade

Algumas trajetórias não são planejadas, são descobertas passo a passo. O que para Patty parecia uma mudança brusca, com o tempo ganha sentido. Não é apenas adaptação, é visão. E quem a tem, avança sem temer o incerto

de Nova Iorque. Foi uma etapa decisiva, que confirmou e fortaleceu a sua grande paixão, culminando como a primeira da sua promoção. Posteriormente, trabalhou numa agência nova-iorquina especializada em marketing direto para a American Express Global. Tentou prolongar a sua carreira na Google Estados Unidos, mas como não se concretizou por questões migratórias, regressou à República Dominicana com uma perspetiva mais ampla e um foco renovado sobre o marketing e a publicidade. O seu objetivo era aplicar tudo o que tinha aprendido para promover um pensamento estratégico e criativo no seu país. “Na República Dominicana não estávamos preparados para essa conversa naquele momento”, reconhece, sem que isso detivesse o seu ímpeto. Voltou ao cenário que a viu nascer profissionalmente no marketing, a Ogilvy Dominicana, agora com uma visão mais completa e cercada de pessoas-chave que contribuíram para moldar a sua missão pessoal e profissional. Depois de completar a sua missão pela segunda vez nesta prestigiada agência, a sua inquietação natural e o desejo de enfrentar novos desafios profissionais levaram-na a questionar-se onde poderia realmente deixar uma marca mais profunda. Essa incógnita levou-a a candidatar-se à Nestlé, sem imaginar que esse passo marcaria uma reviravolta inesperada na sua trajetória. Ofereceram-lhe um cargo regional, mas não limitado à República Dominicana. “Era um cargo regional para as Caraíbas, América Central e Andina, eram catorze países”, lembra. Algo muito maior do que tinha imaginado.

Da engenharia à publicidade e à tecnologia, desafia o convencional com uma paixão que constrói pontes entre o estratégico e o criativo em cada passo

Mas a verdadeira surpresa veio ao descobrir que a vaga não era na sua área habitual, mas na equipa de tecnologia, dentro do departamento de TI da Nestlé. Um terreno completamente novo. “Sem qualquer tipo de preparação mental, passei do mundo criativo da publicidade para ser responsável pela segurança da informação digital”, refere. O desafio não foi fácil, mas a sua determinação constante e a criatividade com que ela própria se identifica tornaram-se aliadas fundamentais para navegar nesse mundo desconhecido. Mais tarde, assumiria uma nova função na mesma empresa: liderar a estratégia de meios de comunicação para toda a América Central a partir do escritório no Panamá. Uma oportunidade que ampliou a sua visão do mercado regional. “Essa etapa permitiu-me ver de perto como a região é complexa, mas também como é rica em diversidade”, salienta. “Quando se fala da América Latina, abre-se um leque cultural muito distinto entre os países que a compõem”, acrescenta. Durante esse tempo liderou iniciativas que ainda se lembra com orgulho. “Lançámos a primeira aplicação de receitas em Cuba, que funcionava sem internet, através de USB. Na Venezuela, em plena crise, implementámos um sistema de ‘delivery online’ para vender café. Trabalhámos também com aplicativos de Quick Commerce em El Salvador e Honduras, em resposta a problemas de segurança”. Graças a estas experiências, também começou a olhar para a República Dominicana a partir de uma nova perspetiva. “Foi muito ‘cool’, porque começámos a perceber que a República Dominicana está bastante bem”, ressalta com um sorriso. Embora reconheça que o país enfrenta os seus próprios desafios, insiste que não deve ser subestimado. “Quando se cresce como dominicano, viaja-se muito para os Estados Unidos e a Europa e, obviamente, se nos compararmos com esses países, dizemos: “eu vivo, não no terceiro mundo, mas no quinto”. Mas quando nos comparamos com os nossos pares e olhamos para a América Central, para países com um produto interno bruto semelhante ao nosso, paramos e dizemos: “não, calma... nós estamos no bom caminho, aqui há algo”, afirma.

No Panamá, Patty começou a ter uma ligação mais estreita com a vida na República Dominicana, observando com atenção como as coisas se desenvolviam no seu país natal. Mas houve algo que, mesmo à distância, a impressionou profundamente e a encheu de orgulho: a forma como o país lidou com a pandemia. “Na verdade, foi uma das melhores gestões que ocorreram”, refere, reconhecendo uma eficiência pouco visível de fora. Foi então que tomou uma das decisões mais importantes da sua vida, desta vez envolvendo a



família que tinha formado no Panamá. Sentia a necessidade de estar onde as coisas pareciam avançar, onde pudesse continuar a crescer profissionalmente e, ao mesmo tempo, estar perto de quem amava. Embora tivesse uma carreira corporativa sólida, assumiu o enorme risco de renunciar ao seu cargo na Nestlé e voltar para casa. A partir desse momento, a sua trajetória deu uma guinada inesperada. Em plena pandemia, e grávida, começou a oferecer consultoria, o que rapidamente a conectou com empresas em diferentes continentes. “Comecei a oferecer consultoria e a conseguir clientes no exterior. Tenho trabalhado com uma empresa de consumo massivo vegano, sediada nos Países Baixos, com presença na Austrália, África do Sul, Alemanha, Inglaterra... Foi aí que comecei a ter contacto com mercados com os quais nunca tinha trabalhado”, afirma. E, como costuma acontecer em momentos de mudança, um telefonema ines-

perado voltou a marcar o rumo: um empresário argentino contactou-a para lhe propor liderar a entrada da Google Advertising na República Dominicana. “Parecia cem por cento fraude do príncipe nigeriano”, diz rindo. No entanto, depois de se reunir com quem hoje é seu chefe, saiu entusiasmada, lembrando-se daquela tentativa fracassada, anos atrás, de trabalhar na Google Estados Unidos.

Hoje, como vice-presidente comercial para o Cone Norte Latam Growth Google Representative, gere a estratégia para treze países da América Latina. O seu papel transcende o comercial: não se trata apenas de vender plataformas digitais, mas também de compreender em profundidade as necessidades dos negócios que enfrentam uma realidade em constante mudança e cada vez mais complexa. Mais tarde, a sua vida profissional entrelaçou-se com outra proposta que, no início, lhe pareceu um pouco louca. O seu irmão Gustavo, um homem inquieto e com visão empresarial, decidiu abrir um estúdio de podcast com dois amigos: Javier e Ramón. Assim nasceu ‘Pesos Pesados’, um espaço dedicado a valorizar as histórias de empreendedores. “O primeiro episódio ficou péssimo”, confessa Patty. Foi uma conversa com Hugo, fundador da ‘Hugo Pork’, que não saiu como esperavam. Mas, longe de desistir, decidiram repetir. Foi então que Gustavo pensou na sua irmã: “Tu tens a cabeça no lugar e gostas de falar”, disse ele. Entre piadas familiares, Patty sentou-se em frente ao microfone, gravaram novamente o episódio e, embora no início hesitassem em publicá-lo, vítimas de um forte síndrome do impostor, acabaram por fazê-lo. Um amigo, daqueles cuja opinião conta, ligou-lhe poucas horas depois: “Há algo aí”. E tinha razão. O que começou como uma desculpa para promover o estúdio transformou-se numa plataforma educativa. Um repositório prático e acessível que explicava, sem rodeios, como empreender na República Dominicana: desde os primeiros passos para abrir uma empresa até como se formalizar ante a DGII. Tudo contado por quem já tinha percorrido esse caminho. No início, os convidados eram familiares, amigos, conhecidos do círculo. Mas depois o projeto começou a ganhar força. As portas abriram-se. Outros ‘pesos pesados’ de diferentes setores do país começaram a chegar. A premissa continuava clara: partilhar trajetórias, desafios, fracassos e aprendizagens de pessoas que contribuíram, e continuam a contribuir, para o desenvolvimento económico e social do país. Um desses momentos importantes foi a entrevista com o reconhecido empresário do turismo Frank Rainieri. “Senhor Frank... não quero colocá-lo em rankings, mas está entre os cinco ou dez empresários mais notáveis e poderosos da República Dominicana. Recebeu-nos no seu escritório, descontraído. E nós estávamos nervosos, porque sabíamos que essa entrevista iria marcar um antes e um depois em termos de exposição”, explica Patty. Esse episódio deu início a uma nova etapa para o podcast, atraindo figuras de grande relevância no ecossistema empreendedor do país. ‘Pesos Pesados’ tornou-se, quase sem querer, uma espécie de crónica oral do empreendedorismo dominicano contemporâneo. Um espaço que dignifica, visibiliza e humaniza o empresário numa região onde, muitas vezes, o empreendedorismo tem sido visto com receio ou desconfiança.

Ao longo da conversa, Patty Yunen volta repetidamente ao mesmo

eixo: a coerência. “Cresci a dar muito valor ao trabalho”, diz, evocando os seus pais, ambos médicos, que chegavam a casa exaustos, mas íntegros, com a dignidade de quem exerce uma vocação. Deles herdou a disciplina e também uma profunda convicção pela justiça e a humildade. “Se havia injustiça lá fora, eram muito assertivos em dizer que isso estava errado”, sublinha. Desde criança ela sabia que fazia parte das conversas importantes: opinava, questionava, acompanhava os pais em marchas e caravanas. Hoje, quando fala do seu presente, não o faz com certezas absolutas, mas com a serenidade de quem já pensou muito. “A essência do essencial é saber o que realmente importa. Não o que se quer que importe, mas o que realmente importa”, conclui.



Para ela, a coerência e a humildade são o motor que impulsiona a sua trajetória. Acredita que entender o que realmente importa é a chave para enfrentar a mudança com serenidade e propósito



PENDENTE PARA BOLSA 'TURTLE POUCH'

by
LOUIS VUITTON



Pequena no tamanho, mas grande no encanto: a LV Turtle Pouch é uma peça que conjuga diversão, funcionalidade e savoir-faire artesanal. Criada em lona Monogram revestida e pele em tons vivos, esta adorável tartaruga é muito mais do que um simples adorno. O seu caparão esconde um compartimento prático e discreto, ideal para guardar auriculares ou pequenos objetos do quotidiano. Com um mosquetão prateado que permite prendê-la facilmente a uma mala,

esta criação da Louis Vuitton acrescenta um toque de humor sofisticado a qualquer look. Fabricada em Itália com a atenção ao detalhe que caracteriza a Maison, integra peças metálicas em tom prata e apresenta o motivo icónico gravado com elegância. Uma homenagem à criatividade e à excelência que tornam cada acessório Louis Vuitton numa extensão do estilo pessoal, mesmo nos mais inesperados formatos.

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES



“Not fashion,
just passion”





Daniel Fernández

Texto por KINO VERDÚ • Fotografia por EN SOCIEDAD

Um início que não costuma falhar: o que têm em comum o piloto de Fórmula 1 Charles Leclerc, a atriz Margot Robbie e o ex-presidente mexicano Enrique Peña Nieto? Resposta: foram seduzidos pelo ilusionista venezuelano, conhecido como 'o mágico das estrelas'. Mostra ao mundo uma série de truques, percepções falsas (ou verdadeiras) e artimanhas intermináveis com as quais confunde os olhos e a mente das pessoas.

“**S**ou filho de Deus. Se me perguntassem há um ano como me definiria numa única frase, eu teria respondido: mentalista, pai de família, escritor, amante de conhecer pessoas e de experimentar. Mas agora, e embora pareça um cliché, digo-lhe, filho de Deus”. É assim que Daniel Fernández se apresenta enfaticamente na entrevista, só para começar. Um dos mágicos e mentalistas mais requisitados em grupos privados, reuniões particulares de alto nível e apresentações em grandes espaços como teatros, entre outros. De todo o mundo, com apenas 31 anos, recorda o seu início: “Nunca tive uma formação estruturada. Sempre fui obcecado pela magia e psicologia. Quando tinha 10 anos vi um mágico na rua e isso mudou a minha perspetiva do mundo. Ocorreu numa rua de Londres e o artista tinha cerca de 50 pessoas à sua volta. Os gritos da multidão chamaram a minha atenção... Separei-me da minha família, aproximei-me e vi um homem a fazer coisas estranhas... coisas impossíveis. Mas o que mais me atraiu foi o seu controlo absoluto sobre o público. A multidão calava-se subitamente, instalava-se um silêncio total e, no segundo seguinte, entrava em choque. Incrível. Senti tantas emoções. Parei o ‘show’ dele e disse-lhe: tens de me ensinar... Ele quase que me matou. No final, mostrou-me um truque, e o que nasceu em mim foi uma obsessão total. Um ano depois, comecei a ser contratado para atuar em festas e eventos. Tinha onze anos. A verdade é que estava completamente viciado”. Foi a peculiar, e bizarra, queda do cavalo (leia-se a vida de Saulo de Tarso, mais conhecido por São Paulo) do pequeno Daniel. Vislumbrou a luz nos feitiços e encantamentos. Daniel Fernández cresce, descobre que a escola, por assim dizer, “nunca me atraiu. O aspeto social passou a

ser a minha formação, porque aí praticava novos truques, as mesas onde me sentava estavam cheias de gente... Naquele momento não dizia que era magia, vendia-me como algo psíquico, sobrenatural.” Inscreveu-se na Academia de Artes Dramáticas de uma forma acidental, quase por acaso. No dia do seu aniversário, descobriu que estavam a decorrer audições para entrar na escola. “Fui, fiz um monólogo e acabei por ganhar uma bolsa e entrar na faculdade.”

Uma pergunta – ou melhor, uma dúvida que nos assombra: Daniel Fernández: mágico ou mentalista? “Usando a expressão inglesa, o mágico faz ‘sleight of hand’, o mentalista faz ‘sleight of mind’. Por outras palavras, o mágico faz magia com truques com as mãos, e embora isso me fascine... já não é o que eu faço. Um mentalista substitui um baralho de cartas por técnicas psicológicas. Caminha por uma linha de incerteza onde não se sabe o que é verdade. É muito divertido... mudam-se as perspetivas e os paradigmas das pessoas sobre o que é real ou possível, os seus hábitos, porque não deixa de ser uma forma de despertar as pessoas. O mais bonito é que todos têm essa oportunidade de despertar a sua criança interior, não importa se é o presidente de um país, um super atleta, um ator de renome, um político,” comenta. Surgem tantas questões a colocar a Daniel Fernández. Tem poderes sobrenaturais? São atuações exageradas? “Comecei isto há vinte e um anos, desde os dez anos, e chegamos a um ponto em que deixamos a magia e, ou, o mentalismo falarem por si. Tornamo-nos uma obra de arte, uma tela em branco para o público pintar com as suas especulações [os humanos são crédulos por natureza] em vez de mostrar todas as suas cores. A especulação é um dos poderes mais fortes deste planeta e, como mentalista, acredito que é muito mais poderoso deixar o público pintá-la por si mesmo em vez de lhe dar todas as respostas, sublinha. Daniel revela os seus truques: praticar e praticar, livrar-se do medo do fracasso para aprender e ganhar confiança. “Sabe qual é o inimigo de qualquer disciplina? O ego. Quando era jovem, lutei muito contra isso; trava-nos e não nos deixa avançar. Temos de nos esquecer do eu, eu, eu, e concentrar-nos nos outros. E o amor, para mim, é o essencial na vida, ponto final.”

“Sabe qual é o inimigo de qualquer disciplina? O ego. Quando era jovem, lutei muito contra isso; trava-nos e não nos deixa avançar. Temos de nos esquecer do eu, eu, eu. E o amor, para mim, é o essencial na vida”





TALENTYA

Um mundo melhor é possível

TALENTYA 2025 regressou a Palma com renovado vigor. Sob o lema 'Despertar', esta edição reuniu grandes vozes do pensamento contemporâneo em Can Martí Feliu, num evento único que combina inspiração, conhecimento e celebração.

Texto por **MICHAEL WALL**

Mais uma vez, a ilha tornou-se ponto de encontro para mentes inquietas, comprometidas com um futuro mais consciente. Na sua décima sexta edição, este evento reuniu referências do pensamento, da ciência, da empresa, da cultura, da espiritualidade e da tecnologia num cenário carregado de história e beleza, ideal para refletir e criar coletivamente. Num formato íntimo e colaborativo, os participantes partilharam ideias, desafios e visões desde os seus respetivos campos. Vozes como as de Manuel Sans Segarra, Pablo d'Ors, Antonio Garrigues-Walker, Adriana Domínguez, Teresa Viejo, José Sánchez, Victoria Fonseca, Enric Benito, Pilar Muñoz Calero, David Vivancos, Padre Ángel ou Fernando Luis Gracia trouxeram profundidade, humanidade

e compromisso a uma edição marcada pela necessidade de ir além do óbvio. Promovido pela Fundação Fundestic, este fórum consolidou-se como um espaço imprescindível para aqueles que acreditam no poder transformador do conhecimento partilhado. As sessões abordaram temas-chave para os próximos anos: neurociência, sustentabilidade, inteligência artificial, astrofísica, ambiente, ética e até mesmo o desenvolvimento interior como ferramenta de impacto social. O verdadeiro valor do encontro foi, no entanto, reunir num mesmo lugar pessoas dispostas a questionar-se, a partilhar sem reservas e a construir pontes entre disciplinas, gerações e formas de ver o mundo. Mas nem tudo foi análise e reflexão. A experiência incluiu uma excelente





Mais de mil 'talentosos' já fizeram parte desta comunidade de conexão e propósito

programação cultural com música, gastronomia e percursos patrimoniais que potenciaram os momentos de conexão entre os participantes. Um dos eventos centrais foi a emocionante gala dos Prémios Talentya, tida lugar no emblemático Castelo San Carlos, onde foram reconhecidos aqueles que fizeram da sua forma de estar no mundo um legado exemplar. Nesta terceira edição, os prémios prestaram homenagem a Javier de Castro pela sua dedicação vital; Luis de la Fuente, símbolo de uma paixão contagiante; Víctor Manuel, pelo seu trabalho criativo incansável; Cruz Sánchez de Lara, pela sua generosidade em partilhar; Javier Benavente, exemplo de superação constante; Manuel Sans Segarra, cuja trajetória inspira a partir do essencial; e Sonia Díez, defensora do valor da família como núcleo transformador. Cada reconhecimento homenageia trajetórias que inspiram, somam e demonstram que é possível viver





Juanjo Fraile e Belén Blanco, empresários da área da comunicação estratégica, são os fundadores da Talentya — um encontro que idealizaram há 18 anos com o objetivo de partilhar, crescer e somar talento





o presente com autenticidade, criatividade e propósito. Este encontro exclusivo, privado e sem fins lucrativos conta com o apoio de entidades colaboradoras como Renault, Vicky Foods, El Pulpo, Vivlium, Mahou, Bodegas Fundador, Alsa, Calidad Pascual, Vivofácil, Cepa 21, Instituto de Desenvolvimento Interior, Castillo San Carlos, Bezoya, Dulcesol, San Miguel, Dalmore, Aico, Aliplús, Falcao Uno, Los Danzantes e Coca-Cola, que impulsionam o seu desenvolvimento através deste modelo colaborativo. Para aqueles que viveram essa experiência, foi muito mais do que um encontro. Foi uma viagem interior e coletiva, uma pausa para recordar o essencial e abrir-se a novas formas de ver, sentir e agir. Porque só a partir da plena consciência do que somos e partilhamos, poderemos imaginar – e construir – o que está por vir. E esse despertar, pessoal e coletivo, é o verdadeiro legado desta edição, que já pulsa em todos aqueles que fizeram parte dela. Encorajamos-vos a mergulhar na magia deste encontro em www.talentya.com



Can Martí Feliu é a sede oficial da Talentya, um espaço singular com 800 anos de história, declarado Bem de Interesse Cultural em 1997, na categoria de monumento



ANA MAGALHÃES

Texto por ANABEL MOUTINHO

Ana Magalhães não cabe em rótulos. Ela é travessia, artesanato, estética e gesto. Uma alma nômade que transforma sentidos em ofício e detalhe em linguagem. Entre Angola, Portugal e Brasil, Ana construiu uma trajetória tão singular quanto coerente: marcada pela escuta, pela beleza intencional e pela busca por uma verdade que emociona. Sua história não é sobre o que se faz, mas sobre como se sente o que se faz. Ela sabe que o tempo é matéria-prima criativa. Carrega pedaços de tudo o que viveu e experimentou.

NA era da velocidade e da sobrecarga sensorial, Ana Magalhães escolheu caminhar no tempo da delicadeza — com a sensibilidade de quem entende que presença é um ato de criação. Em um mundo que grita imagens, ela cultiva a escuta. Nascida em Angola, criada entre perdas e reinvenções após a guerra, Ana carrega na pele e na alma uma ancestralidade feita de terra vermelha, força feminina e raízes profundas. “A pessoa que sou hoje, a minha estética e tudo o que eu faço carrega vários pedacinhos de tudo o que tenho vivido e experienciado.”

Sua trajetória profissional não segue linha reta — e é exatamente isso que a torna tão autêntica. Formada em Recursos Humanos e Psicologia do Trabalho, iniciou a carreira em grandes corporações. Mas sempre escutou um chamado mais íntimo: um impulso criativo que desde a infância se expressava em bordados, crochê, embrulhos e tintas. Esse chamado cresceu. E ganhou corpo.

Nasceu assim a Lua de Luz, depois a Love Store, um espaço pioneiro — antes mesmo do conceito de “lifestyle store” se popularizar. Lá, Ana reuniu tudo o que amava: cozinhar, decorar, criar atmosferas, receber pessoas e cuidar dos detalhes. Era um café, uma galeria, uma loja e um ateliê de afetos. Um espaço onde, como disse um cliente, “só entrava quem tinha amor para dar — e receber”.

A Love Store foi mais que um negócio — foi um manifesto sensorial. Cardápio com sabores do mundo, ingredientes orgânicos, retrosaria centenária, exposições, encontros e memórias. Um lugar onde tudo era pensado com intenção. Ana não vendia produtos. Ela oferecia experiências.



E essas experiências deixavam marcas. Em quem passava por lá. E nela. Depois veio o Brasil. E, com ele, um novo mergulho criativo. “Foi extremamente importante. Quer porque qualquer mudança na vida nos ensina muito. E porque encontrei uma cultura e uma maneira de viver com a qual tenho imensas afinidades. E que me deu a oportunidade de fazer trabalhos e passar por experiências únicas, fantásticas”. Ana encontrou no país tropical uma vibração colorida. Trabalhou com moda, fotografia, eventos, gastronomia e produção. Viajou, observou e absorveu. No retorno a Portugal, com o repertório ainda mais plural, aprofundou o olhar com cursos de styling e produção de moda. Em um período sabático mergulhou ainda mais na fotografia e psicologia positiva.

Antes de toda essa imersão ainda houve espaço para o voluntariado. Ana é cofundadora da Associação sem fins lucrativos “Corações Com Coroa” desde 2012. O objetivo é promover uma cultura de solidariedade, igualdade de gênero e inclusão socio afetiva de pessoas em situações de vulnerabilidade, risco ou pobreza.

Hoje, toda essa trajetória deságua na AMA — Ana Magalhães Atelier. Mais do que uma consultoria, AMA é uma extensão da sua visão de mundo. Um espaço onde estética encontra significado. Marcas, serviços e produtos ganham alma através do afeto, da escuta e do design sensível. Ana guia empresas em transição, projetos autorais, fundadores em busca de identidade, espaços que querem mais do que aparência — querem presença.

AMA oferece curadoria de experiências, direção de estilo, workshops, mentorias e projetos feitos sob medida. Tudo começa na escuta. E na interpretação cuidadosa dos contextos, tendências, códigos culturais e emoções não ditas. Ana não apenas cria — ela traduz sentimentos em linguagem estética. Cada elemento é pensado para tocar. Para fazer sentido. Para permanecer.

Seus projetos ativam os cinco sentidos com leveza e rigor. Um aroma que evoca memórias, uma paleta que fala de identidade, uma trilha que envolve. Para Ana, nada é aleatório. Cada escolha carrega intenção. E os detalhes — aqueles que o mercado muitas vezes ignora — tornam-se protagonistas da narrativa. Como ela mesma diz: “Um detalhe muda tudo.” Ana acredita que Portugal e Espanha têm potência para serem referências do luxo com alma. Vê no Brasil um celeiro criativo de alegria e cor. E acredita no poder dessas fusões: marcas com identidade euro-latino-americana, fragrâncias com ingredientes amazônicos e savoir-faire francês, joias com pedras brasileiras e design europeu. Projetos com origem, afeto e verdade. “Essa diferença entre a tradição europeia e o calor latino-americano é muito interessante, chega a ser engraçado a forma como

AMA é uma consultoria que cura, sente e transforma. Marcas, espaços e produtos ganham alma quando atravessados pela sensibilidade de Ana. Detalhes viram poesia sensorial



Para Ana Magalhães, a sofisticação do futuro está em criar experiências que emocionam. Construções estéticas que acolhem e traduzem valores intangíveis em vivências reais

ambos se comportam em determinados espaços. Se pensarmos em um luxo contemporâneo, ambos os países têm tradições artesanais muito fortes, como na cerâmica, a joelheria, a tecelagem, a madeira, que se adaptam lindamente. Portanto, a estética do feito à mão, do único e do autêntico está presente nos dois mercados.”

Para ela, a sofisticação do futuro está em criar experiências que emocionam. Construções estéticas que acolhem e traduzem valores intangíveis em vivências reais. “Tanto no Brasil quanto em Portugal e no mundo, cresce o interesse por experiências de luxo e não apenas por produtos. Falamos das viagens sensoriais, das imersões culturais e experiências gastronômicas raras.” Já de olho no mercado dos Estados Unidos, Ana vê que a Europa tem muito o que oferecer: “Num mundo cada vez mais saturado de estímulos muito rápidos, o sul da Europa oferece ao mercado americano algo que ele não consegue fabricar internamente. Tempo, profundidade, tradição e beleza vivida.” Ana Magalhães é uma colecionadora de memórias. Uma alquimista da beleza emocional. E, sobretudo, uma mulher que escolheu fazer do sentir a sua linguagem mais potente.

Enquanto o mundo corre, ela para. E nos convida a fazer o mesmo: respirar, contemplar e sentir. Porque, no fim, o essencial para Ana é a soma da simplicidade, profundidade e verdade. “A verdade sustenta uma vida com coerência e dá sentido às escolhas.”





Vera Cíntia Álvarez

Texto por ANABEL MOUTINHO • Fotografia por FERNANDA PADILLA

Entre aquarelas, memorandos e deslocamentos pelo mundo, A CÔNSUL GERAL DO BRASIL EM MARSELHA construiu uma carreira que cruza arte, política e espiritualidade. Diplomata há mais de quarenta anos e artista plástica com perspectiva de realizar exposição na Casa de América (Madrid) em futuro próximo, Vera Cíntia transforma sua vivência internacional em rituais de criação e escuta. Em cada pintura, uma história humana. Em cada decisão diplomática, uma atenção ao invisível. Uma mulher que pinta o mundo que quer ver.

S seja na pintura ou na diplomacia, Vera Cíntia Álvarez não abre mão de gestos silenciosos: rituais. São processos que antevêm qualquer pincelada ou documento diplomático assinado. Antes de agir, prepara o terreno. Na embaixada ou no ateliê, a Cônsul vive sob um mesmo princípio: tudo o que se cria ou se representa deve vir de um estado de alinhamento interior — espiritual, social e histórico. “Tenho que estar lavada, limpa, vestida para pintar. É um ritual. Não pode ter metal por perto, não pode haver ruído. É uma preparação para algo maior que eu mesma.”

Diplomata de carreira há mais de quatro décadas e artista plástica autodidata, Vera Cíntia une em seu trabalho duas forças complementares: o poder da escuta diplomática e a potência criativa da arte. Ela já representou o Brasil em países como China, Itália, Irlanda, Indonésia, Japão, na Guatemala como Embaixadora plenipotenciária, Espanha e França, como Cônsul-Geral. Também expôs sua arte pelo mundo, criando pontes entre culturas, contextos e histórias. Em cada país, tanto quanto representar o Brasil, a diplomata estudou, aprendeu e pintou. “Cada cultura é uma chave. E a pintura me ajuda a abri-las”. Agora deixa a cultura hispânica para assumir um novo desafio na França. “Quero continuar pintando a humanidade. Personagem por personagem. E Marselha será mais um desses portais.”

Vera Cíntia não dissocia arte e política. Ao contrário: ela entende que sua pintura carrega um dever social e geopolítico. “Minha arte é feita para o mundo, para o futuro. Não pinto para vender, pinto para contar histórias humanas, que merecem serem contadas.” É por isso que seus quadros dialogam com a trajetória dos povos, com as vidas particulares marcadas por guerras, migrações e resistências. Cada exposição é um ensaio visual sobre a alma humana e sua inserção no tempo. História individual e coletiva. A espiritualidade tem papel central nesse processo. Após um episódio





traumático em sua casa de praia em Santa Catarina — onde um invasor destruiu parte de suas obras —, Vera Cíntia ficou bloqueada por anos, no atelier que todos os anos abria, durante as férias. Foi um livro que a reconectou com seu propósito: *O Caminho do Artista* de Julia Cameron. “Ali compreendi que o que eu fazia instintivamente — rezar antes de pintar, pedir ajuda à espiritualidade — era, na verdade, o segredo de muitos artistas. A arte exige pureza de intenção, exige preparação.”

Essa dimensão interior, porém, nunca esteve dissociada da realidade concreta. Vera Cíntia participou de movimentos estudantis contra a ditadura militar enquanto cursava filosofia na Universidade Pública de São Paulo — a USP. Foi nesse período que amadureceu sua vocação para o Itamaraty, profissão que também herdou em espírito do pai Fernando Rodríguez Álvarez, um advogado que sonhava em ser diplomata, mas teve a carreira barrada pela mãe. “Meu pai me ensinou o valor do conhecimento, do estudo constante. Ele dizia que a vida sem estudo não faz sentido. E me empurrou, com amor, para o caminho da diplomacia.”

Já da mãe, a musicoterapeuta Ingeborg Balzer Kaebisch — uma mulher avançada para seu tempo —, Vera Cíntia herdou a auto-confiança: “Ela me dizia que eu podia fazer qualquer coisa. E isso moldou tudo. Porque, tanto na arte quanto na diplomacia,

“Quando cheguei à Espanha, entendi que a Espanha estava dentro de mim. E o Brasil também está dentro da Espanha. São culturas profundamente entrelaçadas”

— você precisa acreditar que é possível. E eu acredito.”

Essa crença atravessa gerações. A família tem outros artistas, como o sobrinho Thales, conhecido como Pomb, um artista pop que vive entre Brasília e São Paulo. Mas, em Vera Cíntia, o impulso criativo é visceral. “Não posso parar de pintar todos os dias. Se não pinto, fico infeliz. Minha pintura nasce de um impulso interior muito poderoso.”

Em 1989, na China, logo após o massacre da Praça da Paz Celestial, ela começou a pintar em casa, sozinha, sem formação formal, mas com olhos famintos por sentido. “A pintura surgiu como uma resposta à dor e à perplexidade perante os problemas contemporâneos. E desde então nunca parei.” Hoje, suas obras retratam o humano dentro da história — e o histórico dentro do humano. Cada país por onde passou alimentou esse repertório. Na Espanha, reencontrou uma memória cultural infantil. “Eu sabia cantar todos os pasodobles, porque meu pai os ouvia quando eu era pequena. Quando cheguei à Espanha, entendi que a Espanha estava dentro de mim, tanto quanto o Brasil. Descobri que o Brasil também está dentro da Espanha e vice-versa. São culturas profundamente entrelaçadas.”

Essa mistura de pertencimentos faz parte de seu projeto atual: pintar o mundo, personagem por personagem. Até o fim do ano, estará de mudança para Marselha, no coração do Mediterrâneo, para assumir o novo posto consular. Mas também para pintar. “Cada lugar me marca. E Marselha, com sua diversidade e sua história, é o próximo cenário que quero entender com os olhos e com o pincel.” Entre seus planos diplomáticos está a criação de um projeto transcontinental, conectando o Mediterrâneo às Américas por meio da arte, e da diplomacia também. “Acredito que estamos prestes a viver um novo capítulo histórico, o mundo passa por uma transição, e quero contribuir para isso com a minha visão, com minha pintura e com meu trabalho consular.”

No percurso até aqui, Vera Cíntia também viu portas se abrirem para



Vera Cíntia Álvarez e Philippe Guillaumet

“Você tem que rezar para pintar. Se não, só repete o que já existe. Criar exige entrar num outro estado, mais espiritual que técnico”



o reconhecimento de sua obra. A partir do convite para participar da FAIM, Feira Independente de Arte de Madri, de 2025, novas oportunidades surgiram. Seus cinco quadros expostos, com suas histórias contadas em etiquetas colocadas ao lado, chamaram a atenção do público, dos críticos, colecionistas e curadores. Como resultado, é candidata a uma exposição, a partir de 2027, na icônica Casa de Américas, em Madri, que funciona como um centro de diálogo e difusão cultural dos laços entre a Espanha e o continente latino-americano. Vera Cíntia pretende expor lá o conjunto de quadros “Guatemaya Sublime”, que pintou durante sua estada de quatro anos como embaixadora na Ciudad de Guatemala. Melhor lugar, impossível, diz ela com entusiasmo. A pintura é, para Vera Cíntia, um modo de falar do essencial — e o essencial, diz ela, é o amor. “Amor expresso na arte, nas relações humanas, na política. É isso que nos move.” Essa ética amorosa atravessa todas as suas práticas, inclusive o jeito como enxerga o trabalho diário. Ela cita o filme *Dias Perfeitos*, de Wim Wenders, como retrato ideal do que entende por dedicação: um limpador de banheiros em Tóquio que transforma sua rotina em um ato de honra. “Esse é meu ideal. Uma entrega pura, com atenção a cada gesto, como um monge em oração. É assim que pinto, é assim que escrevo cada memorando diplomático. Porque acredito que todo trabalho, se feito com sentido, é uma forma de arte.” E é assim que ela segue: entre o mundo interior e o mundo exterior, entre o que a história oficial conta e o que os olhos de cada indivíduo revelam. Vera Cíntia Álvarez é ponte — entre gerações, continentes, linguagens. E é nesse espaço entre um e outro que sua arte e sua diplomacia se tornam inseparáveis. No fim, Vera Cíntia resume “Só com amor se constrói algo que permaneça”. Diplomacia com alma e pincel.





Sara Puig

Texto por ALICIA SENABRE • Fotografia por ANTÓN GOIRI

Em junho de 2025, a FUNDACIÓ JOAN MIRÓ celebrou cinco décadas de existência. Cinquenta anos de história cultural que tornaram esta instituição, fundada por Joan Miró em 1975, um dos pilares fundamentais da arte contemporânea europeia. A figura de Sara Puig foi fundamental para consolidar a projeção da organização. Sob a sua presidência, a instituição fortaleceu o seu perfil internacional, expandindo alianças estratégicas e programas que conectam a arte com a sociedade atual.

Desde a sua criação, a Fundació Joan Miró tem sido muito mais do que um museu: é um local onde a obra de Miró dialoga com movimentos contemporâneos e a arte é proposta como ferramenta de transformação social. Hoje, sob a liderança de Sara Puig, presidente da instituição, o projeto original celebra um momento crucial: a comemoração do seu quinquagésimo aniversário, que se desenrola ao longo de um ano com uma programação excepcional que revaloriza o passado com um olhar voltado para o futuro. A instituição em si foi criada por iniciativa do próprio artista com um propósito claro: estabelecer um centro vivo de arte contemporânea em Barcelona, baseado na democratização da arte. O acervo fundador era composto maioritariamente pela sua coleção particular, o que lhe confere um caráter único entre as instituições dedicadas a um único artista. Ao longo destas cinco décadas, esta vocação cristalizou-se num espaço dinâmico onde a obra do artista catalão coexiste com propostas experimentais de artistas dos séculos XX e XXI. A coleção e o acervo foram sendo enriquecidos com contributos de estudos, doações e aquisições que garantem uma perspectiva crítica e plural. A nomeação de Sara como presidente da Fundació Joan Miró marcou um ponto de viragem estratégico. Licenciada em História da Arte pela Universidade de Barcelona e mestre em Gestão de Museus pela Universidade de Nova Iorque, esta mulher representa uma geração de gestores culturais com uma visão global, comprometidos com a arte como bem público e a cultura como



motor de mudança. “Gosto de ajudar”, observa. Esta breve frase resume uma vocação para o serviço, uma vontade humilde e uma ligação emocional aos valores que Joan Miró já personificava: humildade, generosidade e uma visão clara do mundo. Desde a infância que a arte tem sido a bússola silenciosa de Sara. O pai guiava-a pelas salas de exposições aos fins de semana, cultivando nela uma perspectiva curiosa. Um tio, pintor, colecionador e autodidata, iniciou-a na arte internacional através da emulação criativa, pintando uma fonte numa tela azul. Foi assim que ela aprendeu que a arte não se reside apenas nos museus, mas também nos gestos íntimos, na paixão partilhada, no jogo livre da criação. A sua passagem por instituições como o MoMA de Nova Iorque, o MACBA ou a Fundação Francisco Godia, assim como a sua participação em projetos internacionais como ‘The Feuerle Collection’ em Berlim, proporcionaram-lhe uma bagagem diversificada, cosmopolita e pragmática.

Durante a sua presidência, a fundação reforçou a sua estrutura de alianças com patrocinadores privados e organizações filantrópicas, ampliando a sua projeção internacional sem perder a sua ligação ao tecido cultural local. Rosa Maria Malet, figura histórica da instituição e primeira curadora da obra de Miró, convidou-a para integrar o conselho de administração. E mais tarde foi o próprio presidente que propôs o seu nome para a presidência. Desde então, Sara Puig tem defendido claramente uma ideia fundamental: a continuidade do legado de Miró exige uma gestão contemporânea, rigorosa e aberta aos desafios do século XXI. Esta filosofia reflete-se na programação do cinquentenário. O lema escolhido para a celebração não é meramente comemorativo: “50 anos para as pessoas de amanhã” expressa um desejo ativo de projetar o legado da Fundació Joan Miró para o futuro. A instituição não olha para trás com nostalgia, mas sim com responsabilidade. O dia 15 de junho marcou o

A essência de Sara assenta numa educação marcada pela sensibilidade artística, a humildade e o desejo constante de aprender, ouvir e partilhar a cultura e a arte com propósito



início de um ano repleto de atividades que visam destacar a história da instituição e projetar os seus objetivos e propósitos para o futuro. Entre as propostas em destaque figura uma grande exposição retrospectiva que revisita meio século de atividade artística, documental e educativa, incorporando vozes contemporâneas que reinterpretam o legado de Miró desde novas perspectivas. Curadores e artistas associados à instituição oferecerão uma perspectiva transversal e atualizada. Outro destaque será a exposição dedicada à relação entre Joan Miró e os Estados Unidos, destacando a influência mútua entre o artista e figuras-chave do expressionismo abstrato, assim como o seu impacto no panorama internacional. Esta mostra viajará posteriormente para a Phillips Collection em Washington, reforçando a projeção internacional da instituição. Além disso, será realizada uma nova edição do Prémio Joan Miró, com o patrocínio da Stavros Niarchos Foundation e Cupra, cuja galardoada foi Kapwani Kiwanga. Este prémio, criado em 2007, reconhece os artistas que, em qualquer fase da sua carreira, encarnam o espírito de investigação, compromisso e liberdade que caracterizou Miró. O prémio, dotado com cinquenta mil euros e uma exposição individual, é hoje um dos mais prestigiados na sua categoria a nível internacional. Um dos principais desafios na gestão contemporânea das instituições culturais é garantir a sua sustentabilidade sem comprometer a sua missão pública. A Fundació Joan Miró, enquanto entidade privada com vocação para o serviço público, consolidou um modelo de financiamento misto que combina apoio institucional, patrocínio empresarial, mecenato privado e autofinanciamento através das suas próprias atividades. Durante a presidência de Sara Puig, este modelo foi reforçado através de uma política ativa de alianças estratégicas, em linha com as melhores práticas do setor museológico europeu. A fundação elaborou um programa de apoio que oferece diferentes níveis de parcerias, adaptadas a particulares, fundações familiares e empresas. Esta abordagem flexível permite o estabelecimento de relações duradouras baseadas na transparência, confiança e benefício mútuo.

A Fundació Joan Miró foi fundada em 1975 com um propósito que se mantém atual e ampliado nos dias de hoje: proporcionar um ponto de encontro entre a obra de Joan Miró e a arte contemporânea internacional. Desde então, soube construir a sua própria identidade, combinando raízes locais com projeção internacional. Durante este período, a fundação estabeleceu colaborações com alguns dos principais centros de arte do mundo, como o MoMA, Tate Modern, Centre Pompidou, Museu Rainha Sofia, Phillips Collection e Guggenheim Bilbao, gerando redes de intercâmbio que colocam a instituição numa posição central dentro do sistema de arte contemporânea. A presença internacional da fundação intensificou-se nos últimos anos. Essa trajetória conferiu à presidente uma perspectiva europeia e sensibilidade local, capaz de conectar diversos contextos culturais, integrar a tradição e a inovação e posicionar a Fundació Joan Miró num diálogo permanente entre o global e o local. Em paralelo, a fundação mantém um firme compromisso com o seu meio envolvente imediato: as suas raízes em Barcelona e na Catalunha são sólidas e profundas. Através de uma programação

Meio século após a sua abertura, a fundação não só preserva, divulga e estuda a obra do mais internacional dos artistas catalães, como também se consolidou como um espaço criativo e catalisador

• • •

Joan Miró não foi apenas um artista plástico excepcional, mas também um humanista empenhado. O seu pensamento, marcado por espírito libertário, poesia e introspeção, impregna toda a estrutura concetual da fundação

cultural que dialoga com as realidades sociais da cidade e apoia as iniciativas comunitárias, consolidou-se como um dos pilares do sistema cultural de Barcelona. Este ano, com a celebração do seu cinquentenário, o trabalho da Fundació Joan Miró assume uma relevância renovada e profundamente simbólica. Cada uma das suas linhas de ação – a divulgação do legado de Miró, o apoio à criação contemporânea, a mediação cultural e a investigação artística – é iluminada pela perspectiva do tempo e reafirmada no seu propósito original. E neste emblemático aniversário, a figura de Sara Puig, presidente da instituição, surge como um novo símbolo de continuidade, de compromisso e de amor pela arte. E assim, cinquenta anos depois, a fundação não só celebra o que foi, como reafirma, com força poética e convicção ética, que a arte vai continuar a ser uma semente, um refúgio e um horizonte para as pessoas do amanhã. E falar da Fundació Joan Miró é também falar de uma forma de compreender a arte, a sociedade e a cultura.

Joan Miró não foi apenas um artista plástico excepcional, mas também um humanista empenhado. O seu pensamento, marcado por um espírito libertário, a poesia e a introspeção, impregna toda a estrutura concetual da fundação, que se posiciona não só como guardiã da sua obra, mas também como herdeira dos seus ideais. O seu legado vai além da dimensão artística. Foi um acérrimo defensor da humildade, da solidariedade e da hospitalidade. Isto é demonstrado pelas suas doações à cidade de Barcelona: o mural do aeroporto como gesto de boas-vindas aéreas, o mosaico de Las Ramblas como saudação marítima e a escultura na Plaza España como abraço ter-



restre. Estas obras foram pensadas não para a autorrealização, mas para serem integradas na vida quotidiana da cidade e democratizar o acesso à arte. Sara, à sua maneira, dá continuidade a esta tradição de generosidade. Porque entende a arte como uma ferramenta de transformação social, como uma energia que se multiplica quando se partilha: é o compromisso de alimentar o talento emergente e de garantir que a inspiração não se perde no ruído do esquecimento. Graças a este impulso constante, cria-se um ciclo virtuoso em que os sonhos encontram sustento, os projetos ganham vida e a arte continua a florescer nas mãos das novas gerações. Com esta convicção, a fundação gerou um ecossistema de criação sustentável, onde os projetos se materializam e a inspiração se transmite como uma energia viva entre gerações. Neste modelo, a figura de Joan Miró, enquanto artista e filantropo, é poderosamente projetada: o seu legado não se limita à obra exposta, mas reside no gesto generoso de abrir caminho a outros. Esta ética de partilha foi abraçada e ampliada por Sara, que reforça a dimensão social e educativa da arte como ferramenta de construção comunitária. Este espírito fundador gerou uma cadeia de transmissão e compromisso, em que o artista consagrado inspira o emergente, e este, por sua vez, torna-se uma nova referência. A Fundació Joan Miró destaca-se como uma ponte entre eras, onde cada geração segura na tocha da arte, não para a guardar em silêncio, mas para a acender com novas perguntas, novas formas e novas vozes.



O trabalho de mecenato promovido pela fundação não é meramente um ato de apoio financeiro, institucional ou logístico; é uma declaração transcendental da fé na arte como força transformadora

• • •

Sara Puig personifica uma rara combinação de discrição, inteligência, sensibilidade e compromisso humano, qualidades que transmite a cada projeto que lidera na fundação



LEITORES DA SPEND IN IN NO MUNDO
LIFESTYLE

www.spend-in.com

THE BUGATTI OF HYDRA

Texto por **MAIKEL TAPIA** • Fotografia por **ANTONIO GIRBÉS**

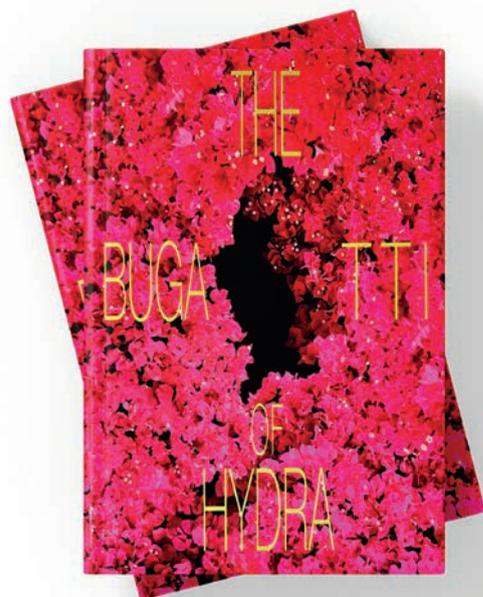
ANTONIO GIRBÉS, fotógrafo com alma de narrador, apresenta, no seu último livro uma série de imagens onde a contemplação se transforma em experiência. A beleza, a memória e a passagem do tempo dialogam em cada enquadramento. Na ilha de Hydra, uma buganvília monumental repousa sobre a cal de uma casa branca como um enigma parado. A fotografia transmite sensações vividas. Aqui, o olhar transforma. Aqui, o instante torna-se legado.



A buganvília, cultivada com devoção, revela uma forma de estar no mundo, onde cada cuidado deixa a sua marca, e a beleza nasce da ligação paciente com a matéria viva



UM caminho íngreme atravessa Hydra. Das suas paredes brotam sombras, raízes, gestos. Nessa topografia onde o humano se mistura com o mineral, a câmara de Antonio Gírbés encontrou um interlocutor inesperado: uma buganvília cuja biografia se entrelaça com a da ilha, com a do tempo, com a sua própria. O livro que agora publica não é um catálogo botânico nem um mero exercício estético, é o retrato de uma permanência improvável. A floração exuberante parece um ato de resistência. Sob a superfície adivinha-se uma arquitetura silenciosa, cultivada com paciência e obsessão. Há algo de litúrgico na forma como Antonio acompanha este crescimento vertical: observa, limpa, poda, pule. Não há fotografia sem presença. Não há beleza sem dedicação. Os cuidados tornam-se método, ética. O fotógrafo assume o papel de jardineiro, restaurador, testemunha. A buganvília, submetida à dureza do vento, ao salitre, à indiferença das estações, sobrevive graças à exatidão destes gestos. Cada folha caída, cada ramo partido, faz parte de uma linguagem íntima que o campo visual traduz. Mas a verdadeira descoberta não está na forma, mas na matéria emocional que a sustenta. Os ramos retorcidos evocam criaturas mitológicas, colunas gastas, corpos



Durante séculos, Hydra foi refúgio de artistas, escritores e visionários. O seu isolamento forçado pela ausência de veículos torna-a um cenário que impõe um ritmo distinto. Aí, cada gesto é amplificado, cada cor ressoa com intensidade. O trabalho de Antonio Girbés dialoga com esse tempo antigo, onde a espera não é perda, mas uma forma essencial de conhecimento.

em fuga. Há violência nessa beleza, mas também rendição. A luz e a sombra desenham fragmentos de algo que poderia ser humano. Um esqueleto vegetal transformado em escultura viva.

O livro, concebido como uma narrativa sem palavras, apresenta sequências nas quais o olho se detém. Não há hierarquia entre o monumental e o mínimo. Uma folha sobre uma pedra branca, o fragmento de um caule, uma fenda... tudo fala. Tudo lembra. Mesmo o que não é dito. À medida que as páginas passam, intui-se que a buganvília é menos um objeto do que um espelho. Ela projeta uma forma de estar no mundo. Um estar atento. Um demorar-se. A fotografia não fixa, mas prolonga. Prolonga o efêmero. Resgata do desgaste quotidiano uma forma de plenitude. Antonio insere-se numa tradição mediterrânica onde a contemplação e a ruína não se excluem. O seu olhar restitui o sagrado do frágil. Em cada composição adivinha-se uma tensão entre o que permanece e o que se extingue. A buganvília floresce e envelhece. O Mediterrâneo, com a sua luz absoluta, não esconde nada. Cada fenda é memória. Cada folha, uma confissão. Este livro não propõe respostas. Também não adere a nenhuma nostalgia. É um convite a olhar sem pressa, a perceber o que vibra por baixo das formas. Algo se revela no silêncio: uma promessa de permanência, apenas sustentada pela delicadeza.





MESTRES TECELÕES E CONSERVADORES

Texto por MIGUEL BERTOJO

Mais cedo ou mais tarde, as tapeçarias valiosas de todo o mundo vão parar à De Wit, a última das grandes manufaturas belgas. Fundada em 1889, nos últimos 30 anos a atividade de tecelagem deu lugar à reparação, conservação, restauração — utilizando diferentes metodologias — e limpeza de peças históricas.

Entre os séculos XIV e XVIII, as tapeçarias flamengas do Sul dos Países Baixos, a atual Bélgica (Bruxelas, Tornai, Antuérpia, Oudenaarde ou Bruges) ou ainda Lille, no Norte de França, representaram a mais sublime expressão da arte para os poderosos europeus, da Rússia a Espanha. As suas oficinas teceram dezenas de milhares de peças... Um mestre tecelão produzia um metro quadrado de tapeçaria em seis semanas. Atualmente, muitas dessas obras podem ser admiradas em palácios, museus e outras instituições. O seu prestígio era tal, que ocupavam uma posição de destaque no património de reis e nobres — um testemunho da sua riqueza, poder ou conhecimento. Carlos I de Espanha viajava com 96 tapeçarias flamengas para decorar os palácios onde pernoitava: obras que ilustravam acontecimentos históricos, cenas mitológicas, biografias... Esse saber espalhou-se depois pela Europa, com iniciativas como a Manufacture Royale des Gobelins, em Paris, ou a Real Fábrica de Santa Bárbara, em Madrid... mas a Revolução Francesa e a posterior invasão da Bélgica levaram ao fim do estilo de vida aristocrático e das oficinas — e até desta arte. Não obstante, os franceses mantiveram a tradição e o saber no seu país. Com efeito, dois franceses, os irmãos Alexandre e Charles-Henri Braquenié, reintroduziram-nos na Bélgica em 1860, com a abertura da sua manufatura em Mechelen. Theophiel De Wit (1863-1941), que deu origem à saga, começou a trabalhar ali como aprendiz. Mais tarde, à frente do seu próprio atelier, começou por satisfazer os gostos locais pelas reproduções e variações de clássicos, nomeadamente do estilo gótico tardio. Já com o seu filho Gaspard (1892-1971) ao leme, triplicou o número de trabalhadores e de teares em atividade. Na década de 20 do século passado, os franceses já teciam com cartões de artistas da época, mas a De Wit, mais conservadora, manteve-se fiel à estética pré-renascentista. Contudo, nos anos 60, a tapeçaria contemporânea já representava a maior parte do seu catálogo.





A De Wit trata anualmente mais de 150 tapeçarias e têxteis antigos, tão delicados como requintados, de museus de praticamente todo o mundo

Gaspard formou o neto, Yvan Maes (1950), historiador da arte e presidente da De Wit desde 1980, como mestre tecelão e restaurador. Perante o aumento dos custos de produção e a baixa procura, promoveu a transformação da empresa num centro de adorno e restauração de tapeçarias antigas. Desde 1991, o seu método de limpeza patenteado é uma referência graças à sua eficácia e por minimizar o risco de deformação ou rasgões devido a ações mecânicas inadequadas. O filho Pierre (1980), atual diretor e quinta geração da saga, lidera uma equipa composta por mais de 25 profissionais: tecelões especializados em baixa tecedura, historiadores da arte, restauradores... Em 1986, a De Wit mudou-se de armas e bagagens para uma antiga abadia-fortaleza em Tongerlo, construída no século XV pela ordem norbertina. O edifício serviu de quartel durante a Revolução Francesa e foi um museu religioso, como evocam as lajes sepulcrais que se encontram no seu jardim. Atualmente, a empresa goza de uma reputação impecável em todos os serviços prestados: análise histórica e iconográfica, avaliação, manutenção, montagem/desmontagem ou armazenamento, bem como no uso de técnicas reversíveis de conservação, consolidação, integração, revestimento ou restauração, ou no desenvolvimento de tecnologias de melhoria estética. Também organiza grandes exposições e participa em certames de prestígio internacional, como o BRAFA (Bruxelas).





COLEÇÃO 'SOBREIRO'

by

IRMÃOS CAMPANA



Fabricado numa edição limitada de apenas cento e cinquenta unidades, o cadeirão Sobreiro – alcornoque, em espanhol – integra a exclusiva coleção homónima de móveis em cortiça concebida pelos irmãos Campana. Esta peça única, feita inteiramente de cortiça natural, destaca-se pela sua forma retangular e estética sóbria, que realçam a nobreza e a singularidade do material. A sua presença escultórica e textura orgânica tornam-na uma escolha ideal para es-

paços contemporâneos comprometidos com a sustentabilidade. É a primeira vez que os Campana trabalham com cortiça – um material ecológico, leve e surpreendentemente versátil. A sua textura, propriedades isolantes e diversidade de aplicações posicionam-na como uma alternativa inovadora no design. A coleção foi desenvolvida com o apoio da Corticeira Amorim, referência na indústria da cortiça, que assessorou o processo e forneceu os diferentes tipos utilizados.

Texto por **DIEGO AGÜERO**

GUGGENHEIM BILBAO

BARBARA KRUGER

ANOTHER DAY

ANOTHER NIGHT

24/06 - 09/11

 **Occident**



Nick Knight. 'Sunday 29th of September, 2019'. © Nick Knight. Cortesia do artista e da Fundação Barrié

Nick Knight

Texto por MIGUEL BERTOJO

Pioneiro, visionário, disruptivo... É assim que melhor se descreve um dos fotógrafos contemporâneos mais influentes no rutilante firmamento da alta costura. A sua recorrente transgressão das convenções e dos parâmetros vigentes, incluindo a própria noção de beleza imperante e as suas pretensas substitutas, dão conta da sua singular visão da indústria, tão insólita como heterodoxa.

Prova disso são as suas capas, nos cabeçalhos mais relevantes a partir dos anos 80 do século passado: desde clássicas, como a 'Vogue', até as mais atrevidas ou inovadoras: 'Dazed & Confused', 'Visionaire'... Na sua nutrida relação de clientes figuram tanto maisons de haute couture como reputadas marcas de luxo - Chanel, Christian Dior, Yves Saint Laurent, Louis Vuitton... - como estilistas ou designers de ostentação - Vivienne Westwood, Yohji Yamamoto, John Galliano, Alexander McQueen... - além de, claro, personagens relevantes da moda como Naomi Campbell, Kate Moss... Na década precedente, a pujante indústria musical de então exigia boas imagens promocionais. Por conseguinte, no trabalho de Nick como retratista figuram ícones da pop como o rei do glam rock, David Bowie, George Michael... Mas, se o mais notável da arte ou da cultura posou para a sua objetiva, figuraram também a rainha Isabel II, no seu nonagésimo aniversário, em 2016, e o então príncipe Carlos... A sua obra fotográfica figura em instituições e museus como o Victoria & Albert Museum ou o Tate Modern, em Londres, a Kunsthalle de Viena, o Musée de la Mode de Paris, a Biennale di Firenze...

Em 2000 fundou a SHOWstudio.com: um site consagrada ao fashion film. Após 'Pagan poetry' (2001), de Björk, o seu primeiro teledisco, foi a vez do filme para o álbum '100th Window' (2003), dos míticos



Nick Knight. © Nick Knight. Fotografia: Britt Lloyd

'Roses from my garden' representou a faceta mais íntima e ignota do criador do britânico que se autodenomina 'criador de imagens'

Massive Attack. Ao vídeo 'Born this way' (2011) de Lady Gaga, seguiram-se 'Bound 2' ou 'Black Skinhead' (2013), do rapper, produtor e designer Kanye West; as fotografias do álbum 'Birds in the Trap Sing McKnight' (2016), do também rapper norte-americano Travis Scott; ou uma série de interlúdios para 'The Chromatica Ball' (2022), a longa tournée mundial de Lady Gaga.

REINVENTAR A FOTOGRAFIA

Inclinado para desafios, além do comercial ou profissional, Nick Knight quis procurar inspiração longe dos sets de filmagem: no seu jardim. E, perante o resultado, talvez floresçam nele as rosas de chá mais bonitas do mundo! Desde há uma década, imortaliza-as com zelo a cada fim de semana. Daí os títulos invulgares das séries: 'Sunday 29th of September', '2019'... Ainda assim, o vínculo com a natureza não é uma novidade: a sua exposição 'Plant Power' (1992), a colaboração com David Chipperfield, sobre a relação entre humanos e plantas no Museu de História Natural de Londres, prolongou-se durante quinze anos. De outubro de 2024 até ao passado mês de janeiro, a Fundação Barrié, da Corunha, apresentou em primícias em Espanha 'Roses from my garden': cerca de cinquenta obras de médio e grande formato, algumas até então inéditas, que remetem tanto para um frutífero período da história da pintura como, e de um modo quase imperceptível, para o mundo das novas tecnologias. Além da beleza que dimana das próprias imagens, motivo de sobra para uma contemplação mais que tranquila, a coincidência de tradição e contemporaneidade converteram a exposição num acontecimento cultural de primeira ordem. Não foi para menos... Impressas a uma escala pouco usual, as fotografias evocam as clássicas naturezas-mortas florais da pintura holandesa do século XVII. Não só cada flor da exposição é distinta das demais como, ao contrário do que sucede habitualmente em qualquer museu, para perceber o seu nível de detalhe, é preciso aproximarmo-nos quase até ao contacto físico. O certo é que são todas

perfeitas, até as que ostentam pétalas já murchas. "A rosa tem uma enorme carga poética", assinalou Nick na apresentação. "Faz parte da nossa cultura: a morte, o amor, o romance ou a tragédia. Além disso, era o nome da minha mãe. E a minha única tatuagem é uma rosa...". Contudo, intui-se algo inusitado ao observar a aura que soltam: não são fotografias feitas com equipamentos profissionais; então, como se processa a sua edição? "É muito simples", segundo Nick: "Tomo o pequeno-almoço, saio para o jardim, recolho algumas rosas e meto-as num jarro. Na cozinha disperso-as, agrupo-as e fotografo-as com o meu iPhone, com a luz natural como única fonte de iluminação. O iPhone tem uma 'linguagem' muito diferente da fotografia convencional: o vermelho, por exemplo, é demasiado forte e saturado. Além disso, evito o verde: recorda-me o uniforme do colégio". O processo

parece simples, mas omite que há um dilatado processo de reflexão por detrás: "Passo horas a olhar como caem as pétalas ou mudam de cor. Depois, edito-as no Instagram e manipulo-as com os filtros do próprio Instagram; altero o contraste, a saturação... Por último, utilizo um 'software' de inteligência artificial (IA) para ampliar, filtrar ruído, preencher espaços entre píxeis e recuperar faixas desfiguradas...", explica. "A IA já está a mudar a forma de produzir arte. É preciso que as pessoas com influência apoiem ferramentas assim e, além disso, almejem resultados brilhantes utilizando-as. Não devemos agarrar-nos ao passado, sobretudo num âmbito como a moda", ar-



Nick Knight. 'Sunday 11th October, 2015'. © Nick Knight
Cortesia do artista e da Fundação Barrié

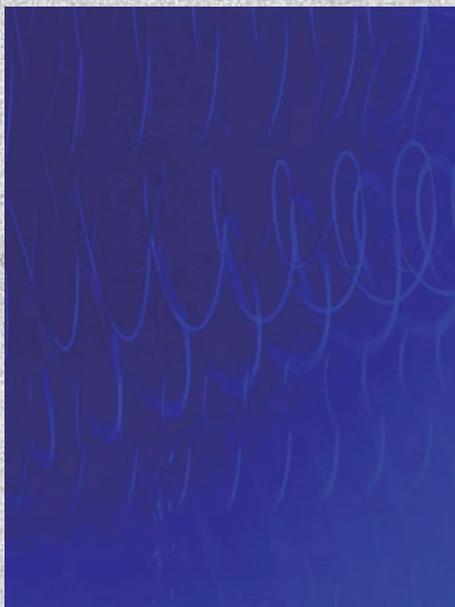
gumenta, persuadido pelo seu potencial nas diferentes disciplinas artísticas. "Ignorar a IA, pensando que só se trata de um algoritmo, de uma máquina ou que acarreta perigos, pressupõe que só as grandes empresas e o exército a adotem e deem forma. Não quero um futuro marcado pela cobiça ou a violência, mas um mais utópico, em que prima a comunidade global".



Persuadido pelas possibilidades das novas tecnologias, não só defende o seu uso como o tornou, com efeito, no seu leitmotiv

EXPOSIÇÕES

OUTUBRO / NOVEMBRO/ DEZEMBRO / 2025



Cooking Sections, Waves Lost at Sea (As ondas perdidas), 2025

COOKING SECTIONS: AS ONDAS PERDIDAS

De 8 de outubro de 2025 até
1 de março de 2026



Eduardo Navarro, f.o.c.a., 2023-2024. Foto: Leslie Gómez

ITINERARIOS XXX UM ENCONTRO ANUAL COM ARTE MAIS RECENTE

Gelen Jeleton, Javier Bravo de
Rueda, Noa & Lara Castro Lema,
Diego Delas, Nader Koochaki y
Eduardo Navarro

De 15 de novembro de 2025 até
27 abril de 2026



Joaquín Sorolla, Niña con lazo azul (Menina com lapela azul),
Valencia, 1908

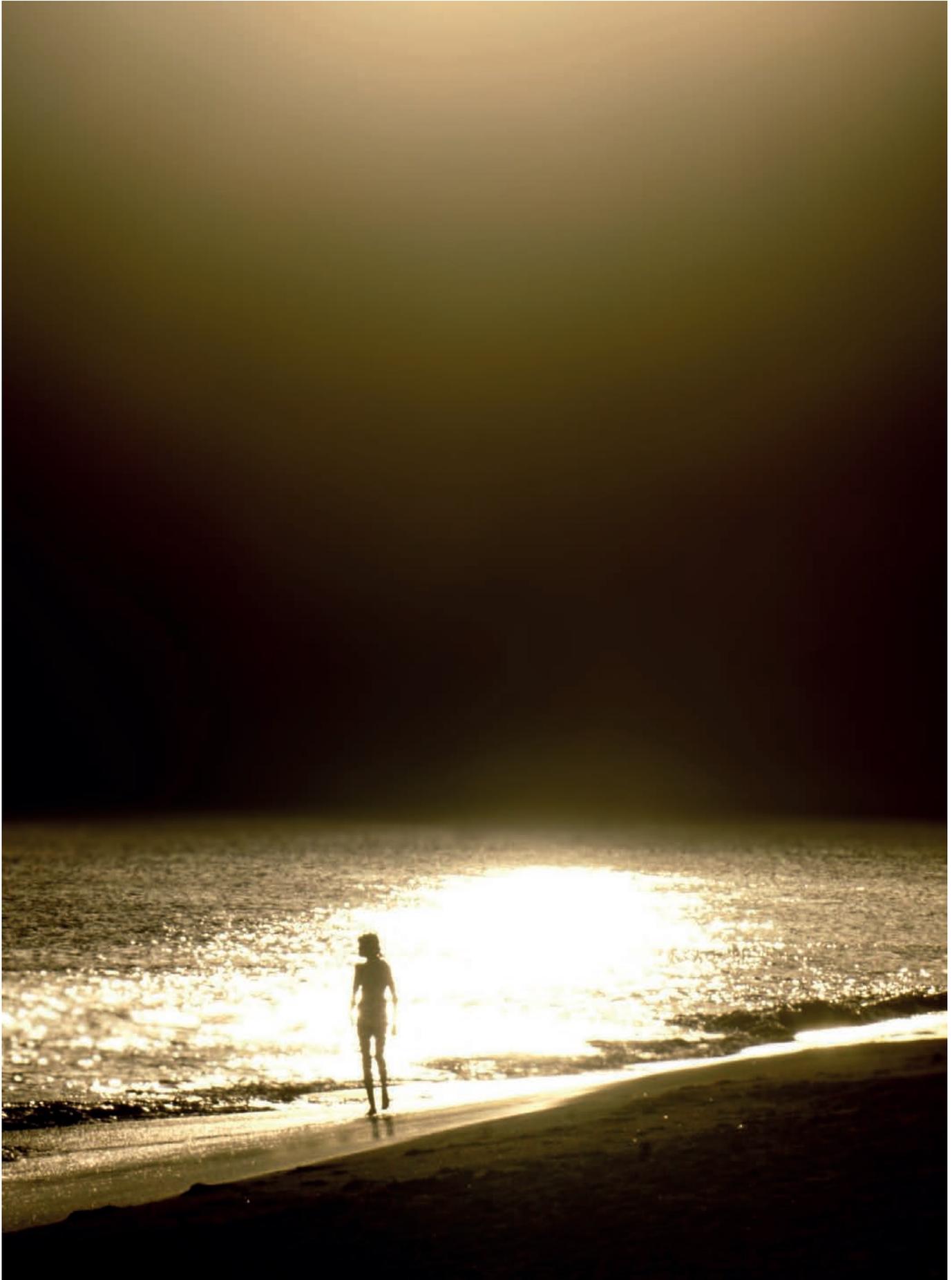
PONTO E CONTRAPONTO

Mestres do século XX da coleção
Jaime Botín

Permanente

CENIRU
BOTÍN
CENTRO

Bilhetes para as exposições em
centrobotin.org



Ser de luz nº1, 2024

CATHARINA MARTINS MIGUEL HELITO

Texto por ANABEL MOUTINHO • Fotografia por CATHARINA HELITO

Observar em silêncio é o fio condutor do trabalho da fotógrafa e arquiteta Catharina Helito. Nascida em São Paulo, mas com pés que percorreram o mundo, conta histórias com imagens que revelam a beleza do cotidiano. Um resgate de uma estética rica e plural do Brasil que esbanja culturas regionais. Fora do país traz esse universo em que cresceu para dentro da fotografia. Uma mente questionadora que não abandona o gingado do samba para construir narrativas repletas de memória e identidade.

Para Catharina Helito, tudo começa em silêncio. Não o silêncio vazio, mas aquele que escuta, que observa, que espera. É ali que sua fotografia ganha forma — como extensão de uma escuta interior e de uma vivência afetiva com o mundo. Aos 24 anos, a artista paulistana, formada arquiteta em 2024, já carrega um corpo de trabalho que conecta estética, memória, cultura brasileira e uma profunda atenção aos detalhes da vida.

Sua trajetória começou oficialmente na arquitetura, mas sempre teve a fotografia como linguagem espontânea. “Foi algo muito natural para mim. Desde pequena, era a maneira como eu enxergava o mundo. Só nos últimos anos entendi que isso era, de fato, minha profissão”, conta. O processo de se reconhecer como fotógrafa foi lento, mas intenso — uma travessia entre o instinto e a consciência criativa. Os primeiros cliques vêm junto com memórias afetivas. A história com a fotografia começou aos 10 anos, quando ganhou uma pequena CyberShot do pai. Em uma das viagens ao interior com os avós, fotografou os pés do avô enquanto ele lia jornal, sempre na mesma posição. “Acho que ali já estava presente essa vontade de registrar o cotidiano com afeto. Pés contam histórias de por onde andaram. São nossa base”, diz, lembrando a série “base”, feita anos depois, com essa mesma simbologia. Entre a arquitetura e a fotografia analógica, Catharina constrói uma poética visual marcada pelo silêncio, pela memória e por um Brasil que pulsa nos detalhes.



Catharina Martins Miguel Helito



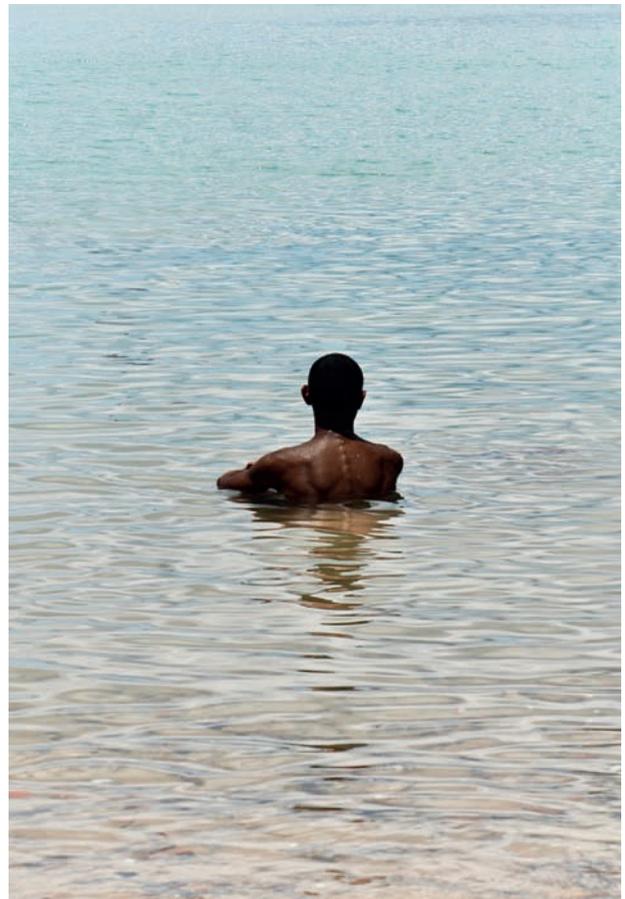
Jangadas, 2023



Labaredas, 2023



Marujo, 2023



Silencio, 2024

A partir da faculdade de arquitetura, ela conta que o olhar se expandiu. “A arquitetura me deu referências sobre luz, espaço e proporção. Mas também me fez ver como a experiência humana transforma o lugar.” Essa intersecção é um traço marcante do seu trabalho atual: as fotografias revelam atmosferas construídas não apenas por linhas e sombras, mas por presenças sutis, estados de espírito e respiros.

A estética da imperfeição é um princípio-chave. “Não me interessa o belo no sentido tradicional. Me comove o que é real, o que tem textura, o que carrega tempo.” Um exemplo claro está em suas fotos analógicas, como *labaredas* (2023), feita em um bambuzal no interior de São Paulo, onde a artista descreve a imagem como “natureza viva” — algo que nunca é o mesmo, mesmo quando fixado em película. “Nada nela é estático. Cada vez que olho, descubro algo novo.”

Embora tenha fotografado em diferentes países, Catharina mantém os pés — e os olhos — voltados para o Brasil. “Eu acredito em muitos Brasis. Cada um com sua estética, seu ritmo, sua voz. Minha fotografia tenta honrar isso.” Seja em jangadas do Nordeste, em sombras projetadas no asfalto paulistano ou em cenas à beira-mar, como a série *Ser de Luz*, suas imagens sempre carregam algo de ancestral e presente ao mesmo tempo.

Já a série *Silêncio*, feita na Praia da Preguiça, em Salvador, traduz essa sensibilidade: uma pessoa em um instante de pausa, envolta em luz e mar. “Observar pessoas em momentos de silêncio é como guardar um segredo”, ela comenta, revelando seu desejo de capturar a essência sem expor demais. Suas fotografias têm o silêncio como trilha sonora — e é nele que a artista constrói narrativas potentes, repletas de memória e identidade.

A família é raiz e inspiração. Ela cresceu entre a cidade e a fazenda da família no Mato Grosso, dividindo sua infância entre cavalgadas na terra vermelha, fins de semana no litoral norte de São Paulo e a casa em São Paulo. Essa vivência em diferentes ecossistemas — floresta, praia, metrópole — moldou sua percepção e alimenta até hoje sua estética. A avó é uma das figuras mais importantes. “Ela me ensinou a pedir licença para entrar numa floresta. Me mostrou que natureza é sagrada.” Esse respeito se estende ao seu olhar como artista, e se traduz em generosidade: a generosidade de ver o outro como ele é. Do avô, herdou o samba — que também atravessa sua série *Ser de Luz*, inspirada na música de João Nogueira — e a mente inquieta. “Ele sempre dizia que ser igual é fácil. Difícil é ser diferente.”

A mãe, empresária, é uma fonte constante de aprendizado. “Ela me ensinou integridade. Ser fiel a quem você é.” Já do pai, veio o gosto por viagens, pela surpresa da estrada, e o valor da invisibilidade como potência criativa.

Hoje, Catharina divide sua atuação entre a fotografia e a arquitetura — mais especificamente, projetos ligados à identidade brasileira e à sustentabilidade. Um de seus maiores trabalhos em andamento é o Pavilhão Cultural no Mato Grosso, projeto voltado à preservação e valorização das culturas indígenas do Alto e Baixo Xingu. “Estou desenvolvendo com as próprias lideranças indígenas. A proposta é que seja um espaço vivo, de memória e de futuro.”

Ao mesmo tempo, prepara-se para uma nova fase fora do país: a mudança para Marselha, na França, onde pretende se aprofundar na fotografia e na arte contemporânea. “A cidade tem uma pulsação única. Me encantei com a mistura de culturas, a luz, o ritmo. Quero aprender francês, viver esse tempo de pesquisa e expansão criativa.”

Apesar de todos os caminhos abertos, Catharina mantém uma clareza rara sobre o que a guia: a busca pela beleza — não a óbvia, mas a que resiste. “Eu sobrevivo da beleza que eu vejo no mundo. E acredito que ela está em tudo: no detalhe, na sombra, no silêncio.” Com olhar sensível, documenta o invisível do cotidiano

e celebra o Brasil profundo com imagens que dançam entre o tempo e o afeto. Não é exagero dizer que na fotografia se aproxima da poesia. Ali, nas bordas do cotidiano, surgem histórias inteiras contadas sem palavras, apenas com luz, sombra, cor e composição. Catharina fez do mundo o seu ateliê — mas é com o Brasil no coração que ela enxerga o que poucos veem. É no espaço entre o ruído e a pausa que sua lente encontra sentido.

Quando perguntada sobre o que considera essencial na vida, responde com calma: “Simplicidade.” E logo em seguida, explica que não se trata de reduzir a vida à sua forma mínima, mas de acolher sua complexidade com um olhar mais limpo, mais presente. “Penso muito nas crianças, nos idosos, na natureza. Há uma sabedoria nesse jeito simples de estar. A vida já é complexa demais — e, ao mesmo tempo, ela é simples.”

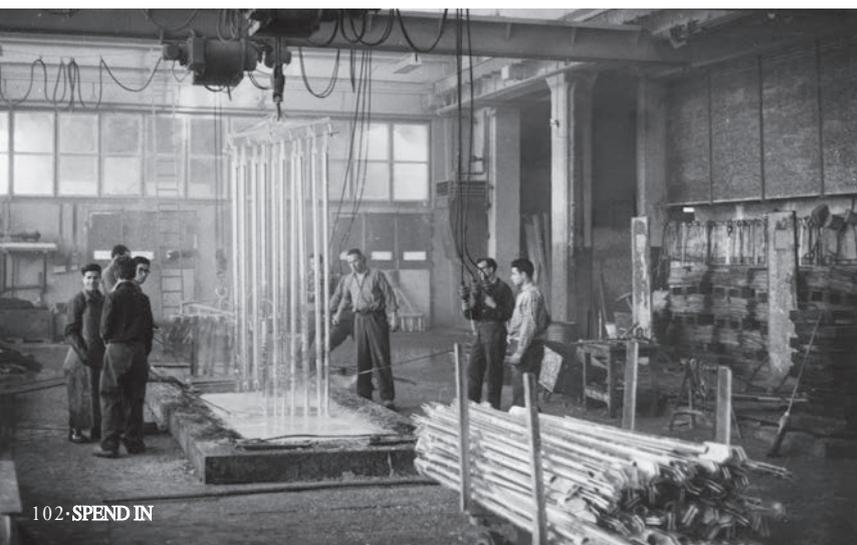
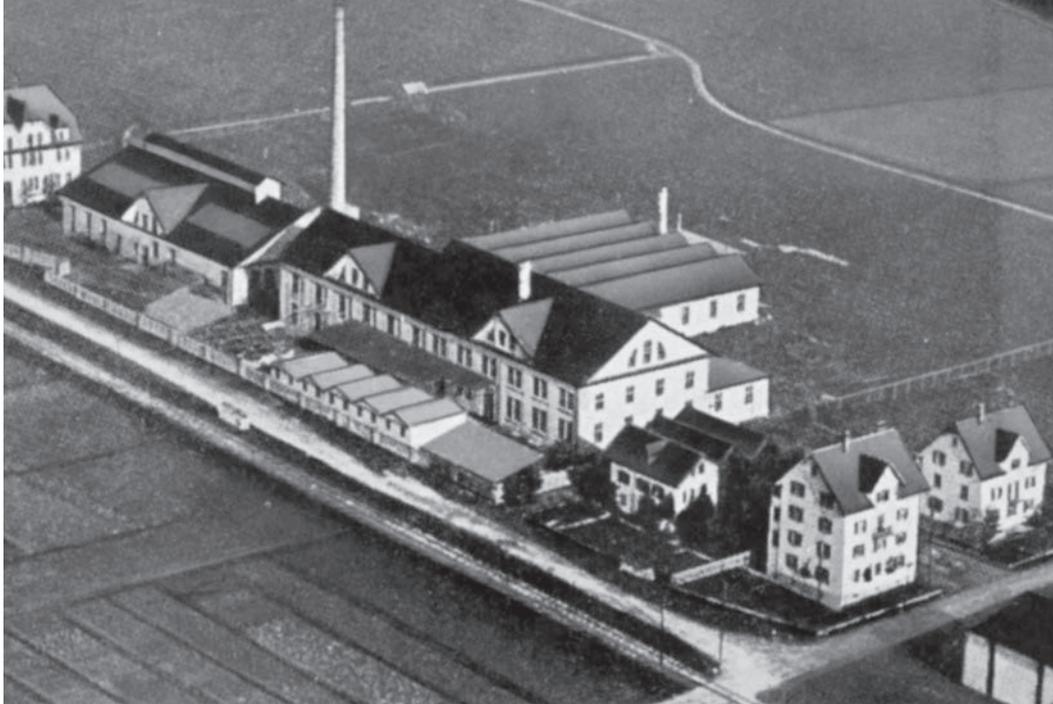
A arte de Catharina Helito nasce dessa percepção: de que observar também é um gesto de amor, de presença, de resistência. E que olhar, como ela olha,

já é uma forma de transformar o mundo. É uma capacidade de perceber o mundo como quem dança — no ritmo dos outros, no compasso do tempo, com os pés firmes no presente e os olhos voltados para o invisível. Seu trabalho é um convite à contemplação, mas também ao pertencimento. E, talvez por isso, suas imagens nos toquem tão fundo: porque nelas vemos a nós mesmos, atravessados por memória, silêncio e beleza.

“Por ser uma linguagem muito natural para mim, e uma expressão sincera de como eu enxergo o mundo, demorei muito para entender que, de fato, eu era fotógrafa”

Suas fotografias têm o silêncio como trilha sonora — e é nele que a fotógrafa e arquiteta constrói narrativas potentes, repletas de memória e identidade





V-ZUG

O Ritmo Suave da Inovação

Fundada em 1913, a V-ZUG é hoje um ícone da engenharia suíça, unindo inovação, sustentabilidade e design minimalista em cada eletrodoméstico. Mais do que funcionalidade, oferece experiências que simplificam o cotidiano e transformam rotinas em rituais, e cozinhas em palcos de expressão pessoal.

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES

Na essência da V-ZUG está um princípio tão simples quanto sofisticado: facilitar a vida doméstica com elegância, precisão e respeito pelo planeta. A marca nasceu de uma pequena fábrica de galvanização e evoluiu, ao longo de mais de um século, para se tornar uma referência mundial no fabrico de eletrodomésticos de alto desempenho. Distingue-se por uma estética depurada, de linhas minimalistas e materiais nobres, onde a forma segue a função e o detalhe faz toda a diferença. As suas soluções são desenhadas para quem procura mais do que tecnologia: procura silêncio, fluidez, durabilidade, eficiência. Seja através de fornos inteligentes com programas automáticos que replicam o toque de um chef, ou de máquinas de lavar com sensores de carga e consumo hídrico reduzido, tudo é pensado para tornar o quoti-



Com mais de um século de história, a V-ZUG alia engenharia suíça, design minimalista e sustentabilidade para transformar a experiência doméstica em puro prazer



diano mais simples, mais intuitivo e mais sustentável. A aposta em colaborações criativas e o diálogo constante com chefs, designers e engenheiros reforçam o compromisso da marca em não apenas acompanhar, mas inspirar estilos de vida exigentes e conscientes. Cada nova linha de produtos nasce de um equilíbrio entre tradição e vanguarda, pensado para quem valoriza o silêncio da eficiência, a beleza sutil dos detalhes e a confiança de um desempenho irrepreensível.

Produzir localmente continua a ser uma prioridade. Para a V-ZUG, inovar é, também, reduzir o impacto ambiental e garantir que cada aparelho tenha um ciclo de vida longo, fiável e inteligente. Presente em mercados como Alemanha, Reino Unido, Austrália, Hong Kong ou Singapura, a marca suíça continua a crescer sem perder o foco naquilo que a distingue: a capacidade de criar soluções tecnológicas discretas, duráveis e profundamente humanas. Porque o lar é o ponto de partida de tudo o que realmente importa.



Alessandro Minotti

Texto por MAIKEL TAPIA • Fotografia cortesia de MINOTTI S.P.A.



Alessandro Minotti, 'general manager' da Minotti S.p.A. e membro da terceira geração da empresa familiar

A voz do seu Diretor-geral permite-nos decifrar o pulso interior de uma empresa que elevou a estética ao estatuto de filosofia. MINOTTI não só cria objetos, como também compõe espaços habitados pela precisão, sobriedade e uma noção de elegância que desafia o tempo.

Falar de uma empresa que elevou o design ao estatuto de arte é mergulhar numa história que, como uma grande sinfonia, afinou cada nota para alcançar a harmonia entre a herança, a inovação e a sensibilidade estética. A casa italiana, símbolo de elegância e artesanato de alta qualidade, incorpora uma filosofia que não só se vê, como se sente. Uma filosofia que ganha vida quando a tradição dialoga com o presente, fundindo a precisão artesanal com uma visão futurista. À frente deste legado, ao lado de Renato e Roberto Minotti, codiretores-executivos e representantes da segunda geração da empresa familiar, a terceira geração enfrentou este desafio com uma abordagem apaixonada e rigorosa. “Desde jovem que acompanhei de perto as diferentes etapas de crescimento e consolidação da nossa estrutura empresarial”, confessa Alessandro. “Visitei frequentemente a nossa sede, acompanhando o meu avô, o meu pai e o meu tio no desenvolvimento de vários projetos...”. Esta profunda ligação não é apenas histórica, mas a base de uma visão empresarial enraizada em valores e emoção. A sua formação em Economia e Gestão de

“Os nossos interlocutores tiveram a oportunidade de confrontarem-se com inúmeras realidades em diferentes partes do mundo, experiências que lhes permitiram desenvolver um gosto eclético e refinado”

Empresas na Universidade LIUC de Varese, complementada com experiências nos Estados Unidos com a abertura da Minotti em Los Angeles, foi apenas o prelúdio de uma paixão latente. Em 2018 assumiu o cargo de Diretor-geral com uma visão global e um envolvimento ativo no processo criativo, na expansão internacional e na gestão comercial. “Sempre fui movido por uma profunda paixão pelo design”, observa. Além disso, a sua relação profissional e pessoal com outros membros da família, incluindo a sua prima Susanna – Diretora de design de interiores – é um pilar fundamental para alcançar os seus objetivos. “Para além do nosso laço familiar, a Susanna é uma figura muito importante para mim, alguém em quem posso confiar tanto dentro como fora da empresa”, afirma. “A sua precisão, a sua sensibilidade estética e a atenção que dedica ao seu trabalho fazem dela uma referência para a nossa família na área do design de interiores e no planeamento dos nossos espaços comerciais em todo o mundo. Estou muito grato por podermos partilhar este caminho pessoal e profissional, que nos une todos os dias e nos motiva a alcançar objetivos comuns cada vez mais ambiciosos”, acrescenta, orgulhoso de um trabalho cuja dimensão tem vindo a crescer significativamente.

A independência é um elemento decisivo na estratégia. Livre da influência do financiamento externo, a Minotti preserva a sua essência graças a uma visão partilhada, coerente e familiar. “A visão de longo prazo, o know-how e a cultura empresarial familiar são determinantes na nossa gestão”, afirma. “Isto permite-nos agilizar as fases de design, produção e administração, bem como tomar decisões de investimento de forma ágil e coerente. Num mundo dominado pelo efêmero, a procura obsessiva pelas melhores matérias-primas e pela excelência artesanal é

constante. Cada peça é uma declaração de elegância, sobriedade e inovação. “Procuramos diariamente a qualidade extrema através de uma proposta exclusiva, símbolo do autêntico ‘made in Italy’”, realça. Este ‘made in Italy’ é mais do que um rótulo: é uma alquimia de cultura, emoção e excelência produtiva. Uma promessa que se cumpre em cada coleção, ‘flagship store’, espaços onde se manifesta a sua presença silenciosa e poderosa. Atualmente, a empresa está a passar por um processo de expansão cuidadosamente orquestrado. Está presente nos mercados mais sofisticados e avança para novas geografias sem perder a sua essência. “O nosso compromisso está focado na Europa, nos Estados Unidos e na Ásia”, refere. “Ao mesmo tempo, exploramos oportunidades nos países emergentes”. Em breve, serão inauguradas novas lojas flagship nos Estados Unidos e na República Popular da China. Para além da geografia, o foco está na coerência: crescer sem perder a identidade, inovar sem trair a história. “O nosso objetivo é manter sempre vivas as raízes da marca, projetando-as em coleções que tranquilizem e surpreendam”. O consumidor ideal define-se pela sua cultura estética e sensibilidade, e não apenas pelo seu poder de compra. “Temos como alvo um público atento e sofisticado que valoriza a exclusividade”, afirma. São interlocutores internacionais com uma bagagem ampla e gostos ecléticos, formados por vivências em realidades culturais diversas. “Os nossos

clientes desenvolveram um gosto refinado graças a essas experiências”. Este cliente não é um simples objetivo comercial, mas sim um aliado sensível que compreende que a elegância se encontra na harmonia entre a forma, matéria e emoção.

O valor do trabalho perpassa toda a filosofia. Não é um esforço qualquer, mas o fruto de uma dedicação absoluta. “Herdei dos meus pais o amor e o respeito pelo trabalho, que realizamos com muita paixão, perseverança, determinação e dedicação”, afirma. Uma ética palpável que enche cada canto do universo que dirige. Este universo não existiria sem uma ligação com aquilo que é criado. Não se fazem apenas móveis, projeta-se experiências e estilos de vida onde a sobriedade é a expressão máxima. Os interiores assinados não ocupam apenas o espaço; transformam-no. Conferem-lhe um ritmo sereno e consciente, uma presença harmoniosa, mas duradoura. A fidelidade ao legado emocional e compromete. O desejo de o preservar sem o transformar em museu é evidente. Inovar não significa romper com o passado, mas sim revelá-lo desde outras perspetivas. Quando questionado sobre “a essência do essencial”, Alessandro responde claramente: “O amor. O amor pela família, pelos entes queridos, pelo próprio trabalho. É o único e verdadeiro motor que nos impulsiona para novos objetivos e para a melhoria constante”. Talvez seja esse o verdadeiro luxo. Não um objeto, mas a história que o habita. A dedicação invisível que converte um sofá num espaço de encontro, uma mesa numa promessa, um candeeiro num gesto de luz. Não se desenham móveis, compõem-se atmosferas, cultivam-se emoções, constrói-se um legado. Porque a beleza não é um objetivo, mas sim um olhar. Um gesto. Uma ética. Uma permanência precisa, tão tangível como uma memória.



“Entrei na empresa familiar em 2003. Enquanto Diretor-geral, participo ativamente no processo criativo e na estratégia de internacionalização”

Javier Zubiria

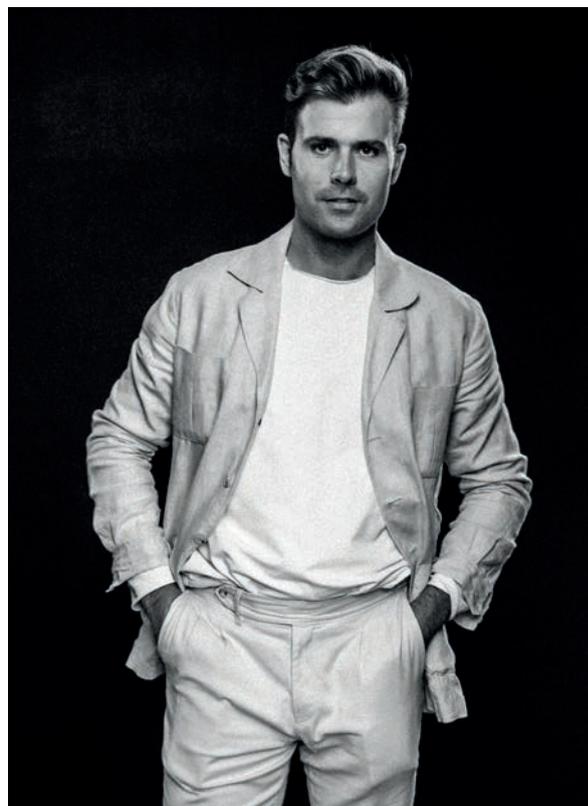
Texto por M. ARAGÜÉS

Fundador do zU-studio e estabelecido em Amesterdão, este prestigiado arquiteto de San Sebastián desenvolve projetos centrados na funcionalidade e no bem-estar. O seu trabalho prioriza materiais naturais e um design preciso que responde ao contexto e às necessidades do utilizador, criando espaços que procuram melhorar a qualidade de vida sem abrir mão da estética ou do detalhe. Utiliza uma linguagem profundamente escultórica, em que a estrutura é um elemento definatório.





Drift Museum. Amsterdam



Javier Zubiria, arquiteto e fundador do zU-studio. Foto: ©Keana Korn

Desde a sua infância, em San Sebastián, a arquitetura tem sido um fio condutor na sua vida e conseguiu consolidar um enfoque próprio e profundo sobre o design de espaços. A sua formação na ETSAUN (Universidade de Navarra) e a experiência adquirida durante dois anos no estúdio de Luis María Uriarte —seu antigo professor— lançaram as bases para que, em 2015, abrisse o seu próprio estúdio. “Os inícios do zU-studio foram marcados por uma visão clara, cheia de vontade e energia, embora nada fosse simples. Decidi fundá-lo em Amesterdão, cidade que, naquele momento, mal conhecia. No entanto, pensei que era o lugar adequado para gerar a atmosfera ideal onde poderia sonhar sem limites”, revela. Esta saída da zona de conforto, confessa, foi essencial para o seu crescimento, não só enquanto arquiteto mas também como ser humano. Para ele, a sua profissão está intrinsecamente associada à ligação com as pessoas e ao entendimento profundo do porquê de construirmos. “Sem estabelecer uma ligação com o ser humano, não se podem realizar projetos arquitetónicos de interesse. É imprescindível estar no estado de espírito adequado e ter a capacidade de compreender as verdadeiras necessidades da humanidade para evoluir e progredir”, explica. A filosofia do zU-studio manifesta-se em cada encomenda, onde a liberdade criativa e a precisão técnica andam de mão dada. “Gosto de aceitar apenas projetos que pressupõem um rotundo ‘sim’, com o lugar e com o cliente, e quando o projeto apresenta um grande potencial. Dizer ‘não’ a muitos projetos que não me entusiasмам tem sido essencial para poder dedicar o meu tempo a criar espaços com um sentido profundo”, assinala. Esta forma de trabalhar reflete-se numa metodologia artesanal e de proximidade: “Gosto de gerar croquis à mão, explorar diferentes vias após visitar o lugar e dialogar com quem me entrega o projeto. Creio que uma das virtudes de um arquiteto é saber ouvir e transportar essas

“Desde o início, a minha ideia foi criar um estúdio internacional capaz de projetar edifícios e espaços que elevem o ser humano a um estado de plenitude, em qualquer lugar do mundo”

ideias para um conceito capaz de surpreender o cliente”.

Entre os seus projetos mais destacados figura o próximo Museu Drift em Amesterdão, cuja abertura está prevista para o final de 2025. “Sempre admirei o trabalho da dupla neerlandesa Drift e, para mim, foi um sonho colaborar com eles. Visualizei este projeto durante anos e agora, após tê-lo criado em poucos meses, creio que os espaços que desenhámos permitirão experimentar a sua obra de uma nova maneira, original e ambiciosa, e que um espaço convencional não poderia oferecer”, sublinha com entusiasmo. Outro projeto significativo é a renovação do Van Gendt Hallen, um imponente edifício híbrido de vinte e cinco mil metros quadrados, em Amesterdão, que verá a luz do dia este mesmo ano e que representa um grande desafio pela coordenação e complexidade que implica. “Nesta fase convertemo-nos em maestros de uma orquestra, assegurando que todos os engenheiros



C House

“Um bom arquiteto precisa de personalidade e confiança para acreditar que tudo o que imagina pode ser construído”

trabalham em sintonia para manter intacta a ideia que originou o projeto”, detalha. Além destas iniciativas de grande escala, o estúdio também se tem destacado com espaços mais íntimos e variados, como hotéis boutique em San Sebastián, lojas insígnia para a marca de óculos Polette, ou a residência privada escultórica na Costa Rica. Sobre esta última comenta que gosta de como as formas geométricas se abrem para o mar e são inspiradas nos pássaros locais. “Lembro-me de uma caminhada pelo Vondelpark, em Amsterdão, quando bandos desses pássaros me inspiraram essa ideia. Não sabia como resolvê-la nesse momento, mas pensei que explorar essa ideia poderia ser apaixonante”, aponta. Em Nova Iorque, o projeto Mikado e a instalação artística ‘Parenthesis’, em Times Square, que convida à meditação coletiva entre o caos urbano, refletem a capacidade do estúdio para gerar experiências que transcendem o funcional.

O respeito pela natureza, a pureza dos materiais e o cuidado minucioso pelo detalhe formam o ADN do zU-studio. “Trabalho com a liberdade de um artista e a precisão de um arquiteto. Por vezes sinto que a sociedade é demasiado racional, o que mata a magia. Para mim é belo ouvir a inteligência universal e atuar como transmissor de ideias”, reflete. Quanto à relação com as novas tecnologias, expõe uma postura aberta mas cautelosa: “Observo com curiosidade as novidades que chegam e creio que, bem utilizadas,



Polette store. Antwerp, Belgium

podem ajudar-nos a melhorar enquanto sociedade. Contudo, de momento, prefiro a inteligência natural do ser humano. Desfruto muito do processo criativo, descobrir caminhos e procurar ideias que elevem a nossa espécie”. No plano pessoal, a influência familiar tem sido fundamental. “Do meu pai aprendi a honra, a perseverança e o compromisso para que as coisas funcionem a longo prazo. Da minha mãe, a sua sensibilidade, inteligência emocional e alegria”, recorda com carinho. Estes valores refletem-se no seu compromisso com a criação de uma arquitetura que não só responde à funcionalidade como também convida à reflexão e à plenitude humana. “Gosto de pensar que pode gerar novas emoções e relações entre pessoas. É importante distinguir a arquitetura do real estate, porque têm intenções diferentes”, conclui. Finalmente, para ele, a essência do essencial parece-se com um pensamento que ouviu uma mulher do Canadá partilhar: “O mais importante é manter o mais importante como o mais importante’. Para mim, isso é a busca da plenitude, a paz interior e o crescimento constante. Viver em harmonia com a natureza, com a luz natural, com o ritmo vital circadiano e com relações humanas que elevam a vida. Isso é o que tento refletir no meu trabalho a cada dia”.



O Melhor Azeite Extra Virgem e O Melhor Design

SELMA

MILLENNARY OLIVE OIL

Um prazer para os sentidos



Garrafa desenhada por Monica Armani

Monica Armani



Prémio Japan Olive Oil Prize

Prémio "Best in Class" para o Melhor Azeite Extra Virgem Monovarietal Gran Selección



Prémio Dido International competition

Prémio Best of the Best Olive Oil producers para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio especial Elio Berhaner

para o melhor design de garrafa de Azeite Extra Virgem da Península Ibérica



Medalha de Ouro do Prémio ARMONIA, em Parma (Itália) para o melhor design e imagem de comunicação internacional



Prémio Mezquita

Medalha de Ouro para o melhor Azeite Extra Virgem, da Península Ibérica



Prémio Japan Olive Oil Prize

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Japan Olive Oil Prize

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio Olive Japan

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio Athena International Olive Oil Competition

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio Athena International Olive Oil Competition

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio CINVE

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio CINVE

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio CINVE

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio CINVE

Medalha de Ouro para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Global Olive Oil de Berlim (Alemanha)

Prémio para o Design e Embalagem de Garrafa



Prémio Mezquita

Medalha de Prata para o melhor Azeite Extra Virgem, da Península Ibérica



Prémio Global Olive Oil de Berlim (Alemanha)

Medalha de Prata para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Global Olive Oil de Berlim (Alemanha)

Medalha de Prata para alto teor em polifenóis do Azeite Extra Virgem Gran Selección



Prémio Athena International Olive Oil competition

Prémio Award Winner para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Ecotrampa

Medalha de Prata no Concurso Internacional de Azeite Extra Virgem Ecológico



Prémio AOVE Fórum Internacional Fira de Tots Sants

Medalha de Prata para o Azeite Extra Virgem Selección



Prémio II AOVE Fórum Internacional Fira de Tots Sants

Medalha de Bronze para o Azeite Extra Virgem Selección



Prémio Athena International Olive Oil competition

Medalha de Bronze para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico



Prémio Athena International Olive Oil competition

Medalha de Bronze para o Azeite Extra Virgem Orgânico/Ecológico

Óscar Torrejón

Texto por ALICIA NAVARRO

O CEO e sócio do LUIS VIDAL + ARQUITECTOS lidera alguns dos projetos mais inovadores do panorama internacional. Arquiteto apaixonado por melhorar a vida das pessoas, defende uma arquitetura funcional, sustentável e profundamente humana, concebida a partir da empatia e do compromisso.



Óscar Torrejón, sócio e CEO do LUIS VIDAL + ARQUITECTOS. Foto: ©EH+

A influência dos espaços na vida das pessoas sempre fascinou Óscar Torrejón. “Descobri que a arquitetura podia melhorar a vida das pessoas de forma concreta e cotidiana. Essa convicção foi o que me levou a estudá-la e, mais tarde, a focar-me em projetos onde o design tivesse um impacto real: que fossem sustentáveis, eficientes e, sobretudo, profundamente humanos”, explica. Com uma trajetória marcada pelo seu início precoce no mundo profissional (começou a trabalhar num estúdio três anos antes de terminar a faculdade), Óscar define-se como uma pessoa inquieta, dinâmica, desafiadora e profundamente comprometida com a melhoria da qualidade de vida das pessoas através de soluções arquitetónicas funcionais, sustentáveis e centradas no utilizador. É arquiteto especializado em urbanismo pela ETSAM e CEO do LUIS VIDAL + ARQUITECTOS, estúdio que codirige desde 2006, após ter ingressado apenas um ano antes. Sob a sua liderança, o estúdio concretizou projetos de referência como o Terminal 2 do Aeroporto de Heathrow em Londres (considerado o

melhor do mundo pelos prémios Skytrax), cujo projeto dirigiu desde a sua fase inicial até à sua entrada em funcionamento. Um edifício pensado milimetricamente a partir da experiência do passageiro, que reduziu tempos, melhorou fluxos, tornando-se numa referência global pela sua eficiência, sustentabilidade e elegância. A esse marco somam-se o Terminal do Aeroporto Internacional de Pittsburgh, o Terminal D do Aeroporto Internacional de Dallas-Fort Worth, o Terminal E do Aeroporto Logan de Boston ou o novo Terminal 1 do JFK de Nova Iorque. Para ele, “cada projeto nasce do contexto, do lugar, das pessoas que o vão usar e dos desafios que o presente e, sobretudo, o futuro colocam”. Essa filosofia tornou o estúdio uma referência na arquitetura aeroportuária, hospitalar e urbana, com mais de duzentos projetos desenvolvidos em todo o mundo e escritórios na Espanha, Reino Unido, Chile, República Dominicana e Estados Unidos.

“A arquitetura não é apenas técnica ou arte, mas uma forma de ver o mundo”, reflete. Considera que se trata de uma disciplina holística que



Modernização Terminal E Aeroporto Internacional de Boston Logan. Boston, Massachusetts, EUA Foto: ©Ema Peter

“Desde muito jovem, senti uma fascinação especial pelos espaços, pela forma como influenciavam as pessoas e pelo que transmitiam sem precisar de palavras”



Universidade Loyola. Sevilha. Espanha. Foto: ©Ema Peter

abrange a estética, a funcionalidade, as pessoas, a cidade, o ambiente e o tempo. Só integrando todas estas visões se consegue o objetivo final com cada projeto: melhorar a qualidade de vida das pessoas através de soluções arquitetônicas funcionais, sustentáveis e centradas no utilizador. A sua visão traduz-se numa forma muito concreta de entender o design: “O design não começa com o lápis, mas com a escuta”. Esta frase resume a abordagem de LUIS VIDAL + ARQUITECTOS, cuja arquitetura se define pela sua funcionalidade, flexibilidade, sustentabilidade e humanismo. “A nossa arquitetura não tem um estilo visual reconhecível, porque o que se repete não é a forma, mas a atitude”, afirma. Essa atitude traduz-se em empatia, rigor, inovação e compromisso. Isso é demonstrado pelo Aeroporto de Boston, com a sua cor ‘Boston red’, inspirada nos entardeceres da cidade, ou pelo projeto das novas Torres Colón em Madrid, a primeira torre de consumo quase nulo de Espanha. Conquistas que certamente foram favorecidas pelas qualidades que os seus pais lhe inculcaram: a importância do trabalho árduo, a honestidade e a empatia para com os outros. Apreciado pela sua capacidade de liderar, coordenar e gerir equipas multidisciplinares internacionais, Óscar está ciente de que o compromisso, a resiliência e a capacidade de se adaptar às mudanças são tão importantes quanto o talento.

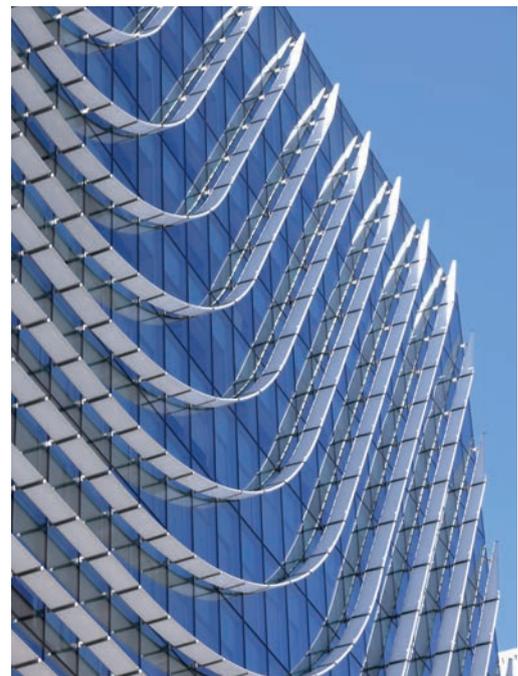
Em 2025, lidera uma agenda ambiciosa. Entre os projetos-chave destacam-se a conclusão do Aeroporto de Pittsburgh (aposta na sustentabilidade e na experiência do passageiro), a ampliação dos Aeroportos de Las Américas e do Cibao (Santiago de los Caballeros) na República Dominicana, a Fase B do novo Terminal 1 do JFK em Nova Iorque e projetos culturais como a ampliação do Centro León em Santo Domingo. Além disso, coordena projetos hospitalares e residenciais na América Latina e dirige planos diretores estratégicos em Samaná, Punta Cana e Santo Domingo, além de edifícios icônicos como o Ezalia Office Lofts



Matta Sur. Santiago, Chile. Foto: ©Aryeh Kornfeld

“Projetamos espaços que geram experiências, que respondem ao clima, à luz, aos fluxos, ao conforto e à sustentabilidade. A arquitetura não é uma resposta estética, mas uma solução para problemas complexos”

e a Torre Próceres. O estúdio que lidera juntamente com Luis Vidal foi premiado mais de setenta vezes com prêmios como o AIA, RIBA ou Chicago Athenaeum. Todos os seus edifícios possuem certificações ambientais como LEED ou BREEAM, reflexo do seu compromisso com a sustentabilidade real, não como slogan, mas como forma de pensar. “Um bom design é aquele que passa despercebido, mas que melhora radicalmente a vida”, afirma Luis Vidal, uma máxima que Óscar Torrejón leva para cada novo projeto, seja um aeroporto internacional ou um plano diretor urbano. E, claro, fazendo jus ao lema da nossa revista, diz-nos o que é a essência do essencial para ele: “Para mim, é o equilíbrio entre o pessoal e o profissional, entre a ambição e a empatia, entre o que se aspira construir e o cuidado com os laços mais próximos. Com os anos aprendi que o que é realmente essencial não está nas conquistas nem nos títulos, mas no impacto que deixamos nas pessoas que nos rodeiam e na marca que transmitimos àqueles que vêm depois. No âmbito profissional, isso significa liderar com responsabilidade, trabalhar com propósito e projetar espaços que melhorem a vida dos outros. No âmbito pessoal, significa estar presente, ter tempo de qualidade com aqueles que se ama e aprender a parar para ouvir, partilhar, ensinar e também deixar-se ensinar”.



Castellana 77. Madrid, Espanha. Foto: ©Ema Peter

LEITURAS QUE UNEM FAMÍLIAS QUE INSPIRAM

Porque é que os leitores de alto valor ajudam a obter mais lucros?

Um leitor valorizado investe mais na sua empresa do que um leitor esporádico. São fiéis e a fidelidade é rentável.



O QUE É UM LEITOR DE ALTO VALOR?

Os leitores de alto valor são os que investem mais tempo em si, confiam nos produtos e serviços que recomenda e consomem os mesmos. Mas mesmo que nem sempre comprem os produtos que aparecem nas suas páginas, os leitores de alto valor funcionam como prescritores junto dos seus amigos e familiares, e defensores das marcas que recomenda. Se os seus leitores adorarem os seus conteúdos e propostas, vão recomendar a sua revista e colecioná-la para passar de geração em geração, como o bem valioso que é.





OCEAN

Porches (Algarve)

Vila Vita Parc
Rua Anneliese Pohl, Alporchinhos
www.restauranteocean.com

Com vista sobre o Atlântico e duas estrelas Michelin, o Ocean é mais do que um restaurante. É uma viagem sensorial onde a alma portuguesa se cruza com sabores do mundo. No Algarve, em Porches, o ‘fine dining’ ganha vida com uma proposta intensa, simples e emocional.

Texto por **MARINA OLIVEIRA**

No alto de uma falésia sobre o Atlântico, no coração do Vila Vita Parc, em Porches, o restaurante Ocean impõe-se pela paisagem, mas conquista verdadeiramente pela narrativa. Com duas estrelas Michelin e um menu renovado a cada temporada, a proposta alia intensidade e simplicidade, evocando sabores do mundo com raízes bem ancoradas na costa portuguesa.

Desde os primeiros anos, o mar à porta inspirou uma viagem pela história gastronômica do Algarve, pelas influências árabes e pela riqueza dos produtos locais. Mas foi a inquietação do chef Hans Neuner — austríaco de nascimento, cidadão do mundo por vocação — que traçou o rumo. Durante a pandemia, em vez de parar, pegou na equipa e partiu pelo país e pelo mundo em busca de inspiração. Entre tendas e sacos-cama, surgiram ligações improváveis, memórias gastronômicas e ingredientes esquecidos. São essas descobertas que hoje chegam à mesa. O menu 2025 é o reflexo destes cinco anos de viagens. Os pratos têm a energia da ‘street

food’, a franqueza do sabor e uma história por contar. Como o arroz de abalone, que evoca uma visita a Monterey, na Califórnia, e o reencontro com a herança açoriana dos pescadores portugueses. Ou o frango huli-huli do Havai, reinterpretado com tomate fumado e macadâmia. Há também ecos da Ásia em composições como “Uma Noite em Banguécoque” — carabineiro com alga kelp e pimenta Kampot — ou no “Ocean Soba”, que recorda os ramens de Tóquio com gamba violeta e caldo de porco.

No Ocean, cada prato guarda uma memória e cada ingrediente revela o mundo, com o mar português como ponto de partida



Nelson Marreiros, Restaurant Manager



Hans Neune, Chef Executivo



João Wiborg de Carvalho, Sommelier



O menu de 2025 traz para a alta cozinha a energia da ‘street food’, sabores genuínos e histórias vividas em cinco anos de viagens por Portugal e pelo mundo

Na sala intimista e elegante, o serviço de excelência liderado por Nelson Marreiros garante uma experiência irrepreensível do primeiro ao último gesto. Já a harmonização vínica é conduzida por João Wiborg de Carvalho, sommelier com passagens pelo Belcanto e Alma, cuja paixão e rigor elevam ainda mais a viagem gastronómica. Reconhecido com o Garfo de Platina do guia Boa Cama Boa Mesa do Expresso (quarto ano consecutivo) e com 97,50 pontos na prestigiada La Liste 2025, o Ocean é

um templo da alta cozinha onde Portugal se reinventa a cada prato, com alma, criatividade e um profundo respeito pela origem. “Escute o cantar das ondas, o sussurro das algas”, lê-se no poema que abre a carta. Cada prato é uma memória. Cada ingrediente, um aceno à descoberta. Num mundo em que a autenticidade se tornou luxo, o Ocean é uma ode ao tempo, ao território e ao talento. Uma experiência para saborear devagar e recordar para sempre.

Renata Laranjo

Texto por DÉBORA RODRIGUES LOPES

Sentir para criar. É esta a filosofia que guia Renata Laranjo, fundadora e diretora criativa do seu próprio estúdio de design de interiores. Natural do Porto e com uma carreira que cruza continentes, materiais e emoções, Renata desenha espaços com alma, onde a estética dialoga com a memória e cada detalhe se torna uma extensão do sentir. Um percurso onde a essência do essencial é sempre o ponto de partida.



Casa Passeio Alegre, Porto

HÁ quem se limite a projetar espaços. Renata Laranjo, porém, traduz atmosferas. Fá-lo com a sensibilidade de quem escuta os lugares antes de os transformar, de quem reconhece na estética uma linguagem sensorial capaz de evocar emoções, histórias e memórias. “É importante sentir a energia de cada espaço para poder traduzi-la em texturas, formas e tons, que depois lhe conferem uma identidade e uma alma única”, afirma com a mesma delicadeza que imprime nas suas criações. A sua trajetória é marcada por uma constante procura de autenticidade. Entre

1998 e 2016, foi cofundadora e gestora da Silverfield, uma marca de tableware com presença em Portugal e Angola. Não se limitava a assinar as peças: pensava-as, desenvolvia-as, dava-lhes contexto e vida. Mas era apenas o início. Com o passar dos anos, o desejo de intervir mais profundamente nos ambientes levou-a à criação do seu estúdio, hoje referência no panorama nacional e internacional do design de interiores. Entre os marcos da sua carreira, destaca-se a colaboração com nomes como Robert Couturier, no exigente universo residencial de Long Island, e projetos de reabilitação icônicos como a transforma-



Casa Passeio Alegre, Porto

ção da antiga discoteca T-Club no Cua Cua Club, na Quinta do Lago. Mas também há moradias privadas no Porto, hotéis em Lisboa e residências nas Maurícias. Conta com orgulho que “cada projeto traz um novo universo, seja ele residencial, comercial ou hoteleiro. O compromisso é manter o equilíbrio entre autenticidade, conforto e estética.” Cada ambiente que assina é uma coreografia entre luz, matéria e silêncio. Nada é deixado ao acaso. Tudo pulsa com intenção. Como quem compõe uma partitura sensorial, Renata desenha experiências que permanecem, mesmo depois de apagadas as luzes.

Com um legado profundamente sensorial, desde cedo, Renata foi rodeada de beleza enquanto crescia: flores, mesas cuidadas, aromas marcantes, uma casa onde o detalhe era presença constante. “Os meus sentidos foram continuamente estimulados pelas cores, pelos cheiros, pelos sabores, pelas texturas. Essa vivência criou em mim uma ligação natural entre o belo, o sensorial e o emocional.” Da mãe herdou a harmonia, o gosto pelo que é vivido. Do pai, a visão empreendedora e a capacidade de materializar ideias. Essa fusão moldou a sua identidade criativa, uma mistura entre o sentir e o fazer. Para Renata, criar é também viajar. Os contactos diretos com fornecedores em várias latitudes, da Ásia à Europa, trouxeram-lhe um conhecimento sólido sobre



Casa Passeio Alegre, Porto

materiais e acabamentos. Mas é a escuta do espaço, das pessoas, da envolvente que dita o tom final. “Viajar permitiu-me adquirir um conhecimento técnico e sensorial muito profundo. Essa bagagem é, sem dúvida, a minha maior riqueza profissional”, conta. Nas suas obras, tudo parte da intuição e da verdade. Não se impõe um estilo, descobre-se uma narrativa. Cada projeto é um território de descoberta onde o design não serve apenas a forma, mas sustenta uma maneira de viver. Entre o que guarda com mais emoção, há sempre um fio condutor: o respeito profundo pela identidade de cada espaço. “Os projetos internacionais exigem uma leitura mais transversal das culturas”,

“A essência do essencial é aquilo que permanece quando tudo o resto se descomplica. É o que é verdadeiro, intemporal, o que tem significado”



Cuá Cuá Club, Quinta do Lago, Algarve

diz Renata, para quem o design não é um estilo único, mas antes uma escuta atenta às diferentes formas de habitar, de sentir e de viver. É nessa diversidade que encontra o seu maior estímulo criativo. Uma artista que tem o dom de fazer o tempo abrandar, os sentidos acordar, e assim a beleza, silenciosa, de cada projeto cumpre o seu papel: acolher, emocionar, ficar.

A fundação do seu estúdio foi o culminar de uma maturação estética e metodológica que vinha sendo construída desde a juventude. Desde os 24 anos, Renata manteve uma relação estreita com fabricantes de todo o mundo, num processo quase antropológico de observação e aprendizagem. “A experiência na Silverfield despertou em mim o desejo de conceber espaços inteiros, e não apenas selecionar objetos”, partilha. E foi essa vontade de ir mais além, de mergulhar na totalidade do espaço e não apenas nas suas partes, que a conduziu ao universo do design de interiores como expressão total da sensorialidade.

Apesar da sofisticação, há sempre uma simplicidade fundamental que a guia.

Esta filosofia transparece na forma como trabalha os materiais, as texturas, a paleta cromática ou a iluminação: sempre com parcimónia, com cuidado e com alma.

Sobre o futuro, Renata levanta subtilmente o véu sobre um novo capítulo: um projeto que tem em mãos e que cruza fronteiras, traduzindo a sua visão sensorial e global, centrado na internacionalização de produtos nacionais desenvolvidos pelo seu estúdio, com destino a mercados de diferentes culturas e continentes como África e Médio Oriente.

Cada projeto de Renata Laranjo é, afinal, uma viagem ao interior da beleza, onde o essencial não se impõe, revela-se. Esta é, aliás, uma ideia que atravessa toda a sua obra, não como uma tendência minimalista, mas como uma busca pela essência das coisas. Essa depuração estética, longe de ser fria ou distante, manifesta-se em espaços calorosos, com alma, onde cada gesto tem intenção e cada detalhe encontra o seu lugar. É um luxo discreto, feito de silêncios, de texturas que convidam ao toque e de uma harmonia quase impercetível, mas profundamente sentida.



Cuá Cuá Club, Quinta do Lago, Algarve

***Sentir, escutar,
criar: o design
de Renata
Laranjo nasce
da intuição e
transforma-se
em atmosferas
que contam
histórias***

PANETTONI DE VIVO LA GIOIA DEL NATALE



De Vivo

PASTICERIA ITALIANA
IN POMPEI DAL 1955



GustaGustaGourmet

info@gustagustagourmet.com



Daniela Andrade (SP)



Cassieri Arquitetura (SP); foto ©MCA

CASACOR

TRÊS DÉCADAS DE SUCESSO

Trata-se de uma das principais plataformas de arquitetura, design de interiores e paisagismo da América Latina e soma já 30 anos. À frente desta evolução está André Secchin, CEO da CASACOR Brasil.

Texto por **ISABEL PILAR DE FIGUEIREDO**

Com uma carreira moldada por grandes transformações corporativas em diversos setores da economia, o atual CEO da CASACOR chegou à liderança da plataforma com uma visão clara: ampliar horizontes, diversificar experiências e consolidar a marca como reflexo do espírito do tempo. É com base neste percurso multifacetado que André construiu uma base sólida para assumir a liderança de uma das mais prestigiadas plataformas de design, arquitetura e arte da América Latina. “De uma forma geral, o mais determinante no meu percurso foi conduzir agendas de transformação e de turnaround em grandes empresas. Essas experiências ajudaram a pavimentar a minha carreira e moldaram a minha visão estratégica”, afirma. Ao assumir a liderança da CASACOR, a sua missão ficou clara: transformar a mostra numa plataforma ain-



Wesley Lemos (Bahia)

Wesley Lemos (Bahia)



André Secchin, CEO da CasaCor



Gabriel Magalhães (Bahia)

Em São Paulo, a edição deste ano, que aconteceu no Parque da Água Branca, bateu recordes históricos: 130 mil visitantes

da mais integrada e sensível às tendências culturais e comportamentais contemporâneas, promovendo “experiências que inspiram, emocionam e ajudam a fazer escolhas que conduzem a um estilo de vida alinhado com o espírito do tempo.” Uma das primeiras medidas estratégicas enquanto CEO foi reconhecer que o visitante da CASACOR tinha interesses para além da arquitetura e da decoração. “Identificámos que o nosso público também se interessava por arte, música, gastronomia, viagens, moda, automóveis, relógios... Por isso, decidimos levar a CASACOR para locais icónicos nas cidades e convidar marcas de lifestyle para se juntarem ao evento. O nosso público é qualificado e pode criar laços com essas marcas, que passam a apoiar a mostra.” Por outro lado, a expansão internacional da marca ganhou força, com o modelo de franchising a chegar a seis novas cidades na América Latina. Em 2026, estão previstos 22 eventos: 19 no Brasil e três noutros países da região. “Hoje, somos mais assertivos na nossa comunicação porque conhecemos melhor o nosso público. E em relação aos profissionais, assumimos uma postura de gestão de comunidade, percebemos que a





Otto Felix (SP); foto ©MCA

“Fazer a CASACOR deste ano num local com quase 300 anos de história de empoderamento feminino foi uma grande responsabilidade”

Magali Santana, diretora CASACOR Bahia



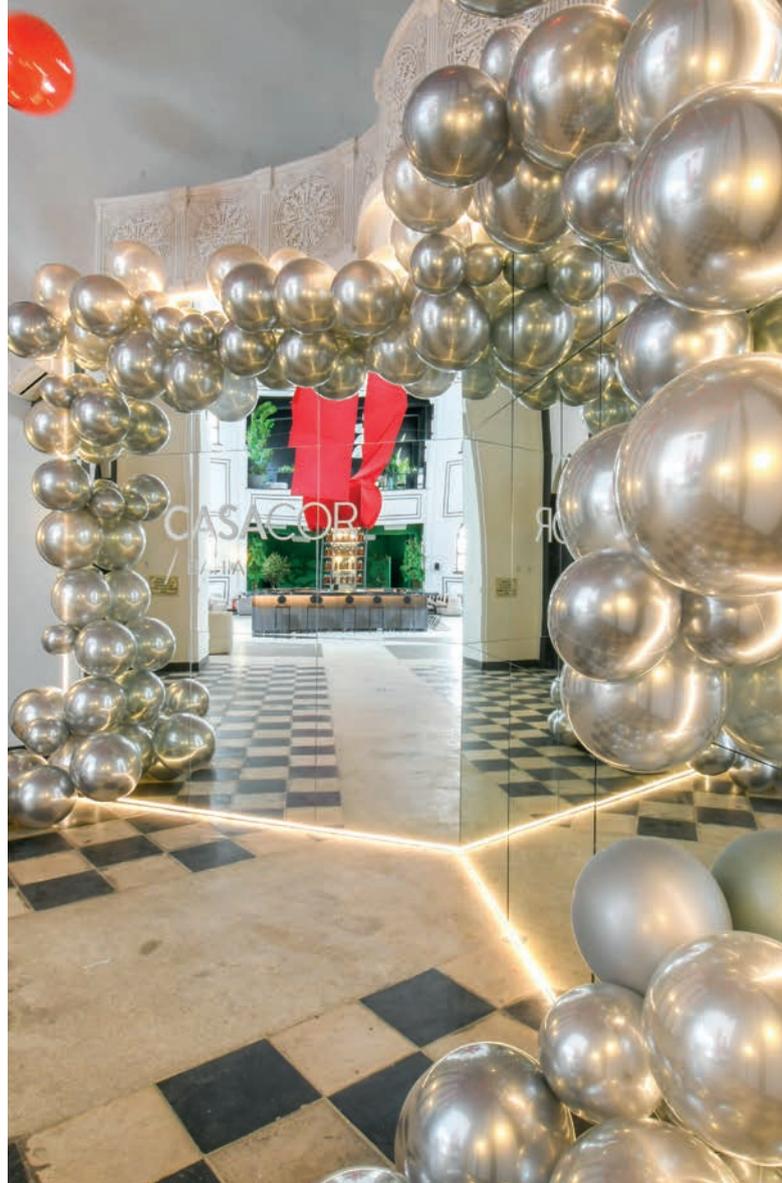
Romário Rodrigues (SP); foto ©MCA



Gabriel Fernandes (SP)



Daniela Andrade (SP)

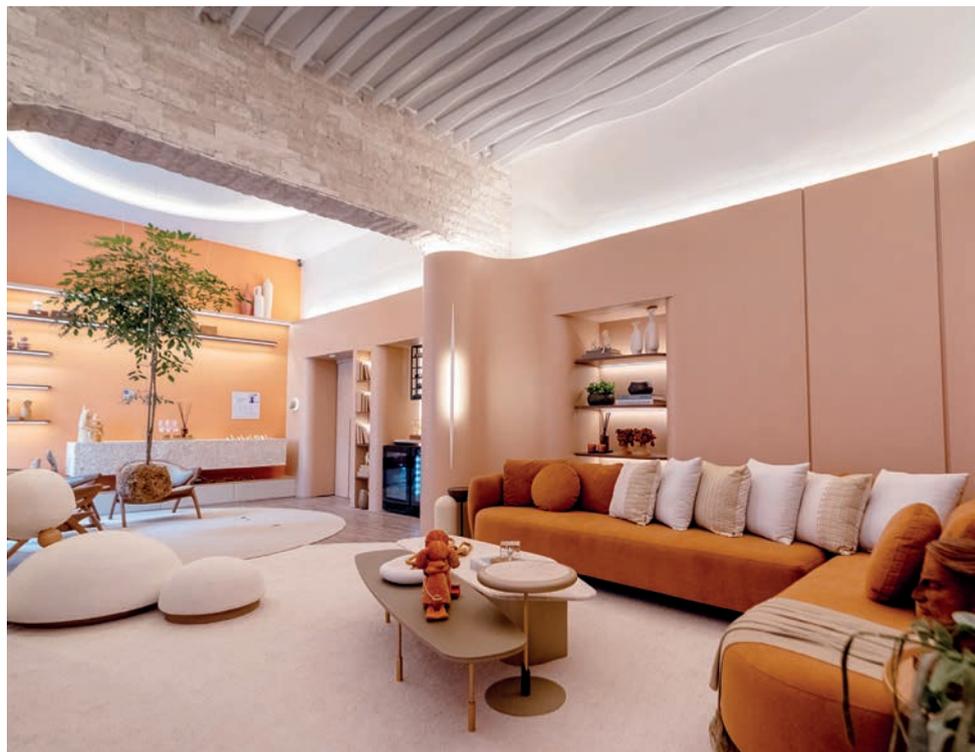


Pedro Chezzi (Bahia)

***Em 2026,
estão previstos 22
eventos: 19 no Brasil
e três noutros
países da região***

CASACOR é uma plataforma de visibilidade e expressão criativa ilimitada para arquitetos, designers, paisagistas e marcas.”

A sustentabilidade, a inovação e a diversidade também se afiguram como pilares centrais. A mostra é certificada como evento “Lixo Zero” pelo quarto ano consecutivo, com 99,8% dos resíduos desviados de aterro. A organização privilegia técnicas construtivas leves e secas para minimizar o impacto ambiental e realiza compensações de carbono anualmente. A diversidade é, também, um compromisso assumido há vários anos: “Os profissionais veem a CASACOR como uma plataforma inclusiva, onde podem expressar a sua criatividade independentemente de raça, cor, gênero ou crença.” Quanto ao futuro, as ambições são claras: “Ainda há capitais brasileiras que não contam com uma edição anual da CASACOR, como Manaus, Belém e São Luís do Maranhão. Queremos abrir franquias nessas cidades.”



Manuela Valverde (Bahia); foto ©Manu



As fundadoras da Ecoarts com Camilo Schicherle, Izabela Teixeira e Roberto Waack

Marcia Miguel fundadora da Ecoarts, Tonico Pereira, Vanessa e Herry Lorenzi, Maria Zulmira M Miguel, Marta M DeVito e Tatiana Pontifex



***A Ecoarts
Amazônia é uma
entidade sem fins
lucrativos que destina
o seu lucro ao plantio e
preservação de floresta
na Amazônia
Brasileira***



Maria Zulmira Martins, Mae de 7, fundadora e alma mater da Ecoarts Amazonia



Harri Lorenzi autor do prefacio do livro e maior etnobotanico brasileiro

Seeds of Change *Amazônia Profunda*

Lançamento oficial do livro 'Seeds of Change - Amazônia Profunda'. Uma semente em transformação, feita com coragem e coração. Mais do que um livro, um testemunho vivo. Das florestas que nos antecedem. Dos saberes que nos atravessam. Com raízes no coração do Brasil, 'Seeds of Change' foi lançado no recém-inaugurado espaço Casa da Floresta (SP), lugar itinerante de experiência imersiva na floresta mais famosa e menos conhecida do mundo. O livro contou com vários apoios, entre eles DSM-Firmenich, Suzano, YVY, Brasileira, Arara e Leograf.



Familia Ecoarts e fundadoras Marcia M Migue, Miriam Schlieper, Maria Zulmira Miguel, Maristela e Monica Miguel, Ruth Bustamanet e Adriana Rosas ao centro



Roberto Waack, Instituto Arapyau e Concertação Amazonia com as gêmeas autoras do livro, Marcia Martins e Marta DeVito



Cabocla Trancoso, Marcia Martins e Denise



Marcia Martins e Caroline Putnik



Tonico Pereira, Tatiana Pontifex Marcia Martins e Caroline Putnik



Maria Zulmira Miguel, Adriana Rosas, Monica Miguel, Miriam Schlieper, Patricia Nogueira presidente da DSM Firmenich e Noemia Busnello



Marta DeVito, Izabela Teixeira e Roberto Waack



Fabiana Schaeffer e Diretoria IVY Incorporadora







UMA EXTRAORDINÁRIA SUMMER TOUR *com a Bentley Porto*

Este verão, a Bentley Porto voltou a brilhar no coração do Algarve com uma presença exclusiva na emblemática Quinta do Lago, entre 21 de julho e 16 de agosto. No Quinta Shopping, os visitantes foram recebidos num ambiente de sofisticação, onde puderam admirar de perto os modelos mais recentes da marca, incluindo o imponente Continental GTC Black Edition — cuja chave esteve guardada em exposição num cofre de autor concebido pela prestigiada Boca do Lobo, símbolo da parceria entre duas marcas que partilham a mesma visão de exclusividade e design. O evento contou ainda com um elegante Lounge Bentley Porto e uma memorável Cocktail Party juntando as parcerias inesquecíveis deste Verão contando com a presença da David Rosas, Boca do Lobo e Panerai. No Hotel Quinta do Lago, os entusiastas tiveram a oportunidade de experienciar a performance incomparável da Bentley ao volante de modelos icónicos, num cenário idílico onde a natureza e a engenharia de excelência se encontram.

Mais do que um evento, esta edição da Bentley Summer Tour foi uma celebração do requinte, da inovação e da arte do detalhe — valores que definem o ADN Bentley





Cosentino City Lisboa: *design e funcionalidade*

A Cosentino apresentou a nova Cosentino City Lisboa — um espaço onde o design, a funcionalidade e a tecnologia se encontram para valorizar a arte de cozinhar. O ambiente, agora mais versátil e sofisticado, integra uma área de showcooking equipada com tecnologia de ponta da alemã Gaggenau — incluindo a inovadora placa de indução invisível —, que permite experiências culinárias exclusivas. O evento de lançamento contou com a presença de arquitetos, designers, parceiros da marca e do renomado chef Henrique Sá Pessoa, que descobriram, em primeira mão, a nova proposta da Cosentino para celebrar o acto de cozinhar como expressão criativa, social e sensorial.



***Cosentino
reinventa o
espaço da cozinha
com tecnologia
de ponta e foco
na experiência
sensorial***



PORSCHE

Ícónico. Desde 1963.

O 911. UM ÍCONE QUE CONSEGUE TOCAR.

Descubra-o no Centro Porsche Porto.

Centro Porsche Porto
Rua Manuel Pinto de Azevedo, 414
4100-320 Porto · Portugal
Tel: +351 226 167 280
(chamada para rede fixa nacional)
www.porsche-porto.com





PATEK PHILIPPE
GENEVE



BEGIN YOUR
OWN TRADITION



A COLEÇÃO CUBITUS

NUNCA SOMOS VERDADEIRAMENTE DONOS DE UM PATEK PHILIPPE.
APENAS CUIDAMOS DELE PARA A GERAÇÃO SEGUINTE.

PATEK PHILIPPE BOUTIQUE
LISBOA · AVENIDA LIBERDADE 12D

PATEK PHILIPPE OFFICIAL RETAILER
PORTO · DAVID ROSAS | AV. DA BOAVISTA 1471